UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Câmpus de São José do Rio Preto

Ubiratã Arruda de Aquino Tubis Martins

A PELE EM DESTAQUE:

análise de enunciados aderentes e aforizantes em tatuagens escritas

São José do Rio Preto

2025

Ubiratã Arruda de Aquino Tubis Martins

A PELE EM DESTAQUE:

análise de enunciados aderentes e aforizantes em tatuagens escrituras

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (UNESP), no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Orientador: Prof.ª Dr.ª Anna Flora Brunelli

São José do Rio Preto

2025

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Quanto às contribuições desta pesquisa ao povo brasileiro, consideramos que a descrição de nosso objeto de pesquisa pode prover benefícios naquilo que tange a um objetivo dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas, a saber: o *Objetivo 16 – Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas a todos os níveis*, especialmente no que tange à meta 16.6: *desenvolver instituições eficazes, responsáveis e transparentes em todos os níveis*. O estudo discursivo de tatuagens, enquanto pesquisa que propõe uma abordagem diferente ao estudo de seu objeto, permite-nos divisar valores e tendências construídas por uma sociedade, sobretudo quanto àquilo que os indivíduos dizem a si mesmos, e munir a Análise do Discurso, disciplina que possui potencial para a formação crítica de discentes, com novas maneiras de descrever como uma sociedade lida com seus materiais e, neste caso, como os indivíduos lidam com seu próprio corpo, de forma que seja possível que instituições eficazes tenham ciência desses sintomas.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

Regarding the contributions of this research to the Brazilian people, we consider that the description of our object of study can provide benefits in relation to one of the Sustainable Development Goals of the United Nations' 2030 Agenda, namely: *Goal 16 – promote peaceful and inclusive societies for sustainable development, provide access to justice for all, and build effective, accountable, and inclusive institutions at all levels*, especially with regards to target 16.6: *develop effective, accountable, and transparent institutions at all levels*. The discursive study of tattoos, as a research that proposes a different approach to its object of study, allows us to discern values and trends constructed by a society, particularly regarding what individuals say to themselves, and it allows us to equip Discourse Analysis, a discipline with the potential for the critical education of students, with new ways of describing how a society deals with its materials, particularly, in this case, with how individuals deal with their own bodies, thereby enabling effective institutions to become aware of these symptoms.

2025

UBIRATÃ ARRUDA DE AQUINO TUBIS MARTINS

A PELE EM DESTAQUE:

Análise discursiva de enunciados aderentes e aforizantes em tatuagens escritas

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.
Área de Concentração: Análise Linguística

Data da defesa: 28/11/2025

Banca Examinadora:

_____

Profa. Dra. Anna Flora Brunelli
Unesp – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – *Campus* de São José do Rio Preto

_____

Prof. Dr. Sírio Possenti
Unicamp – Instituto de Estudos da Linguagem

_____

Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti
Ufscar – *Campus* de Sorocaba

_____

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Unesp – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – *Campus* de São José do Rio Preto

_____

Profa. Dra. Gisele Cássia de Souza
Unesp – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – *Campus* de São José do Rio Preto

Aos meus pais.
A todos e tudo próximo ao meu coração.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 88887.670287/2022-00. Agradeço, em primeiro lugar, à CAPES, que contribui para o avanço da ciência no Brasil por meio do fornecimento de condições para a pesquisa.

Agradeço à minha família, à minha mãe, Cristina Arruda de Aquino Tubis Martins, e ao meu pai, Nelson Tubis Martins, por todo o apoio incondicional e por terem feito eu ser quem sou e me ensinado a lidar com um mundo tão espantoso — e tão interessante. Se não fosse pela sua criação, eu não teria tanto gosto de pensar e de descobrir.

Agradeço aos meus queridos amigos, sem os quais eu não conseguiria viver comigo mesmo. Agradeço, especialmente, a Lucas Gimenez Tarantini, por fazer parte da minha vida de forma tão agradável e sincera e por ser essa pessoa que é. Agradeço a Giovana Lara de Moraes Cardoso e a Diego de Souza Rodrigues, pela companhia sempre humorosa de toda sexta-feira, não importa onde estivermos. Agradeço, também, ao Mar, por fazer parte da minha vida de forma tão bonita e alegre.

Agradeço a todos que tornaram possível essa pesquisa indiretamente, sem exceção. Não é à toa que uso “nós” na escrita deste texto.

Agradeço à Profa. Dra. Anna Flora Brunelli, minha orientadora, por sempre acreditar em mim e me apoiar em momentos dificílimos. Agradeço a você pela paciência em lidar com meus caprichos de escrita, meu turbilhão de ideias e distrações. Agradeço por me mostrar como o conhecimento pode ser tão encantador e por me colocar no chão quando tento chegar muito próximo ao Sol. Agradeço, sobretudo, pelo seu compromisso em ser minha orientadora.

Agradeço imensamente ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, por sempre colocar novos caminhos para minha pesquisa e pela paciência em lidar com os momentos em que eu não via superação dos obstáculos ao conhecimento. Agradeço, além disso, a gentileza de participar tanto no Exame de Qualificação como na Defesa de Mestrado.

Por fim, agradeço imensamente ao Prof. Dr. Sírio Possenti tanto pela produção intelectual gigantesca e pelas traduções as quais tive acesso para minha pesquisa. Agradeço, além disso, por aceitar participar tanto no Exame de Qualificação como na Defesa de Mestrado.

A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,
foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infrequentíssimos,
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.
Puro susto e terror.

(Adélia Prado, 2015, p. 24)

RESUMO

Com base na Análise do Discurso de linha francesa, nosso objetivo é analisar as relações de aderência e identificar enunciados aforizantes em tatuagens escritas, de forma a categorizar regularidades sintático-semântica e descrevê-las discursivamente mediante o conceito de enunciados aderentes (Maingueneau, 2022) e frases sem texto (Maingueneau, 2014). Dessa maneira, objetivamos contribuir para os estudos discursivos de objetos de pesquisa inusitados na Análise do Discurso, escassos no que tange aos enunciados aderentes tatuados. Para tal, empregamos o conceito de enunciado aderente e de aforização (Maingueneau, 2014, 2022), as reflexões de Lipovetsky (2004) sobre hipermodernidade e de Le Breton (2004) a respeito das modificações corporais, em conjunção com a Gramática de Construções (Goldberg, 2019; Traugott; Trousdale, 2013) para averiguarmos regularidades de padrões construcionais em diversos níveis de esquematicidade e de categoria gramatical e associá-los aos enunciados aderentes. Nosso córpus é composto por 683 imagens de tatuagens coletadas do site *Pinterest* até o dia 10 de maio de 2023 segundo o critério de serem enunciados com partes verbais em língua portuguesa. As regularidades revelam tendências explicadas tanto pela relação de aderência com a pele e pelas influências da hipermodernidade no indivíduo inscrito nessas condições. Além disso, o enunciado aderente tatuado mostra diversas adesões ao indivíduo-suporte: em termos de seu campo axiológico, sua forma de viver, suas relações com outros indivíduos etc.

Palavras-chave: enunciados aderentes; tatuagens escritas; análise do discurso; linguística.

ABSTRACT

Drawing on French-line Discourse Analysis, this study aims to examine relations of adherence and to identify aphorizing utterances in written tattoos. Our objective is to categorize syntactic-semantic regularities and to describe them discursively through the concept of adherent utterances (Maingueneau, 2022) and textless phrases (Maingueneau, 2014). Therefore, we seek to contribute to discursive studies of unconventional research objects in Discourse Analysis, which are scarce concerning tattooed adherent utterances. To this end, we employ the concepts of adherent utterances and aphorization (Maingueneau, 2014, 2022), the reflections of Lipovetsky (2004) on hypermodernity and of Le Breton (2004) on body modifications, in conjunction with Construction Grammar (Goldberg, 2019; Traugott & Trousdale, 2013), allowing us to investigate regularities of constructional patterns across various levels of schematicity and of grammatical categories, and to associate them with their respective adherent utterance. Our corpus comprises 683 tattoo images collected from the website *Pinterest* until May 10, 2023, based on the criterion of being utterances with verbal components in the Brazilian Portuguese language. The revealed regularities indicate trends explained both by the relation of adherence to the skin and by the influences of hypermodernity on the individual inscribed within these conditions. Furthermore, the tattooed adherent utterance demonstrates various forms of adherence to the individual as its support: in terms of their axiological field, their way of life, their relationships with others, and so forth.

Keywords: adhering utterances; written tattoos; discourse analysis; linguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Períodos e eixos de análise da história da tatuagem 36
Figura 2 – Modelo composicional de organização da gramática 67
Figura 3 – Elementos, componentes e unidades de uma construção 73
Figura 4 – A composição da construção 74
Figura 5 – Gradiente de relações hierárquicas entre construções 77
Figura 6 – Interface do site Pinterest no perfil “Tattoo2me Tatuagens" 79
Figura 7 – O *continuum* parataxe-subordinação. 115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipo, frequência, exemplos e porcentagem de padrões construcionais suboracionais de núcleo nominal....92
Tabela 2 – Frequência *token* de constructos do padrão [N_{COMUM}]$_{NU}$ 95
Tabela 3 – Frequência de sintagmas nominais comuns e de combinações de entidades semânticas....95
Tabela 4 – Frequência e exemplos de padrões construcionais de núcleo adjetival....101
Tabela 5 – Frequência de padrões construcionais de Sintagma Verbal e posições no corpo.105
Tabela 6 – Frequência, exemplos e posições no corpo das construções de aspecto frasal....111
Tabela 7 – Frequência e exemplos dos padrões construcionais argumentais das ocorrências monoargumentais. 119
Tabela 8 – Frequência token e type e posição no corpo dos padrões oracionais simples 120
Tabela 9 – Frequência token de constructos do padrão oracional simples....120
Tabela 10 – Frequência *type* e *token* do padrão construcional biargumental....124
Tabela 11 – Frequência token e posições no corpo de constructos do padrão construcional biargumental....124
Tabela 12 – Frequência e posição no corpo do padrão construcional triargumental 127
Tabela 13 – Frequência token e posição no corpo de constructos do padrão triargumental ..127
Tabela 14 – Frequência e exemplos do padrão paratático sindético 128
Tabela 15 – Frequência de articulações de orações nas ocorrências justapostas bioracionais. 130
Tabela 16 – Frequência e exemplos de construções relativas 133

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – *Continuum* sintaxe-léxico 70
Quadro 2 – Dimensões de construções 71
Quadro 3 – Entidades semânticas conforme Hengeveld e Mackenzie (2008) 89
Quadro 4 – Exemplos do padrão [N_{COMUM}]$_{NU}$ e sua posição no corpo 93
Quadro 5 - Leituras possíveis de padrões com núcleo nominal 99
Quadro 6 – Caracterização de padrões construcionais e entidades semânticas das ocorrências adverbiais e preposicionais. 103
Quadro 7 – Constructos do padrão V_{INF} 110
Quadro 8 – Tipologia de EsCo a partir de traços [±din] e [±cont]. 118
Quadro 9 – Exemplos de constructos do padrão oracional simples biargumental 123
Quadro 10 – Exemplos de constructos do padrão triargumental 126
Quadro 11 – Constructos de padrões paratáticos com três ou mais orações 132
Quadro 12 – Exemplos de construções relativas livre e restritivas 134
Quadro 13 – Tipos de enunciados tatuados. 139
Quadro 14 – Posição no corpo de enunciados aforizantes 140
Quadro 15 – Posição no corpo de enunciados da categoria Votos e Conselhos 143
Quadro 16 – Posição no corpo de enunciados da categoria Dizer de si 144
Quadro 17 – Posição no corpo dos enunciados da categoria de Homenagens 147
Quadro 18 – Posição no corpo dos enunciados da categoria de Homenagens específicas 148
Quadro 19 – Exemplos e posição no corpo de enunciados da categoria de Fórmulas 148
Quadro 20 – *Continuum* de aforização dos tipos de enunciado de tatuagens sem fonte recuperável 151

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência de ocorrências oracionais e suboracionais 85
Gráfico 2 – Frequência de tipos de padrões suboracionais 91
Gráfico 3 – Frequência de categorias no esquema [N_{COMUM}]$_{NU}$ único e coordenado ou justaposto. 93
Gráfico 4 – Padrões construcionais das ocorrências oracionais. 116
Gráfico 5 – Frequência de instanciações dos padrões construcionais biargumentais. 122
Gráfico 6 – Relação quantitativa entre os padrões construcionais simples e os padrões construcionais nominais com outros padrões 153

LISTA DE SIGLAS E DE ABREVIATURAS

ABSTR	Abstrato
AD	Análise do Discurso
ADV	Função adverbial
ADV.ASPECTUAL	Advérbio aspectual
AUX	Auxiliar
BITRAN	Bitransitivo
CIRC	Circunstancial
CIRC.FOR	Circunstancial fórico
COG	Cognição
Cont	Traço controlado de um Estado-de-Coisas
COORD	Marcador de coordenação
DEF	Definido
Des	Desinência
DET	Determinante
Din	Traço dinâmico de Estado-de-Coisas
EsCo	Estado-de-Coisas
EX	Existencial
Exp	Traço experiencial de Estado-de-Coisas
FOC	Focalizador
GER	Gerúndio
IMP	Modo imperativo
INDEF	Indefinido
INF	Infinitivo
INSERT	Entidade inserida por uma construção existencial
INTR	Intransitivo
LIVRE	Livre
LOC	Localizado
MOD	Modificador (função de)
N	Nominal
N_{COMUM}	Nominal comum
NU	Configuração de sintagma nucleado sem extensões
OBL	Argumento oblíquo (função de)

OD	Objeto direto (função de)
OI	Objeto indireto (função de)
OPT	Modalidade optativa
PRED	Função predicativa
PREP	Preposição
PRES.SUBJ	Presente do subjuntivo
QUAL	Qualificador (função de)
REL	Oração relativa (função de)
SADV	Sintagma adverbial
SN	Sintagma nominal
SP_{Comp}	Sintagma preposicional em função de complemento
SR	Sintagma relacional
SX	Sintagma
SUJ	Sujeito (função de)
TAMN	Tempo, Aspecto, Modo e Negação
TRAN	Transitivo
V	Verbo
VOC/INTERJ	Vocativo ou Interjeição

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 17

1 O CORPO, A TATUAGEM E O MAL-ESTAR 21

1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOCIOLÓGICAS E PSICANALÍTICAS SOBRE O CORPO 25

1.2 UMA HISTÓRIA DA TATUAGEM NAS SOCIEDADES OCIDENTAIS E NO BRASIL 30

1.2.1 A tatuagem nas sociedades ocidentais 31

1.2.2 A tatuagem no Brasil 35

1.2.2.1 A fase ambulante 36

1.2.2.2 A fase artesanal 39

1.2.2.3 A fase profissional 40

1.3 OS TEMPOS HIPERMODERNOS 42

1.4 AS QUATRO ERAS DA ESTETIZAÇÃO DO MUNDO 46

1.5 ALGUMAS CONCLUSÕES 50

2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS 54

2.1 A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA 54

2.1.1 As tendências atuais em AD 56

2.2 REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS 56

2.2.1 Enunciação aforizante (Maingueneau, 2014) 57

2.2.2 Enunciados aderentes (Maingueneau, 2022) 62

2.2.3 A particitação (Maingueneau, 2008, 2014) 65

2.2.4 Gramática de Construções (Goldberg, 2003, 2019; Croft; Cruse, 2004) 66

2.3 MONTAGEM E ORGANIZAÇÃO DO CÓRPUS 78

3 ANÁLISE 88

3.1 ANÁLISE DE PADRÕES CONSTRUCIONAIS E DA ADERÊNCIA DE SEUS ENUNCIADOS 88

3.1.1 As ocorrências de natureza suboracional 88

3.1.1.1 Padrão suboracional com núcleo nominal 91

3.1.1.2 Padrões com núcleo adjetival 100

3.1.1.3 Padrões Adverbiais 103

3.1.1.4 Padrões de Sintagma Verbal 105

3.1.1.5 ***Algumas conclusões acerca dos padrões suboracionais*** ***110***
3.1.1.6 ***Construções de aspecto frasal*** ***111***
3.1.2 Ocorrências de natureza oracional 114
3.1.2.1 ***Padrões construcionais simples*** ***119***
3.1.2.2 ***Padrões construcionais complexos paratáticos*** ***128***
3.1.2.3 ***Padrões construcionais complexos subordinados*** ***133***
3.1.2.4 ***Algumas conclusões a respeito dos padrões oracionais*** ***135***
3.2 MAPEAMENTO DE AFORIZAÇÕES 136
3.2.1 Enunciados aforizantes 140
3.2.2 Votos e conselhos 141
3.2.3 Dizer de si 144
3.2.4 Homenagens 146
3.2.5 Homenagens específicas 147
3.2.6 Fórmulas 148
3.2.7 O *continuum* aforizante-pouco aforizante 149
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 152
REFERÊNCIAS 156
DADOS CURRICULARES 162

1 INTRODUÇÃO

A prática da tatuagem tem evidências históricas que datam de, pelo menos, 3300 AC (Deter-Wolf *et al*, 2016) e possui funções que variam sócio-historicamente, especialmente se levarmos em conta os diversos estatutos e funções da arte ao longo dos séculos (Lipovetsky; Serroy, 2015). Sua redescoberta no ocidente incorre em diversos processos de ressignificação (Souza, 2020) até que, atualmente, ela possua o estatuto de marca estética e expressiva de si.

Muitos são os motivos que podem fazer uma pessoa se tatuar e diversas áreas já os localizaram como centro de seus estudos. Não é incomum encontrar estudos da Antropologia (Pérez, 2006), Sociologia (Le Breton, 2004, 2007) e Psicologia (Rodrigues; Carreteiro, 2014; Anzieu, 1989) acerca dos motivos que levam o sujeito ocidental a se tatuar, das implicações de identidade, potência criativa e emancipação e dos efeitos que isso possui para seus respectivos campos do conhecimento.

Na Linguística, e em especial na Análise do Discurso, poucos são os estudos que abarcam a tatuagem num viés discursivo. Alguns destes trabalhos são os de Marie-Anne Paveau (2010) e de Sandro Braga (2009); a autora propõe, a partir do que chama de "corpografese" uma renovação das teorias da enunciação devido às implicações da incompatibilidade da teoria *standard* acerca do estatuto do circuito linguageiro pressuposto pela tatuagem. Já o autor propõe uma visão pecheutiana e bakhtiniana da tatuagem enquanto gênero do discurso, perspectiva diferente daquela adotada neste trabalho.

A tatuagem, conforme Maingueneau (2022), é definida como enunciado aderente, isto é, um enunciado que possui algum grau de aderência e atribuição ao suporte com o quais aquele está contíguo. Isso implica, como diz o autor, levar em consideração aspectos que fogem do verbal, como embalagens de produtos, quadros em museus, monumentos municipais e, justamente, o corpo.

O estudo dos enunciados aderentes é relativamente recente e se mostra um terreno fértil para pesquisas e novas contribuições, de forma que o presente estudo se posiciona como uma análise incipiente destes e, em especial, das tatuagens escritas inscritas na lógica da aforização (Maingueneau, 2014). Nosso estudo mostra-se relativamente inédito, se considerarmos o caráter recente da proposta, na análise do discurso, de considerar outros enunciados em que o suporte se mostra parte mais saliente para a determinação de seu sentido, ainda mais considerando que este suporte é um sujeito, cujas "funções" variam, diferentemente da embalagem de um produto em relação mercantil. A análise do objeto em si não é recente, mas o cruzamento entre a análise do discurso e as tatuagens o é e as implicações desse encontro

mostram-se férteis para o desenvolvimento do conceito de enunciados aderentes. Nesse sentido, devido à escassez de pesquisas com esse objeto na Análise do Discurso, nosso trabalho tratará de aspectos gerais do tema em questão.

Objetivamos verificar as regularidades sintático-semânticas e discursivas das tatuagens escritas realizadas no Brasil atualmente, para que possamos, enfim, estabelecer algumas relações entre os padrões linguísticos e sua aderência ao corpo. Além disso, procuramos mapear enunciados aforizantes e estabelecer suas relações quando atravessados pela noção de enunciado aderente.

Nosso *corpus* se valeu do arquivo de fotos no *site* Pinterest, no perfil de um *blog* intitulado "o maior blog de tatuagem do Brasil"[1], *Tattoo2me*. O perfil no Pinterest[2] contava, à época, com 1.1 milhões de seguidores e 7.4 milhões de visualizações mensais. O título da pasta de arquivos é *Lettering Tattoo / Tatuagem escrita* e contém cerca de 1200 *pins*[3], dos quais 683 foram selecionados até o dia 10 de maio de 2023 segundo o critério de serem enunciados com partes verbais em língua portuguesa.

No início desta pesquisa, deparamo-nos com um *corpus* extenso e extremamente heterogêneo, o que nos levou à primeira pergunta de pesquisa: o que caracteriza uma aforização na tatuagem? Existem índices sintáticos, semânticos, lexicais etc.? Como abordar enunciados suboracionais, ou seja, sem verbo finito? Maingueneau (2014) nos oferece algumas pistas para identificar as aforizações, porém, seu caráter é *frasal* (o que inclui construções binárias, comuns aos provérbios, como "Tal pai, tal filho"), isto é, pode convergir para a oração, mas não implica uma exclusão automática de frases sem verbo. Como a quantidade de ocorrências suboracionais era alta, encontramo-nos obrigados a considerá-las como aforizações em potencial, ou estabelecer um recorte baseado em frases nominais que se assemelhem, em termos de predicação, a orações para submetê-las à categorização de aforização. Tendo em vista essas questões, organizamos nossa análise de forma a estabelecer observações gerais para todas as ocorrências.

Vale ressaltar que a escolha do *corpus* implica uma escolha de interpretação: o *blog* *Tattoo2me* é um *blog* de divulgação de tatuadores e exposição de seus trabalhos. Conforme os postulados de Paveau (2021), esse *blog* funciona como uma extensão de práticas pré-digitais, o que não o classifica como pertencente a um discurso digital nativo. Enquanto *blog* de divulgação, suas fotos tendem a mostrar somente a tatuagem e a parte do corpo em que foi feita,

[1] Cf. https://blog.tattoo2me.com/. Acesso em 05/08/2025.
[2] Disponível em https://br.pinterest.com/tattoo2me/ . Último acesso: 10 de maio de 2023.
[3] Arquivos de fotos.

sem acréscimos contextuais acerca do ambiente (que são os próprios estúdios de tatuagem) e do corpo tatuado. Somos limitados a leitores dessas tatuagens expostas para fins de divulgação do tatuador, de forma que nossos recursos de interpretação imediatos são reduzidos. Se tivéssemos acesso às narrativas dos tatuados, poderíamos, por exemplo, confirmar ou infirmar hipóteses acerca da atribuição do enunciado a um campo axiológico específico do tatuado, ou aos momentos específicos em que ele se relembra de suas tatuagens, ou, até mesmo, aferir se o enunciado simples, sem traços estilísticos mais singularizantes e atribuíveis a um enunciador específico e conhecido, possui uma fonte recuperável. Por fim, a facilidade para agrupar o *corpus* foi o componente principal que nos incentivou a adotar esse tipo de seleção.

Por fim, esta pesquisa está organizada nas seguintes etapas:

No capítulo 1, tratamos de características gerais acerca da conjuntura que permite a prática da tatuagem nos dias de hoje. Isso implica observações acerca do estatuto do corpo, da tatuagem e dos motivos gerais que levariam um indivíduo a se tatuar. Mobilizamos autores da Psicanálise, da Sociologia, da História e da Filosofia para que possamos, a partir de suas reflexões, estabelecer as coordenadas gerais de interpretação desses enunciados aderentes.

No capítulo 2, explicitamos os fundamentos teórico-metodológicos que darão base à análise linguística e discursiva. Utilizamos os pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, em especial a partir dos postulados de Dominique Maingueneau (2014, 2022) e, na qualidade de teoria auxiliar, nos valemos da perspectiva da Gramática de Construções (Goldberg, 2003, 2019; Croft & Cruse, 2004), para que possamos identificar os pareamentos esquemáticos de forma e significado que constituem a face linguística dessas ocorrências. A escolha da gramática de construções se deve à sua unidade de análise — a *construção*, definida como um pareamento de forma e sentido, de maneira que essa sua perspectiva possibilita uma melhor integração dos dados construcionais às interpretações sobre a relação aderente. Pelos graus de esquematicidade e abstração implicados nas redes de construções, podemos fazer afirmações mais gerais a respeito dos padrões linguísticos mais frequentes, ao mesmo tempo que, em níveis mais específicos, podemos relacionar os constructos com a posição que eles possuem no corpo e sua relação de aderência. A contraparte funcional de uma construção permite, também, que relacionemos certos padrões linguísticos a certas formas de aderência diferentes dentro de um mesmo suporte.

No capítulo 3, iniciamos a análise com o objetivo de encontrar regularidades sintático-semânticas de todo o córpus, de forma geral, e relacioná-las à aderência implicada por esses enunciados para, depois, procedermos a um mapeamento de enunciados aforizantes e relacionarmos as ocorrências às funções gerais da tatuagem.

O capítulo 4, por sua vez, dá lugar para as considerações finais acerca dos resultados mais frequentes e dos encaminhamentos para pesquisas futuras.

1 O CORPO, A TATUAGEM E O MAL-ESTAR

Antes de iniciarmos a exposição, elaboramos alguns comentários sobre o estado de arte dos Estudos Corporais [*Body Studies*], especialmente no que tange às diversas perspectivas acerca do corpo e suas práticas nas humanidades e, principalmente nas ciências sociais.

Sabemos, na Análise do Discurso, que nenhum discurso é imune à heterogeneidade: eles são, com efeito, constituídos dela (Maingueneau, 2008). O caso do corpo nas ciências sociais não é diferente desse princípio. Para estabelecermos, de forma breve, as diferentes perspectivas nessa disciplina, utilizaremos o *Routledge Handbook of Body Studies* (2012), organizado pelo sociólogo Bryan Turner, para discussões acerca dessa heterogeneidade e utilizaremos *Regulating Bodies: essays in Medical Sociology* (1992), do mesmo autor, para estabelecermos quatro coordenadas gerais para diferenciar as abordagens variadas.

De maneira bem geral, o lócus de maior divergência é o estatuto ontológico do corpo, em que são encontrados dois enquadramentos analíticos diferentes: o fundacional e o anti-fundacional. Os pesquisadores da primeira abordagem buscam

> entender o corpo como uma experiência vivida, ou compreender a fenomenologia da corporeidade, ou entender como as condições biológicas de existência afetam a vida cotidiana e na organização das populações humanas em uma escala maior, ou buscam entender como as demografias históricas das sociedades influenciaram o curso da história humana, ou procuram analisar as interações complexas entre sistemas orgânicos, enquadramentos culturais e processos sociais (Turner, 1992, p. 48, tradução nossa).

Já os pesquisadores da abordagem anti-fundacional definem o corpo

> como um discurso sobre a natureza das relações sociais, ou compreendem-no como um sistema de símbolos, ou buscam entender como práticas corporais seriam metáforas para estruturas sociais maiores, ou entendem o corpo como uma construção de poder e saber na sociedade ou percebem o corpo como um efeito do discurso social (Turner, 1992, p. 48, tradução nossa).

A dicotomia fundacional/anti-fundacional também é utilizada no *Routledge Handbook* (2012) por Darin Weinberg, porém com uma definição mais pungente: fundacional refere-se às "crenças que, presumidamente, alegam uma verdade fundamental e transcendental, a qual é perfeitamente imune à influência social" (Weinberg, 2012, p. 154). Enquanto entendemos que essa definição tem aplicabilidade em casos de reducionismo biológico ou idealismo, para mapearmos as perspectivas gerais, adotaremos a definição de Turner (1992).

Além dos dois enquadramentos analíticos, Turner (1992) também diferencia as abordagens conforme sua epistemologia: os construcionistas sociais e os anticonstrucionistas. Os primeiros acreditam que o corpo é construído socialmente por meio de práticas discursivas, enquanto os segundos acreditam que o corpo existe independentemente das formas discursivas que o representam (Turner, 1992, p. 49). É evidente, no entanto, que haja gradação entre esses posicionamentos: alguns são mais radicalmente anti-fundacionais e construcionistas sociais, outros dão espaço para uma ontologia biológica mínima, como é o caso de Bryan Turner, na leitura de Weinberg (2012). Outros aparentam reconciliar esses dois posicionamentos, utilizando-se de fontes que dão argumentos para ambos os lados. Citamos duas vertentes sociológicas como exemplo e elaboramos seus argumentos a seguir.

A primeira vertente, e a mais predominante na Sociologia do Corpo nos inícios da disciplina, é a de Construcionismo Social, cujos primeiros teóricos propunham uma diferenciação de sua disciplina com relação à Biologia não pelas epistemologias ou métodos, mas pelo domínio do fenômeno estudado, o que fomentava a distinção natureza e sociedade, de forma que ao corpo, quando era colocado em questão, não se dava atenção no que diz respeito à sua materialidade, mas sim a seus sentidos e a sua inscrição em atividades simbólicas (Weinberg, 2012, p. 146). Essa parece ser a crítica que Pitts-Taylor (2012) faz às consequências do Construcionismo Social: a de que a matéria do corpo é relegada diante das condições sociais e históricas. Porém, Weinberg (2012) argumenta que é com o pensamento heideggeriano e com a Fenomenologia que o Construcionismo Social cria bases "anti-fundacionais" (no sentido de ultrapassarem a divisão natureza-sociedade) a partir da consideração do corpo vivido em oposição ao corpo-objeto das ciências naturais, de forma que seja possível, na Sociologia, produzir conhecimento sobre o corpo levando em conta sua materialidade.

É por meio de um movimento atribuído, de forma equivocada, exclusivamente a Foucault que a radicalização dos pressupostos construcionistas sociais tem seu início. É especialmente em seu trabalho sobre a ligação da produção de saberes aos regimes de poder historicamente específicos que Foucault afetou a credibilidade de teorias que afirmam que seu conhecimento sobre o corpo transcende a História (Weinberg, 2012). Além disso, conforme o autor, Foucault relaciona desenvolvimentos intelectuais à disciplina e à gestão de corpos, o que permitiu que os estudos construcionistas ultrapassassem a sociologia das ideias para uma sociologia do treinamento de *experts* e do uso do corpo encarnado.

Há uma discussão extensa sobre o caráter relativista e reducionista linguístico do Construcionismo Social, porém, uma definição simples seria a de Turner (2012): a defesa de que o corpo é construído socialmente mediante categorias sociais (para uma argumentação a

favor dessa vertente, cf. Weinberg (2012)). Em contrapartida, na época da publicação de sua obra, Turner (2012) argumenta que a dominância intelectual do construcionismo parece estar em um processo de mudança devido ao eclipse do pós-modernismo. O crescimento de pesquisas relacionadas às obras de Pierre Bourdieu parecia trazer uma perspectiva nova que poderia "ajudar-nos a reaver as contribuições de Mauss pela aplicação da ideia de 'técnicas do corpo' e a acatar o legado de Merleau-Ponty na superação dos problemas do dualismo corpo/mente" (Turner, 2012, p.10, tradução nossa).

A outra vertente diz respeito à neurossociologia, apresentada por Victoria Pitts-Taylor no *Routledge Handbook* (2012), cujo objetivo inicial na sociologia é apresentar o cérebro para os sociólogos, parte do corpo em falta, conforme a autora, nas descrições sociológicas. Para a autora, nessa vertente, a neurociência é utilizada para detalhar mais a materialidade do corpo e aprimorar aquilo que a autora chama de "construcionismo social extremo" (Pitts-Taylor, 2012, p. 171). Os neurossociólogos neurointeracionistas, como é o caso da vertente mobilizada pela autora, trabalham com o conceito de "cérebro social" como componente importante para o refinamento dos conceitos de *self*, de outro e de intersubjetividade. Isso é feito por intermédio de teorias como a plasticidade cerebral, que implica no cérebro como algo "construído pela interação pelo ambiente e aberto a mudanças na duração de sua vida" (Pitts-Taylor, 2012, p. 173, tradução nossa).

Para a autora, o cérebro é o ponto de concentração das questões acerca das relações entre o natural e o social (chamado de *biocultural*) e das proposições que tentam superar esse abismo, ao mesmo tempo que é um objeto facilmente utilizado para reducionismos biológicos, numa visão individualista, que "deixa, em sua maioria, o social, o intersubjetivo e o institucional às suposições funcionalistas e normativas" (Pitts-Taylor, 2012, p. 173, tradução nossa). No entanto, muitos estudos proporcionam resultados a favor do cérebro enquanto um objeto cultural, distante desse reducionismo, como os aspectos ontológicos da plasticidade e da contextualidade [*situatedness*] cerebral, além de outros resultados citados por Pitts-Taylor (2012), como o fato de redes maiores de membros de comunidade costumarem estar relacionadas ao córtex pré-frontal maior, de haver um espaço determinado no cérebro para o reconhecimento facial, de a emoção ser importante para o funcionamento cognitivo e do cérebro e da existência dos neurônios-espelho, associados às ações motoras do indivíduo e à percepção da mesma ação em outros (p. 174-175). Dessa forma, vários pensadores argumentam que a Sociologia necessita das ciências biológicas para dar embasamento empírico às suas perspectivas. A neurossociologia, assim, afirma que, embora muitas áreas da neurociência sejam reducionistas com relação à questão sociológica, há outras vertentes que abrem espaço

para uma visão menos funcionalista do estatuto biocultural do cérebro e, a partir de uma visão estratégica, que negligenciar esses dados impede a permeabilidade nos embates sobre o cérebro, de forma que a influência sociológica nesses estudos seja pequena.

Ambos os posicionamentos no *Routledge Handbook* (2012) parecem concordar com a inevitável composição social e natural do corpo, porém, Pitts-Taylor (2012) defende a necessidade da confirmação empírica das ciências biológicas, enquanto Weinberg (2012) argumenta por uma visão do "corpo natural" como não universal e histórico. É possível que a moderação com que colocam essas questões possa ser originada já na organização do livro, por Bryan Turner, que defende a indissociabilidade de ambas as "camadas" do corpo, de forma que não vemos posições radicalmente construcionistas ou biologizantes. De qualquer maneira, de nossa parte, não temos — e nem podemos — que tomar posições. Em seu trabalho, Turner (1992) argumenta que o corpo é indissociavelmente ligado a essas duas camadas, mas que sua posição é de "pragmatismo epistemológico" (p. 61), ou seja, a adaptação dos pressupostos teóricos com base nos feixes de análise possíveis do corpo como objeto de estudo: "se estamos interessados na representação social dos órgãos reprodutivos, por exemplo, então faz sentido pensar 'o corpo' como uma representação do poder" (Turner, 1992, p. 61, tradução nossa). Essa, igualmente, será nossa abordagem. Pela contiguidade ao suporte dos enunciados aderentes (Maingueneau, 2022), não podemos evitar pensar a respeito do corpo de modo fenomenológico, pelo menos: a brevidade dos enunciados pode se dar também pela dor que a tatuagem proporciona, o que, igualmente, pode ser lido socialmente como um traço de virilidade, caso a tatuagem seja enorme, como é o caso, especialmente, da tatuagem dos marinheiros, detidos e soldados no século XX, quando os métodos e os instrumentos eram mais dolorosos (Le Breton, 2004, p. 43), ou, ainda como um rito de passagem. A preferência por certas partes do corpo, em detrimento de outras, também é relacionada à dor e os métodos, tintas e instrumentos, especialmente atualmente, seguem um conjunto de saberes de biossegurança (Souza, 2020).

Pela natureza de nossa pesquisa, somos obrigados a pensar o corpo mais pelo olhar construcionista social do que o biológico e, pelos recortes realizados tanto do *corpus* como dos métodos de análise, há possibilidade de pensar o sentido dos enunciados aderentes em tatuagens mediante sua posição no corpo e os significados possíveis que isso acarreta. Os autores escolhidos para a apresentação da sociologia do corpo e para definir o estatuto do corpo alinham-se, assim, mais proximamente ao Construcionismo Social, o que pode dar a impressão de que há um consenso no campo, quando não há.

1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOCIOLÓGICAS E PSICANALÍTICAS SOBRE O CORPO

A discussão acerca do corpo proposta no presente trabalho leva em conta, principalmente, aspectos de uma noção comumente aceita contemporaneamente: a indissociabilidade da dicotomia cartesiana corpo-espírito e — e, de certa forma, por conseguinte — o corpo como algo além de uma instância puramente biológica.

Conforme Jean-Jacques Courtine nos esclarece no terceiro volume de *A história do corpo* (2008), o corpo, até o final do século XIX, foi categorizado como uma instância secundária, especialmente pelo fato de ser perscrutado por uma filosofia ainda altamente baseada no cartesianismo e na distinção corpo-espírito. Nesse recorte, temos o corpo como uma instância mecanizada, "um pedaço de matéria, um feixe de mecanismos" (p. 7) cujas implicações nada teriam a ver com o que se chamava de espírito, que, dessa forma, era a instância da qual a filosofia hegemônica predicava. No entanto, a partir do final do século XIX, a linha divisória rígida entre essas duas instâncias entrou em processo de fragmentação, de apagamento. O primeiro processo principal dessa perturbação, se assim podemos chamar, foi iniciado pela Psicanálise, com Freud, que,

> observando a exibição dos corpos que Charcot mostrava na Salpêtrière, decifrou a histeria de conversão e compreendeu o que iria constituir o enunciado essencial de muitas interrogações que viriam depois: o inconsciente fala através do corpo. Este primeiro passo foi decisivo, dado que abriu a questão das somatizações, e fez que se levasse em conta a imagem do corpo na formação do sujeito, daquilo que viria a ser o "eu-pele". (COURTINE, 2008, p. 7-8)

Para além dessa "primeira descoberta" da Psicanálise, outras duas rupturas contribuíram para essa mudança de perspectiva: (i) a do Existencialismo e da Fenomenologia (o corpo enquanto gerador de significação e encarnação da consciência[4] e o corpo enquanto aquilo do qual se tem consciência por meio do mundo, mas, ao mesmo tempo, é o "pivô do mundo"[5] , ou seja, o inverso também é verdadeiro: a consciência do mundo é mediada pelo corpo) e (ii) da Antropologia (no que se diz sobre as "técnicas corporais"[6], conceito introduzido por Marcel Mauss para designar "gestos codificados em vista de uma eficácia prática ou simbólica"[7] específicos a uma variedade de cortes de classe, gênero, religião, idade etc.). Dessa maneira,

[4] Cf. Courtine, 2008, p. 8.
[5] Cf. Merleau-Ponty, 1999, p. 122.
[6] Cf. Courtine, 2008, p. 8.
[7] Cf. Le Breton, 2007, p. 39.

foi por meio dessas três grandes (re)descobertas do corpo que, segundo Courtine, “o corpo foi ligado ao inconsciente, amarrado ao sujeito e inserido nas formas sociais da cultura.” (p. 8).

Deve-se considerar, ainda conforme o autor, que, juntamente ao impulso desestabilizador dessas (re)descobertas do corpo, adicionam-se o clima político francês especialmente após os anos 1970 e o enfoque no corpo como legado ao lado oprimido nas relações de poder: enquanto as estruturas (e aqui pode-se divisar a incipiência de uma crítica ao estruturalismo francês, relembrando a célebre aforização “As estruturas não caminham pela rua!”, de maio de 1968) e o poder encontram-se do lado do poder hegemônico, resta, do outro lado do muro, o corpo tanto orgânico como simbólico, se é que se pode distinguir essas duas facetas, com suas devidas marcas de raça, classe e gênero, como forma de reivindicação na luta política.

Dados os propósitos desta breve apresentação das reflexões sobre o corpo, limitamo-nos, quanto à perspectiva psicanalítica, a Freud (2011 [1923]) e a Lacan (1998 [1949]), duas figuras incontornáveis da Psicanálise, e a Le Breton (2007) em virtude de suas contribuições a uma sociologia do corpo.

Para além de seus estudos sobre a histeria, já colocados por Courtine (2008), Freud atribui ao corpo uma função e pertencimento particulares na terceira fase da teoria do aparelho psíquico: aquela de um aparelho composto por estruturas funcionais: o *id* [isso], o Eu e o Supereu. Inicialmente, em *Além do princípio do prazer* (2010 [1920]), Freud afirma a existência de instintos [*Trieb*] e de processos psíquicos que não se encontram sob domínio do princípio do prazer, cuja centralidade determinava o funcionamento do aparelho psíquico segundo a polaridade prazer-desprazer, ou seja, procurava-se manter a excitação do organismo constante e/ou baixa, implicando, dessa forma, em um mecanismo de repressão do desprazeroso, o que gerava um aumento nesse nível de excitação. No trabalho de 1920, portanto, Freud defende que o princípio do prazer “é uma tendência que se acha a serviço de uma função, à qual cabe tornar o aparelho psíquico isento de excitação, ou conservar o montante de excitação dentro dele constante ou o menor possível” (Freud, 2010, edição eletrônica), porém, para além desse princípio, os instintos [*Trieb*] teriam um caráter *regressivo*, isto é, de retorno ao anterior, funcionando, dessa forma, “independentemente do princípio do prazer” (Freud, 2010, edição eletrônica). É em continuação a *Além do princípio do prazer* (1920) que Freud constrói, posteriormente, em 1923, uma estruturação específica do aparelho psíquico, que se cristaliza em *O Eu e o Id* (2011 [1923]).

Finalmente, em *O Eu e o Id* (2011 [1923]), Freud, antes de chegar ao Eu como resultado de uma insuficiência na distinção entre consciente, pré-consciente e inconsciente, define esses

três últimos conceitos. "'Estar consciente'", diz ele, "é, em primeiro lugar, uma expressão puramente descritiva, que invoca a percepção imediata e segura." (Freud, 2011, edição eletrônica), logo, a consciência, por definição, mantém elementos psíquicos por intervalos curtos de tempo, de forma que esses elementos, ao se tornarem "não-mais-conscientes", digamos, se encontrem em estado de inconsciência. Aqui, Freud assinala com cautela que o inconsciente deve ser visto duplamente: para uma visão "descritiva", ou seja, de uma afirmação da existência de processos mentais para além da consciência, existiriam "dois inconscientes": o pré-consciente, em que esses elementos psíquicos permaneceriam "latentes", isto é, acessíveis à consciência, e o inconsciente, no qual o mecanismo de repressão impediria o acesso de tais elementos à consciência. Tal inconsciente seria o único descrito pelo ponto de vista dinâmico, o de interação e conflito de forças psíquicas, em contraposição aos "dois inconscientes" pela perspectiva descritiva.

Dado o acréscimo de atuação de forças psíquicas na descrição do inconsciente, Freud define a inacessibilidade de elementos psíquicos (ou, como ele também chama certas partes deles, *ideias*) à (pré-)consciência como resultado de uma certa força opor-se a isso. Dessa forma, uma das forças cuja definição recai sobre o estado em que se encontram os elementos psíquicos (sem acesso à consciência) e que caracteriza o inconsciente dinâmico será nomeada pelo autor como "repressão" [*Verdrängung*]; chama-se, por sua vez, de "resistência" o que, "durante o trabalho analítico sentimos como [...] a força que provocou e manteve a repressão" (Freud, 2011, edição eletrônica). Em síntese, até agora temos os sistemas: Consciente (*Cs*), Pré-consciente (*Pcs*) e Inconsciente (*Ics*), em que o último se distingue, principalmente, pelo seu caráter *dinâmico* e pelo mecanismo de repressão, o penúltimo se diferencia do primeiro pelo fato de manter os elementos psíquicos *latentes*, ou seja, como resíduos mnemônicos acessíveis à consciência mediante outros processos. No entanto, ainda em *O Ego e o Id* (2011), Freud relembra a insuficiência desses sistemas, se levados como os únicos no trabalho psicanalítico, de modo que se tornou necessário acrescentar uma instância psíquica que organize coerentemente os processos psíquicos na pessoa: o Eu [*das Ich*].

A esse Eu, Freud (2011) liga certas funções: a consciência, o domínio dos acessos à motilidade e o controle sobre todos os processos parciais. Dessa forma, "desse Eu partem igualmente as repressões através das quais certas tendências psíquicas devem ser excluídas não só da consciência, mas também dos outros modos de vigência e atividade." (Freud, 2011, edição eletrônica). Embora o Eu seja ligado à consciência, é ele que manifesta as resistências ao reprimido e, conforme Freud observa nas análises,

> o doente experimenta dificuldades quando lhe colocamos certas tarefas; suas associações falham quando devem aproximar-se do reprimido. Aí lhe dizemos que ele se acha sob o domínio de uma resistência, mas ele nada sabe disso, e mesmo que intua, por suas sensações de desprazer, que uma resistência atua nele então, não sabe dar-lhe nome ou descrevê-la. (Freud, 2011, edição eletrônica)

A partir daí, na obra *O Eu e o Id* (2011), Freud propõe a estruturação de partes inconscientes do Eu, dando lugar a uma ligação específica entre essa instância e o corpo. Esse Eu, ou seja, a "organização coerente dos processos psíquicos na pessoa" (Freud, 2011 [1923]), versão eletrônica), enquanto uma formação na "superfície" do aparelho psíquico, ou seja, uma interface prazer-realidade, é "sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície" (Freud, 2011/1923, versão eletrônica). Isso leva Assoun (1996) a concluir que:

> Quando Freud diz que o Eu é corporal, deve-se, pois, compreender algo como: *o Eu e o Corpo estão estruturados segundo a lógica homóloga das superfícies*. Isso equivale a dizer, não que o Eu é análogo ao Corpo, mas que a emergência da subjetividade se faz segundo essa lógica corporal da projeção. Logo, o *corpo* é o *próprio*, a primeira pessoa. (Assoun, 1996, p. 188, grifos do autor)

Assoun (1996) considera que o Eu-corpo é a função do Corpo nos estudos mais tardios de Freud, mesmo que o Corpo em si nunca tenha ascendido a um status autônomo na metapsicologia freudiana. De qualquer forma, ao colocar o corpo enquanto "subjetivação da superfície corporal" (1996, p. 189), o autor nos indica que não há uma aparelhagem mental do corpo pelo Eu, mas sim a indissociabilidade do Eu e do Corpo, enquanto aquilo que está na passagem entre o objeto e o Outro. Poderíamos dizer, então, que o Eu não "tem um corpo", mas sim que ele "é corpo".

Podemos dizer que, além da psicanálise freudiana, a psicanálise lacaniana também confere ao corpo um estatuto que ultrapasse o nível propriamente biológico: em seu ensaio intitulado "O estádio do espelho como formador da função do eu" (Lacan, 1998, p. 96-103), Jacques Lacan defende, com base em estudos biológicos, uma *antecipação* da maturação biológica a partir de uma função (naquele momento ainda somente atrelada ao Imaginário em sua teoria) de identificação do sujeito com a imagem disposta em sua frente, no espelho, o que ocorria entre o sexto e o décimo oitavo mês do bebê. Tem-se, então, que, ao antecipar imaginariamente seu corpo enquanto uma totalidade coesa (enquanto "na realidade" esse não era o caso: o corpo do bebê ainda seria um emaranhado de funções não-coesas), o bebê se identificava com algo que ele ainda não era. Para o psicanalista francês, essa identificação primordial seria a base de toda uma tentativa de enumeração de qualidades, ou melhor, toda

uma tentativa de ficcionalização da realidade, para a formação do eu, identificado, pela primeira vez, como um todo [*Gestalt*], ou seja, como corpo, unidade daquilo que antes era somente percebido como fragmentado pelo bebê. Portanto, para Lacan, o corpo como *Gestalt* é considerado o primordial de todo o funcionamento psíquico, de forma que toda a enumeração de significantes a essa imagem refletida, ato formador do eu, já é o primeiro ato de ingresso do sujeito/eu à dimensão simbólica: aquela dominada pelo significante e pelo social. Além disso, essa antecipação imaginária poderia ser um traço incipiente para a concepção do corpo enquanto algo que compartimenta dimensões além do biológico.

Todas essas contribuições, que propuseram uma via de compreensão do corpo enquanto um objeto constituído pelo simbólico, além do biológico, trouxeram condições para aquilo que o sociólogo e antropólogo David Le Breton, em *Sociologia do corpo* (1999), denomina propriamente de Sociologia do corpo, ou seja, uma "sociologia aplicada ao corpo" (Le Breton, 1999, p. 38) de forma sistemática, que o considere como objeto central de seu estudo. Segundo o autor, os indícios primeiros de uma abordagem sociológica do corpo podem ser identificados no decorrer do século XIX, mas é somente até o final do século XX que diversas contribuições "em pontilhado", a-sistemáticas surgem para que, depois dos anos 1960, com a crise da legitimidade das formas físicas e sociais de relação com o corpo, este passe por uma crítica e por uma transformação que, embora ainda reproduzam, conforme o autor, a concepção dualista do corpo enquanto posse, possibilitaram o início de um estudo sistemático das lógicas sociais e culturais que se propagam no corpo (Le Breton, 1999, p. 15).

Para Le Breton (2007), que se coloca enquanto um dos autores alinhados à sociologia do corpo, o que seria isto, o corpo? Ele é a primeira instância da existência, que medeia a relação do homem com o mundo. Essa relação de mediação, cuja evidência é construída cultural e socialmente, se insere na teia de significações culturais, por meio de educações recebidas e identificações que, já no começo da vida, formam o padrão cultural, o qual "desenha assim o estilo de sua relação [da criança] com o mundo" (Le Breton, 2007, p. 8). Essa formação não se limita à infância, mas é continuamente elaborada ao longo da vida. Por fim,

> A expressão corporal é socialmente modulável, mesmo sendo vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo. Os outros contribuem para modular os contornos de seu universo e a dar ao corpo o relevo social que necessita, oferecem a possibilidade de construir-se inteiramente como ator do grupo de pertencimento. (Le Breton, 2007, p. 9)

Para tornar esse objeto passível de aplicação sociológica, deve-se, também, percebê-lo como "uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas

culturais" (Le Breton, 2007, p. 29) e como indistinto do ator que o corpo encarna. Devemos, então, identificar qual forma cultural contemporânea fundamenta as inscrições corporais que analisaremos neste trabalho.

Ainda conforme Le Breton (2007), a estrutura simbólica "corpo" é preenchida, no ocidente e contemporaneamente, pelo conhecimento anatomofisiológico e biomédico enquanto hegemônico e oficial, sob o status científico, que pressupõe valores e concepções específicas, o que data desde o "desmantelamento dos valores medievais, as primeiras dissecações anatômicas distinguindo o homem do corpo" (Le Breton, 2007, p. 26-27), passa pela filosofia cartesiana e chega à sociedade ocidental individualista atual, em que o corpo representa o limite da soberania do indivíduo e a interrupção, a separação deste do cosmo. Isso não se dá no absoluto: a percepção do corpo enquanto isolado e isolável é indissociável de uma sociedade cuja unidade precária configura somente partes sem relação evidente e sem um princípio claro de coletividade. Estamos falando, aqui, de sociedades individualistas, cuja partilha de valores é contingente e, na maioria das vezes, indiferente ao todo.

Sua contraparte relativamente comunitária e tradicional, segundo Le Breton (2007), conceberia o corpo não como somente indissociável de seu ator, como também de todos os outros aspectos cosmológicos e circunstanciais: é por meio do corpo, enquanto representação da semelhança, da inclusão, que os agente se posicionam perante uma unidade, uma coletividade que, embora, para sociedades individualistas, cause a sensação de homogeneidade apagadora, se configura como unidade diferencial que abrange as singularidades dentro dela mesma.

Temos, então, o início, atestado tanto por Courtine (2008) como por Le Breton (2007), de uma desestabilização do dualismo cartesiano acerca da corporeidade entre o século XIX e XX, protagonizado por disciplinas como a Fenomenologia, a Psicanálise e a Antropologia/Sociologia, embora esse início pertença à sociologia "em pontilhado", para, mais atualmente, uma sociologia do corpo. Courtine (2008) considera a ruptura com o Estruturalismo enquanto fundamental para uma nova visão sobre o corpo, enquanto Le Breton (2007) vê essa crise de legitimidade e a crítica às noções tradicionais de corpo como perspectivas que ainda carregam o dualismo em seu discurso, advogando pela libertação de um corpo sem atores, corpo-posse e corpo-mercadoria.

1.2 UMA HISTÓRIA DA TATUAGEM NAS SOCIEDADES OCIDENTAIS E NO BRASIL

Para esta seção, utilizamos duas referências acerca da história da tatuagem nas sociedades ocidentais e no Brasil: Le Breton (2004) e Souza (2020), respectivamente. O primeiro autor faz um apanhado geral das diferentes funções das modificações corporais na história, passando desde o começo das religiões do Livro até a modernidade; o segundo, por sua vez, narra a transformação da perspectiva sobre a tatuagem mais especificamente no Brasil, empregando o pensamento de filósofos e sociólogos como Michel Foucault e Pierre Bourdieu para descrever certos condicionantes dessa transformação.

1.2.1 A tatuagem nas sociedades ocidentais

As tatuagens e as demais marcas corporais, em quase grande parte dos momentos de uma sociedade ocidentalizada marcada principalmente pelas religiões do Livro, era proscrita, o que

> alimenta, de um modo profundo, o estatuto durante muito tempo negativo da tatuagem e, ao contrário, a predilecção do seu recurso por indivíduos desenquadrados e que desejam, por uma razão ou por outra, afirmar a sua marginalidade e a sua indiferença em relação aos julgamentos dos outros. (Le Breton, 2004, p. 26)

No entanto, em sociedades tocadas pelo cristianismo que tinham como cultura a utilização dessas marcas, como os *Pictes*, os *Scots*, e os Bretões, exceções poderiam ser percebidas: era proibido qualquer tipo de marcação corporal se estas não tivessem relação com a Bíblia e o cristianismo. Essa regra, em contrapartida, não era universal: os primeiros cristãos eram adeptos das marcas corporais de reconhecimento, como a cruz e o monograma de cristo (Le Breton, 2004, p. 27), ou os legionários romanos tinham o nome do imperador e a data de seu nascimento no braço direito (Le Breton, 2004, p. 27), mas não se via uma homogeneidade ao longo da história a respeito dessa prática, o que não deveria ser surpreendente para um historiador e um sociólogo: se até mesmo nos escritos que diziam sobre o Absoluto fosse possível identificar momentos dessa prática como proibida, mas relativizada em outros casos "por meio de agentes além do mundano, ou por sacerdotes, em casos de libertação de povos" (Le Breton, 2004, p. 26), quem dirá sobre a realidade social, heterogênea por definição. Dessa forma,

> a tradição católica, se nunca impediu a tatuagem, limitou contudo o seu desenvolvimento aos olhos dos países de tradição protestante como os da Europa do Norte (os países escandinavos, os Países-Baixos, a Alemanha, a Inglaterra, etc.) ou os Estados Unidos, onde o facto de se marcar o corpo levanta historicamente menos reprovações que em França, em Itália, em Espanha ou em Portugal, por exemplo (Le Breton, 2004, p. 29).

Essa ambiguidade é mais presente nos povos islâmicos, principalmente aqueles que eram anteriores ao Islão, como os Berberes e os Beduínos, em que a dissuasão pelo Islão a respeito das marcações corporais foi inefetiva. Quanto ao Corão, Le Breton (2004) afirma que este nada diz sobre as marcações corporais, mas "a alteração da criação de Deus é uma falta imperdoável" (p. 30), ao ponto de outras produções religiosas do Islão condenarem aquele que se tatua. A simples menção às marcas corporais no Corão era negativa, mas "o Corão não declara nenhuma oposição de princípio a uma prática largamente difundida no tempo do Profeta" (Le Breton, 2004, p. 30). Outras práticas de decoração corporal, como a Hena, existiam, mas serviam funções principalmente profiláticas e terapêuticas.

Uma função das marcações corporais que não cessa de se repetir na história é a de marca de infâmia; Le Breton (2004) cita vários exemplos a esse respeito, que vão desde as relações de poder e de deserção na Grécia antiga até as práticas judiciárias de reconhecimento, que têm seu término na virada do século XIX para o XX. Para o autor, ao mesmo tempo que muitas marcas corporais podem indicar ritos de passagem, formas de coletivização e sociabilidade, elas podem também simbolizar a exclusão, a destituição de direitos e a morte sócio-simbólica, processo que incidia em escravos, criminosos, prisioneiros, entre outros desapossados de soberania própria.

Sigamos na História: a tatuagem na sua forma contemporânea teve sua "cena primitiva" (Le Breton, 2004, p. 40) com a viagem de James Cook, em 1769, ao Taiti, local onde é (re)descoberta a *tatou* (escrita nos relatos como *tattaw*) que logo virá a se chamar *tattoo*. Com sua disseminação no mundo ocidental, a tatuagem passa a representar, sob os olhos das classes dominantes, índices de evidência da natureza "primitiva" dos marginalizados, perspectiva não muito diferente daquela adotada pelos pesquisadores da época, em especial os criminalistas da virada do século XIX para o século XX, como Cesare Lombroso e Alexandre Lacassagne, cujos trabalhos associavam uma disposição criminosa aos aderentes dessa prática, por meio de explicações biológicas, psicológicas, etc. Le Breton (2004) caracteriza essa abordagem em geral como um profundo

> desconhecimento do significado cultural das marcas corporais nas sociedades tradicionais e do seu significado íntimo nos meios populares, os mais inclinados para a tatuagem em França e em Itália (soldados, operários, marinheiros, camponeses, artesãos). Sentimento de superioridade da civilização "branca", burguesa, portadora de "progresso", terror, perante as classes trabalhadoras percebidas como classes perigosas de costumes incompreensíveis e bárbaros. (Le Breton, 2004, p. 36)

Ainda no século XIX, as tatuagens passam por diversos grupos, principalmente aqueles do ambiente corporativo e artesanal, os marinheiros, os soldados, os detidos, os grupos mais

marginalizados da classe trabalhadora, as prostitutas etc. Para Le Breton (2004), esses grupos são "indivíduos à margem e em busca de um enraizamento identificativo, do qual não temem as consequências" (p. 38).

Dentro desses grupos, podemos perceber diversas funções das marcas corporais: recusa da sociedade, afirmação da diferença, indiferença ao julgamento dos outros, afirmação de princípios que regem a existência do indivíduo, proteção simbólica, afirmação de alguma relação particular com família, amantes ou terra natal, pertencimento a um grupo, identificação de um "tipo" de indivíduo, entre outras. Para os marinheiros e os soldados, a tatuagem tinha principalmente uma função de integração ao grupo e de reconhecimento desses indivíduos nos espaços em que circulavam; nos soldados, em especial, a tatuagem servia como forma de compartilhamento de um destino em comum, de um conflito em que lutavam etc. (Le Breton, 2004, p. 42-44). Para as prostitutas, essa prática tinha a função de afirmação de autonomia e liberdade, mas também poderia servir para alienação por um outro, que buscava identificá-las como traidoras, amantes promíscuas etc. Essa alienação poderia ser vista, também, em relações matrimoniais, em que o homem tatuava sua mulher para tê-la como posse (Le Breton, 2004, p. 46-47). Para os detidos, as inscrições corporais tinham como principal função o ódio à sociedade que os colocou nessa condição, a apropriação simbólica ou a submissão a seu destino (Le Breton, 2004, p. 52-53). Para os grupos marginais da classe trabalhadora, a tatuagem também tinha a função de desprezar a sociedade global e de estigmatização de si enquanto forma de destacar-se dela, o que os tornava, ao mesmo tempo, identificáveis como "perigosos" para as forças repressoras. Por fim, a tatuagem tinha, além das funções socialmente circunscritas, o poder de arquivo de si e de sua própria história (Le Breton, 2004, p. 54-55).

Entre os séculos XIX e XX, além da continuidade de grande parte dessas funções, a tatuagem era vista como um espetáculo — e deve-se adicionar o adjetivo "grotesco" — nas sociedades mais ocidentais: ela era um sinal de "selvageria" e era comumente colocada ao olhar em circos e feiras (Le Breton, 2004, p. 65), o que, segundo o autor, não a tornou indiferente ao olhar. Ela ainda era sinal de aviltamento e de degenerescência.

É até os anos de 1970 que a tatuagem se manteve majoritariamente às sombras das margens, ora mais saliente em subculturas, ora em grupos em condições desfavoráveis em geral (Le Breton, 2004, p. 68-72), o que, de qualquer forma, manteve sua má reputação até o fim do século XX.

Nos anos 70, em contrapartida, a tatuagem passa por um processo de reapropriação espetacular por dois grupos em específico: os *punks* e os *skinheads*. Não se deve imaginar aqui, precipitadamente, uma ressignificação da prática, mas sim a utilização de sua reputação como

forma de dissidência de uma sociedade detestada por esses grupos. A diferença desse movimento para os outros é que eles são "os primeiros a impor de maneira ostensiva no espaço público as tatuagens e os *piercings* que assinam o seu estilo de presença e a arrancar as modificações corporais das sombras onde se encontravam até então" (Le Breton, 2004, p. 72).

A partir dos anos 60, a tatuagem, especificamente, começa a ser a contraparte corporal dos *graffitis* nos muros (Le Breton, 2004, p. 74-75), ou seja, passa a expressar a vontade de sair do grande anonimato das cidades, de alargar o próprio território simbólico e a explorar lugares diversos. Desta vez, no entanto, essa vontade toma forma de uma marca que, mudando do suporte do muro para aquele do corpo, mesmo não reconhecível por alguns que a veem, ainda marca uma afirmação de existência.

A renovação da tatuagem também passa pelo grupo dos *hippies*, no final dos anos 60, na costa oeste dos Estados Unidos (Le Breton, 2004, p. 75-76). Esse grupo colocava o corpo principalmente sob a perspectiva de uma conivência com a natureza, de libertação e de prazer, de abandono dos valores estadunidenses da época e de jogar com a própria existência. Para esse grupo, a tatuagem era normalmente festiva e tinha como forma o apelo ao outro, o jogo com a própria existência, a afirmação de uma confiança e aliança com os cosmos, sem esquecer das conotações políticas e de uma ética condizente com aquilo que o grupo considerava ser "uma vida feliz".

Enquanto os *hippies* simbolizavam o corpo como aliança e união com os cosmos ou até com a sociedade, os *punks*, especialmente, eram quase diametralmente opostos: diferentemente dos *skinheads*, que brincavam com uma imagem de detentos, de militares e utilizavam a violência como forma de existência na sociedade, sempre construindo de forma nostálgica um passado tradicional que procuram defender com seus valores chauvinistas, procurando manter sua posição de classe (Le Breton, 2004, p. 77-78), os *punks* manifestam o ódio à sociedade na forma de ódio a si mesmos, ao corpo enquanto forma de inclusão do sujeito na ordem sócio-simbólica. Dessa forma, esse desprezo se manifesta como um desprezo às regras de interação, como uma utilização de tabus ideológicos, comportamentos socialmente reprováveis e violência simbólica em si mesmos. Nessa comunidade, a prática das tatuagens não era feita por profissionais, mas pelos próprios membros, de forma que as imperfeições eram abraçadas enquanto atuação do próprio grupo. Enquanto manifestação de insatisfação das próprias condições de existência nos meados dos anos 1970, a cultura *punk*

> enquadra a cólera e as frustrações da juventude inglesa confrontada com o desemprego, as dificuldades econômicas, uma reestruturação social profunda sob a mão de ferro da Senhora Thatcher. Ela radicaliza a retórica de crise que marca o

> Reino-Unido, condu-la até o gosto de um apocalipse reivindicado através de uma estética e duma ética agressivas, ansiosas. Os *punks* "brincam" com o apocalipse e perdem-se no jogo, confundindo o palco com a realidade, ou sobretudo forçando o real através do jogo (Le Breton, 2004, p. 80).

A atuação desse grupo era principalmente musical e cotidiana, de forma que os punks consideravam as ruas como o palco para sua insatisfação. Eles englobavam qualquer forma de mau gosto ou de disposição reprovável, com o objetivo de serem o "espelho abjecto da sociedade que desonram" (Le Breton, 2004, p. 81). Essa cólera, segundo o autor, era sobretudo "niilista", no sentido de que não propunham ou cooptavam a mudança, mas se colocavam como resultado daquilo que, numa ordem social, é grotesco e forcluído retornando e mostrando-se "em plena luz do dia".

Já nos anos 1980, o movimento *punk* se dissolve na vida cotidiana ou na vagabundagem (Le Breton, 2004, p. 88), embora ainda inspire diversas subculturas. Sua estridência é domesticada principalmente pelo mercado, que tornou a estética *punk* mercantilizada e luxuosa, o que, ao mesmo tempo que serviu para difundir diversas práticas, tirando dessa estética seu propósito. Nessa época, as marcas corporais

> mudam radicalmente de estatuto, usurpadas pela moda, o desporto, a cultura nascente e múltipla das novas gerações, que se diversificam igualmente numa busca de singularidade pessoal: novos estilos de tatuagem, *piercing*, *branding* (desenho ou sinal gravado na pele com um ferro em brasa ou com laser), *cutting*, escarificação, laceração, produção de cicatrizes em relevo, *stretching* (alargamento dos buracos do *piercing*), implantes sub-cutâneos, etc. (Le Breton, 2004, p. 89)

Assim, as marcas corporais, depois dos anos 1980, "escapam aos lugares marginais do sadomasoquismo, do fetichismo ou do *punk*, absorvidos por comunidades flutuantes (*punk, hard rock, techno, grunge, bikers, gays, etc.*) e propagam-se ao conjunto da sociedade por intermédio da alta costura" (Le Breton, 2004, p. 91). Na contemporaneidade, após a cooptação mercantil, as marcas corporais seguem uma nova lógica de experimentação de si, de pertença e, ao mesmo tempo, de singularidade, em que os sujeitos buscam, numa sociedade individualista, referências e valores próprios (Le Breton, 2004, p. 91).

1.2.2 A tatuagem no Brasil

Souza (2020) divide o processo de ressignificação da tatuagem no Brasil[8] em três fases que se sobrepõem, de forma que não seria viável concebê-las como discretas, ou perfeitamente divididas em épocas, mas em coocorrência no tempo. A ressignificação, para o autor, trata tanto do "(re)investimento no significado da tatuagem baseado em uma delimitação por vezes agressiva de seu campo profissional, resultando na exclusão dos inconformados", como também de um "processo de institucionalização dos espaços autorizados para sua realização, promovido a partir da sujeição ao controle do Estado por parte de uma prática historicamente marginal, associada à rebeldia, inadequação e subversão" (Souza, 2020, p. 222). O que diferencia as fases é, enfim, a predominância de uma modalidade da prática da tatuagem, com suas configurações de local, saberes, identidade, posição na sociedade ou no campo discursivo etc. diferentes. São elas, dessa forma: a fase ambulante (com seu desuso em 1960), a fase artesanal (predominando de 1960 até 1980) e a fase profissional (1980 até hoje), resumidas em um quadro.

Figura 1 – Períodos e eixos de análise da história da tatuagem

Sistematização dos períodos e eixos de análise		
Período - Fase	**Status do tatuador**	**Espaços de tatuar**
1º período – Fase ambulante (até 1960)	Ambulante	Espaços comuns
2º período – Fase artesanal (1960-1980)	Artesão	Ateliês
3º período – Fase profissional (1980-atual)	Profissional	Estúdio moderno

Fonte: Souza, 2020, p. 11.

1.2.2.1 A fase ambulante

[8] Um lembrete importante do autor é o de que o foco da pesquisa sobre a história da tatuagem no Brasil incide principalmente sobre as regiões de São Paulo e de Rio de Janeiro, em especial nas suas respectivas capitais.

Conforme Souza (2020) esclarece, não há evidências suficientes para localizar exatamente no tempo a introdução da tatuagem ocidentalizada no Brasil, de forma que seja possível somente especular que ela tenha seu início em algum momento do século XIX por meio de marinheiros nas regiões portuárias do país (p. 19). É possível, a partir de um dado histórico, contornar o período de chegada com base no dia 28 de janeiro de 1808, data da abertura oficial dos portos brasileiros às outras nações (p. 20), mas não se pode ser categórico quanto a essa afirmação, já que há possibilidade de que essa introdução tenha sido feita anteriormente sem as autorizações oficiais. Dessa forma, o período que faz referência à fase ambulante da tatuagem no Brasil teria seu início no século XIX e fim, o que significa mais marginalização de suas características centrais do que descontinuidade absoluta, em 1960.

O período em questão, como qualquer outro, é fortemente atravessado pelos valores de sua época. Conforme Souza (2020), o Brasil do começo e do meio do século XX era ainda eminentemente rural e dominado por uma aristocracia agrária, cuja elite procurava a modernização adotando modelos europeus de progresso, o que, e isso não assusta o historiador, implica uma série de conflitos e desafios. Essa época passa, principalmente, pela era Vargas, que "caracterizou-se pela expansão de políticas nacionalistas e populistas; e o vislumbre de um momento chave da política desenvolvimentista no governo de Juscelino Kubitschek" (p. 121). O Brasil recém-República tem seu início com a influência da ciência nas políticas públicas, com foco especial na medicina higienista – o discurso médico-legal –, o que não se diferencia do percurso da tatuagem nas sociedades ocidentais ilustrado por Le Breton (2004). Dessa forma, o horizonte da modernização e suas consequências demanda uma nova concepção do corpo reinventado em correspondência com a reinvenção da sociedade: um corpo "jovem, atlético, saudável e impoluto" (Souza, 2020, p. 148).

Essas condições permitem a atuação do Estado na repressão de diversas práticas consideradas das "classes perigosas", especialmente aquelas que se enquadram no modelo de ociosidade criado e criminalizado pelas elites após a abolição da escravatura (Souza, 2020, p. 38). Uma dessas práticas é a tatuagem, que é, nessa época, mais condenada do que supervisionada.

A prática da tatuagem nessa época se caracteriza pelo caráter itinerante e improvisado, como pela ausência de preocupações sanitárias e de instrumentos específicos para a tatuagem, levando ao improviso, e pela não especialização dos tatuadores. Praticava-se a punção manual de agulhas sob a pele, o que era lento, impreciso e mais doloroso (Souza, 2020, p. 25-26). Não devemos desconsiderar essas características devido à estética que ela poderia determinar: pelo contrário, Souza (2020) afirma que muitas tatuagens não faltavam no que se refere à estética;

não devemos, também, desconsiderar esses métodos como ultrapassados após a introdução da máquina de tatuar: sabemos, já em Le Breton (2004), que muitos homens, em especial os marinheiros e soldados, valiam-se desses métodos para indicar sua resistência à dor, ou aquilo que se pode chamar muito estereotipicamente de "virilidade".

As técnicas utilizadas nesse período eram, dessa forma, a tunelação, as incisões, as técnicas mistas de puncturas e incisões e a punctura por si só, a qual era feita por numerosas picadas de agulha num ângulo de 45º e alcançando apenas 0,35 milímetro da pele (Nava & Neto, 1966, p. 99 *apud* Souza, 2020, p. 23). No quesito de preocupações sanitárias, os pigmentos principais eram fuligem, carvão porfirizado, nanquim, azul da Prússia, anilinas, tintas comuns de escrever, cinábrio e carbonato de chumbo, muitos dos quais eram comumente diluídos por resíduos orgânicos do tatuador ou do tatuado, o que, segundo o autor, era mal visto pelo discurso médico-legal e hegemônico da medicina no período, mas o uso de urina ou saliva, por exemplo, era também uma prática antisséptica de medicina popular que remonta desde a Antiguidade.

O caráter de improviso, consequência da falta de configurações específicas para a tatuagem, também tem sua forma nos lugares em que se tatuava. Nesse período, Souza (2020) afirma que se fazia tatuagem em lugares comuns, com início em lugares de não conformidade ou marginalidade social, socialmente excluídos: lugares compartilhados não destinados à prática e sem adaptação, em especial os arredores de portos, devido à associação da tatuagem com os marinheiros de então, de praças, bares, hospedarias, principalmente nas habitações coletivas de trabalhadores, associadas à pobreza e à sujeira pelos higienistas, e, finalmente, os presídios.

A perspectiva que Souza (2020) adota é a de que as práticas, os lugares, as ferramentas e a posição social dos agentes são indissociáveis e imprescindíveis para uma descrição ampla da história da tatuagem. Dessa forma, os efeitos gerados por essa prática também estão associados a ela: o lugar social dos actantes, os lugares e ferramentas do ofício e a proscrição religiosa e/ou o imperativo da modernidade favoreciam uma visão explicitamente condenadora da tatuagem pelas autoridades e pelos membros de uma sociedade nesses moldes. As parcelas mais economicamente desfavorecidas da classe trabalhadora e aquelas vítimas do conceito de ociosidade da época eram justamente as que se encontravam nesse meio. São eles: os indivíduos de classe pobre às margens da economia formal, como os trabalhadores avulsos de portos, confundidos com vadios e criminosos, os operários, os marinheiros, os soldados, os vadios, os mascates, os artistas de circo, os *boxeurs*, os lutadores e as prostitutas. A tatuagem, dessa forma, servia como um indicador diferencial da barbárie e da então chamada civilização e como uma inscrição daqueles que a praticam nessa dicotomia.

É perceptível, tanto em Souza (2020), como em Le Breton (2004), a variação das funções da tatuagem nessa época e nas anteriores. No presídio, por exemplo, a tatuagem funcionava como

> um elemento de posse do sujeito sobre o seu próprio corpo, último reduto de sua personalidade e individualidade e o qual o projeto disciplinar visa destruir. Nesse sentido, o ato de se fazer tatuar pode representar o espaço ínfimo de uma manifestação *microfísica de resistência* do indivíduo ao sistema que o disciplina. Ademais, a tatuagem pode também atuar como um elemento de coletivização, de formação de uma identidade comum em uma rede de sociabilidade mais restrita (Souza, 2020, p. 150-151, grifos do autor).

Todos esses aspectos da prática, quando modificados, geram efeitos e produtos diferentes, de forma que a separação das fases da tatuagem segue justamente essas mudanças introduzidas ou gradualmente aplicadas na configuração multifacetada da tatuagem. O que se vê na segunda fase é justamente essa mudança devido à introdução da máquina de tatuar pelo tatuador dinamarquês Knud Harold Lykke Gregersen ou "Lucky" e sua permanência no Brasil, mais especificamente, no porto de Santos.

1.2.2.2 A fase artesanal

Enquanto período de transição, a fase artesanal da tatuagem no Brasil passa por um momento histórico de tentativa de modernização nacional, que esbarrava sempre nos impedimentos das políticas econômicas (Souza, 2020, p. 62), além de ser contemporânea à onda de ditaduras na América Latina, o que pode ter influenciado diversos tatuadores, dentre eles, inclusive, aqueles a cujas entrevistas Souza (2020) teve acesso como dado histórico. Segundo o autor, esses tatuadores entrevistados, seguindo o caminho do movimento *hippie* e da contracultura das décadas de 1960 e 1970, "foram levados a procurar uma alternativa de existência em uma sociedade fortemente repressora e encontraram, na tatuagem, uma possibilidade de afirmação identitária" (Souza, 2020, p. 50).

O acontecimento central nesse período é a introdução e a permanência da máquina de tatuar no dia 20 de junho de 1959, trazida pelo tatuador dinamarquês Knud Harold Lykke Gregersen, ou "Lucky". O autor nos atenta à imprecisão desse fato, ressaltando que é muito provável que a máquina de tatuar já tenha sido introduzida para os tatuadores brasileiros anteriormente, mas somente teve sua permanência com Lucky, mito fundador que garantirá capital simbólico aos tatuadores mais velhos e experientes na construção do campo da tatuagem no período de transição e no período profissional. Não sem controvérsias a respeito da autoria da invenção dessa máquina elétrica, Souza (2020) nos informa que esse dispositivo teria sido

atribuído a Samuel O'Reilly e que disporia de diversos avanços na prática de tatuar: a redução do tempo, o aperfeiçoamento técnico (traços e contornos), a melhor aplicação de pigmentos, de brilho e de cor e a vantagem de ser menos dolorido. Essa inovação, no entanto, terá problemas de acesso para os artesãos brasileiros, devido às políticas econômicas nacionais, o que nos leva às características do período artesanal: a criatividade, a inventividade e a experimentação. Foi, então, ao redor desse dispositivo elétrico e do exemplo da prática de Lucky que a tatuagem no Brasil se modificou.

Os actantes desse campo em formação tinham a demanda de saberes técnicos sobre a utilização, fabricação e manutenção desses equipamentos construídos ou no próprio ateliê ou no ateliê de outros tatuadores, o que mais caracteriza o trabalho do tatuador como um ofício ou um trabalho artesanal (Souza, 2020, p. 81-82), como ter o controle total dos processos de produção da tatuagem, posse de ferramentas e matérias primas e a fabricação dos próprios instrumentos, tintas e agulhas. A questão do acesso e dos saberes era, naquela época, muito relevante na diferenciação dos tatuadores, especialmente devido à restrição que se colocava não somente no exterior do campo de atuação, devido a contingências político-econômicas, como também no interior, com o início do jogo de capital simbólico.

Os lugares, por sua vez, acompanham a nova configuração determinada pela máquina elétrica: devido à sedentarização gerada pela necessidade de uma fonte de energia para o uso, os tatuadores praticavam seu ofício em ateliês improvisados, mas, quando eram mais adaptados ao ofício, seguiam uma configuração simplificada dos dois ambientes dos estúdios modernos: uma sala de recepção, de aspecto mais comercial, e um ambiente de realização da tatuagem, de aspecto clínico. Com a sedentarização e a formação de ateliês, o tempo para dedicação ao aprimoramento da tatuagem se estendeu e, como eram lugares comerciais, cuja menor impureza e menor visibilidade atraía uma nova clientela jovem de classe média, esses locais também funcionavam enquanto espaços de sociabilidade para formação de aprendizes, "descendentes" (Souza, 2020, p. 55), ainda que o acesso aos tutores fosse restrito.

O aprimoramento técnico também deu início a uma preocupação maior com a assepsia, que se tornará central para a formação do campo na terceira e última fase da história da tatuagem no Brasil.

1.2.2.3 A fase profissional

É na fase profissional que existe um investimento maior na construção de um campo legítimo reconhecido institucionalmente, no qual a profissionalização dos tatuadores e o

aperfeiçoamento de materiais e processos técnicos passam a ter uma ênfase mais significativa. Os actantes passam por uma fase de aprendizagem e de ingresso profissional e a acessibilidade aos produtos é facilitada devido ao crescimento da indústria nacional de suprimentos para essa prática, porém, todo esse progresso é, no início, endógeno ao campo da tatuagem, agora mais estabilizado.

Souza (2020) utiliza o conceito de campo, proveniente do filósofo Pierre Bourdieu para descrever a formação das práticas de tatuagem no Brasil. Tal noção se encontra em diversas obras do filósofo e é composta por diversas características, entre elas, as mais relevantes para o trabalho (Lahire, 2017, p. 65): i. características e regras do jogo específicas a cada campo, um microcosmo situado num macrocosmo do espaço social; ii. os actantes do campo estão estruturados no espaço em concorrência e servem funções específicas, como a de conservação e subversão do campo, explicadas endogenamente; iii. cada campo tem seu capital, o qual é procurado pelos actantes, seja para monopolizá-lo, seja para ressignificá-lo; iv. cada campo tem um *habitus* (sistema de disposições incorporadas) próprio a ele; v. por fim, cada campo tem autonomia relativa, ou seja, suas lutas têm uma lógica interna, embora a lógica externa também os afete.

Se a prática da tatuagem é um campo, os actantes no interior necessitam de seguir certas regras, certos aspectos normalizadores para legitimidade e posse de capital simbólico. Com a maior acessibilidade e a formação de legitimidade do campo, associados à cooptação da prática pelo mercado e a influência gradualmente positiva da mídia, os actantes desse espaço se encontram numa dissociação entre a "linhagem ancestral" (Souza, 2020, p. 55) de tatuadores, descendentes de Lucky, e os ingressantes em busca de possibilidades econômicas e com outras motivações, como a busca pelo ideal de liberdade e autonomia que as modificações corporais aparentam oferecer. Mesmo perante essa separação, há um consenso mais ou menos estável a respeito dos aspectos normalizadores do campo: a posse de certos materiais (o aparelho essencial da primeira década do século XXI era a autoclave) e o domínio de determinados saberes profiláticos e higiênicos e de determinadas técnicas, o que, de acordo com o autor, seria uma retradução de pressões médico-profiláticas exógenas, embora essas preocupações já tenham permeado o campo anteriormente a essa influência exógena. A determinação dessas regras forma o campo da tatuagem, mas também delimita o legítimo e o ilegítimo, em que este último se encaixa fora dos saberes e das tecnologias impostas. A referência ao ilegítimo recai, principalmente, nos tatuadores ambulantes. A manutenção dessas normas implícitas carrega duas faces: subjetivamente, manter o campo é tanto por preciosismo dos detentores do capital

simbólico como pela defesa da qualidade da tatuagem; objetivamente, os limites impostos trazem benefícios econômicos, já que aqueles acarretam limitação da oferta.

É possível perceber, conforme a definição de campo, que essas normas visam atender às demandas exógenas, seja pelas demandas econômicas, seja pelas demandas estatais de biossegurança. No entanto, embora haja essa estruturação complexa do campo, as demandas dos tatuadores pelo reconhecimento formal da profissão ainda não foram atendidas.[9]

Quanto aos atuais estúdios de tatuagem, Souza (2020) estabelece a atuação do Estado enquanto mecanismo regulador e formador de normas como fator fundamental para a sua institucionalização. O autor se vale do conceito foucaultiano de biopoder para ilustrar a intervenção estatal por meio do acionamento de saberes diferenciados e de condições específicas a respeito do local da prática da tatuagem. Além da autoclave e outros produtos, os cursos de biossegurança formam aquilo que o autor chama de "medicalização da tatuagem" (Souza, 2020, p. 186), unida à imagem asséptica dos estúdios. Podemos dizer que a combinação de exigências exógenas, a retradução endógena em estúdios e normas implícitas e a intervenção do Estado são fatores indissociáveis, no sentido de causalidade, para tanto as mudanças na prática, nos actantes e no espaço.

Ainda que a configuração exógena tenha precedido as demandas estatais, é aproximadamente no fim da década de 1970 e início de 1980, com as preocupações acerca da contaminação pelo HIV e pela hepatite, que o Estado é mobilizado à institucionalizar esses espaços, especialmente no que diz respeito à assepsia, por meio da Vigilância Sanitária.

Assim, os estúdios são configurados para serem especializados, higienizados e estruturados, de forma que aparentem limpeza, confiança e segurança. O profissional também deve apresentar essas características, seguindo os valores de organização, foco, investimento, apresentação pessoal, lucratividade, clientela, empreendimento e concorrência, característicos da influência mercadológica no campo.

1.3 OS TEMPOS HIPERMODERNOS

Para Lipovetsky (2004), a hipermodernidade é a radicalização dos pressupostos modernos, principalmente do mercado, da eficiência, da técnica e do indivíduo. A pós-modernidade, por sua vez, era mobilizada para "designar ora o abalo dos alicerces absolutos da racionalidade e o fracasso das grandes ideologias da história, ora a poderosa dinâmica de

[9] Cf. https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2023/02/23/homem-que-usou-anestesico-em-cliente-para-fazer-tatuagem-e-indiciado-por-homicidio-culposo-e-falsidade-ideologica.ghtml

individualização e de pluralização de nossas sociedades" (Lipovetsky, 2004, p. 51), tudo isso com a criação de uma nova temporalidade social presentista, com foco no aqui-agora. Suas características principais são a rápida

> expansão do consumo e da comunicação de massa; enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares; surto de individualização; consagração do hedonismo e do psicologismo; perda da fé no futuro revolucionário; descontentamento com as paixões políticas e as militâncias. (Lipovetsky, 2004, p. 52)

O autor, no entanto, não considera o termo "pós-moderno" como adequado à descrição do fenômeno e argumenta que esse período, com início aproximadamente nos anos de 1950, poderia ser, no máximo, um período de transição da modernidade para a hipermodernidade, no qual a dissolução dos centros de sentido e de referência e a euforia do presente manifestam um "tom emocional" (Lipovetsky, 2004, p. 63) otimista, frívolo e despreocupado, o que difere do tom angustiante e projetivo de uma das facetas do presente na hipermodernidade.

Diferentemente daquilo que a expressão "pós-moderno" possa indicar, a única libertação e ruptura que houve com a modernidade foi a de se ter livrado de qualquer projeto que solidificasse a modernidade em estruturas mais adequadas aos objetivos da época e que a ancorassem num passado ou num futuro determinante. Agora, o liberalismo globalizado, mercantilização quase generalizada dos modos de vida, exploração exaustiva da razão instrumental e individualização em crescimento extremado são as consequências dessa intensificação. Nisso, os contraprojetos e as contraestruturas da modernidade não são mais passíveis de crença e ação. No entanto, "nem todos os elementos pré-modernos se volatizaram, mas mesmo eles funcionam segundo uma lógica moderna, desinstitucionalizada, sem regulação" (Lipovetsky, 2004, p. 54). Essa dinâmica leva a outra diferença importante entre a modernidade e a hipermodernidade: enquanto aquela é negadora, que inscreve diversas oposições e separações, esta é integradora, no sentido em que não há exclusão de outros funcionamentos e outras tradições, todas são igualmente retraduzidas e recicladas pelos paradigmas hipermodernos.

Lipovetsky (2004) baseia-se, principalmente, nas fases do consumo sob o capitalismo para designar a hipermodernidade: no período de 1880 até 1950, já era possível entrever as condições para a segunda fase da modernidade: a taylorização, a difusão de produtos devido ao progresso do transporte e da comunicação e métodos comerciais como o *marketing*, as grandes lojas, as marcas e a publicidade. É por volta de 1950, na segunda fase do consumo, que ocorre a generalização do consumo de massa para todas as classes, ou seja, passamos do capitalismo

de produção para uma economia de consumo e de comunicação em massa, e, nessa configuração econômica, temos a dissolução das amarras das normas tradicionais sobre os indivíduos e o surgimento, no lugar do que antes era uma sociedade rigorístico-disciplinar, de uma "sociedade-moda" (pelas técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes), enquanto condicionante para a "desqualificação do passado e a valorização do novo; a afirmação do individual sobre o coletivo, graças à subjetivação do gosto" (Charles, 2004, p. 18), com um foco maior no presente e naquilo que dele pode surgir de novo.

Nesse período de transição, foi decretada a morte das grandes ideologias, dos ideais revolucionários e da eficácia, ou melhor, da esperança nas ações coletivas, as quais perderam o lugar para as felicidades privadas. Longe de ser um resultado da descrença devido ao fracasso das ideologias do século XX, Lipovetsky (2004) argumenta que aquilo que gerou essas condições foi justamente uma "revolução do cotidiano" (Lipovetsky, 2004, p. 59) no próprio presente. Dessa forma,

> A primazia do presente se instalou menos pela ausência (de sentido, de valor, de projeto histórico) que pelo excesso (de bens, de imagens, de solicitações hedonistas). Foi o poder dos dispositivos subpolíticos do consumismo e da moda generalizada o que provocou a derrota do heroísmo ideológico-político da modernidade (Lipovetsky, 2004, p. 60-61).

Essa configuração econômico-ideológica está envolvida constitutivamente em uma cultura hedonista e psicologista, onde o aqui-agora impera, e qualquer projeção para o futuro se dá pela mediação da mercadoria e as coerções que ela oferece: a promessa de um futuro eufórico, principalmente. A sociedade da dissolução da norma coletiva e da generalização da forma-moda envolta num otimismo presentista logo se desvela para uma sociedade do presente dividido entre prazer, insegurança e incerteza. Sébastien Charles (2004) caracteriza a passagem da pós-modernidade à hipermodernidade como a passagem do gozo à angústia. Antes, tínhamos a modernização da própria modernidade e o desencanto com as contraestruturas propostas por esta; agora temos o desencanto com a própria pós-modernidade, paradoxalmente constituído tanto pela frivolidade e a euforia, como pela ansiedade e a vulnerabilidade. Hoje, temos a era do *hiper*: do hiperconsumo, da hipermodernidade e do hipernarcisismo.

Sébastien Charles (2004), em sua breve introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky, elenca esses três conceitos como principais para pensar o contemporâneo. O primeiro, o "hiperconsumo", é o terceiro estágio do capitalismo tal como o filósofo o caracteriza. Essa etapa inicia-se em 1970, se estende aos dias de hoje e se caracteriza pela generalização do consumo para (quase) todas as áreas da vida social, além de tornar predominante "a hegemonia do gozo

subjetivo, do consumo em si, em detrimento dos elementos de posição e diferenciação social" (Barros & Gutemberg, 2018, p. 49), que eram característicos ainda da segunda fase, em que as lógicas hedonistas, individualistas e emotivas já estavam em cena, mas não eram tão hegemônicas como na última fase. O consumo torna-se, então, "um sentimento de eternidade num mundo entregue à fugacidade das coisas" (Charles, 2004, p. 26). O segundo, a "hipermodernidade", é usado para descrever uma "sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade" (Charles, 2004, p. 26), em que os princípios estruturantes da modernidade sofreram uma adaptação ao ritmo hipermoderno, de forma que não desapareçam. Por fim, o terceiro, o "hipernarcisismo", é o efeito da relação entre a terceira fase do capitalismo e a radicalização da modernidade: um hiperindivíduo que passa a seguir as regras elencadas por si próprio como úteis ao alcance da felicidade privada, ou seja, um indivíduo que, perante à desagregação do laço das normas tradicionais e dos centros de referência, volta-se a si mesmo em busca de alguma orientação, muitas vezes mediado pela mercadoria. O Narciso hipermoderno é, dessa forma, responsável, maduro, organizado, eficiente e flexível, mas não sem seus paradoxos: ao mesmo tempo em que são mais informados, adultos, abertos, críticos e céticos, são mais desestruturados, instáveis, influenciáveis, superficiais e menos profundos.

Ressaltamos que, entre a hipermodernidade e a pós-modernidade, "[o] que mudou principalmente foi o ambiente social e a relação com o presente. A desagregação do mundo da tradição é vivida não mais sob o regime da emancipação, e sim sob o da tensão nervosa" (Charles, 2004, p. 28). As causas principais para um Narciso angustiado são, segundo o autor, a incerteza do futuro, a imposição implacável da lógica da globalização, a competição liberal exacerbada, o desenvolvimento sem freio das tecnologias da informação, a precarização do emprego, a estagnação do desemprego num nível elevado, etc.

A questão do tempo é outro tópico importantíssimo para a descrição da hipermodernidade na obra de Lipovetsky: o tempo hipermoderno é desregulado e individualizado, ou seja, não é mais totalmente modelado conforme as instituições, mas legado à gerência do hiperindivíduo, que agora não se encontra em posição de projetar em ninguém a demanda por responsabilidade, senão nele mesmo. Enquanto, antigamente, as instituições e os centros de referência projetavam um futuro conforme suas próprias regras e coerções, hoje o hiperindivíduo vê-se atrelado a um futuro "conjugado em primeira pessoa" (Lipovetsky, 2004, p. 74), em que qualquer confiança em um futuro social é ambivalente e depende do progresso técnico-científico — hoje mais revolucionário do que a esfera da cultura, de acordo com o

filósofo —, o que cria um "futuro puro", totalmente indeterminado, no dever de se conciliar com as normas do presente.

Essa lógica de desregulamentação e desinstitucionalização do tempo, do futuro e da confiança também se aplica à crença e às práticas. Conforme Lipovetsky (2004) explica, a identidade e outros traços tradicionais que antes eram naturalizados pela ideologia e atribuídos a certos grupos, hoje são rearranjados de forma dispersa pelo indivíduo e pelos seus desejos e emoções. As reivindicações por costumes tradicionais não seriam um desejo de "voltar às coisas", mas um efeito da racionalização elevada ao paroxismo, uma criação ou retradução feita pela própria sociedade hipermoderna. Esses traços não são reivindicados como uma volta da exploração — embora em muitas vezes sejam inseparáveis dela — mas como a utilização destes para alcançar a autodeterminação e a felicidade privada, o que faz com que cada vez mais as identidades, caráter essencial da hipermodernidade, sejam particulares, fragmentando as demandas e desorganizando as ações coletivas.

O hiperindivíduo, no entanto, não se encontra totalmente determinado pelos imperativos hipermodernos: cada vez mais, informa o autor, valoriza-se a lógica qualitativa e dos sentimentos. A amizade, o amor e as relações, mesmo que não sejam invulneráveis aos pressupostos atuais, são essenciais e extensivamente visadas pelos indivíduos. Chegamos, com isso, à última característica geral da hipermodernidade: o paradoxo.

Como já exposto acima, a hipermodernidade se diferencia da modernidade também pelo fato de esta ser separadora e aquela ser integradora. As oposições modernas hoje se encontram inclusas na dinâmica hipermoderna, feitas as respectivas readequações destas. O presente, por exemplo, vê-se paradoxalmente dividido entre busca por prazer e projeção angustiada do porvir pelo hiperindividualismo. Como explica Lipovetsky:

> o hiperindividualismo é menos instantaneísta que projetivo, menos festivo que higienista, menos desfrutador que preventivo, pois a relação com o presente integra cada vez mais a dimensão do porvir. O retraimento dos horizontes longínquos levou menos a uma ética do instante absoluto do que a um pseudopresentismo minado pela obsessão com o que está *por vir* (Lipovetsky, 2004, p. 73-74).

O mesmo ocorre no cerne do indivíduo: a conquista da eficiência e da flexibilidade, demandas do tempo, do capital e da falta de sentido evidente, muitas vezes está em conflito com os ideais da felicidade terrena e individual.

1.4 AS QUATRO ERAS DA ESTETIZAÇÃO DO MUNDO

Conforme Lipovetsky & Serroy afirmam, todas as sociedades são compostas por um processo de estilização e estetização do mundo, humanizando e socializando os sentidos e os gostos. As eras da estetização, nessa obra, são altamente esquemáticas e se atualização em estruturas sociais extremamente diferentes. Os autores propõem-se a categorizar os aspectos principais dessas eras. A primeira delas é a artealização ritual, ou a "arte-para-os-deuses". Essa era pode ser localizada desde o início dos estudos da antiguidade até aproximadamente o fim da Idade Média. A artealização ritual era caracterizada pela ligação estrutural e indiferenciação das convenções estéticas, da organização social e do religioso (organização religiosa, mágica, clânica e sexual). Várias práticas, tais como a tradução da organização do cosmos, ilustração de mitos, musicalização de momentos sociais importantes, etc. são determinadas por uma função, por valores rituais e religiosos. Nessa era, a arte enforma a totalidade da vida, devido à sua indiferenciação e à sua não autonomia. A maioria dos objetos rituais são descartados ou reutilizados. Como nos explicam os autores, essa é "uma artealização pré-reflexiva, sem sistema de valores essencialmente artísticos, sem desígnio estético específico e autônomo" (Lipovetsky & Serroy, 2015, edição eletrônica).

A segunda era, a era da estetização aristocrática, ou a "arte-para-os-príncipes" começa entre a saída da Idade Média até o século XVII, quando se instauram os primórdios da modernidade estética, com a emergência da diferenciação do artesão para o artista e a autoralidade do artista-gênio e um conceito unificado de arte em seu sentido moderno. Além disso, a criação de obras independe apenas das exigências da igreja: elas também são feitas de forma a agradar um público endinheirado e instruído. A força que movimenta esses processos de estetização ainda é a da lógica social: a teatralização do poder, a representação social no molde das determinações aristocráticas e a competição por estatutos e prestígios constitutivos de uma rede social em que a relação do homem com o homem ainda é mais importante do que a do homem com as coisas, em que o gosto pela arte e a estilização do ambiente de vida são formas de autoafirmação de sua posição, de sua distinção de classe e de seu prestígio social. No que diz respeito a algumas das condições para a emergência desse modo de estetização, Lipovetsky & Serroy afirmam:

> O eclipse do universo cavaleiresco, o desarmamento dos grandes senhores, a constituição de uma sociedade e de um homem de corte, a laicização de certo número de valores tornaram possível um processo elitista de estilização das formas, de estetização das normas de vida e dos gostos[...]: uma primeira forma de sociedade estética nasceu no coração das sociedades aristocráticas do Antigo Regime (Lipovetsky & Serroy, 2015, edição eletrônica).

A próxima era é a da moderna estetização do mundo, ou a "arte-pela-arte". Esse período, que teve seu início a partir dos séculos XVIII e XIX, se deu dentro dos limites do mundo ocidental. A arte se vê autonomizada num campo mais complexo e mais diferenciado, liberta dos antigos poderes religiosos e nobiliárquicos. Essa diferenciação do campo da arte gerou dispositivos próprios, como os de seleção e consagração (academias, salões, teatros, museus, etc.), além de configurar suas leis, valores e princípios próprios de legitimidade.

A partir disso, os artistas investem numa arte liberta de demandas exógenas, uma arte por si mesma, emancipada e de criatividade liberta. Os autores afirmam que essa liberdade é relativa, visto que, mesmo que esteja liberta da Igreja, da aristocracia e comece a se libertar da burguesia, ainda assim será sujeita às leis do mercado. Nisso, dois universos artísticos se formam: o da arte-pela-arte, que despreza o dinheiro e o mundo burguês, e uma arte comercial voltada ao lucro, de "sucesso imediato e temporário" (Lipovetsky & Serroy, 2015, edição eletrônica), altamente adaptável à demanda, de obsolescência rápida e longe de riscos. De acordo com os autores, a diferença entre esses universos está na estética, no público e sua relação com o econômico. Dentro desse mundo de dicotomias modernas, temos: a arte e o comercial; a cultura e a indústria; a arte e a diversão; o puro e o impuro; o autêntico e o *kitsch*, a arte de elite e a cultura de massas; as vanguardas e as instituições.

Outro aspecto importante dessa era foi o superinvestimento nas "missões da arte", na sua função enquanto expressão das verdades mais fundamentais da vida e do mundo e enquanto condicionantes para a formação do mundo ideal e do "novo homem". Acima da sociedade, a arte se torna um poder espiritual laico, sacralizado, cujos templos são as instituições museológicas. De acordo com os autores, elas extraem as obras de seu contexto social, cultural, religioso e tradicional e as colocam suspensas do tempo, como produtos universais, atemporais e relativos à expressão do gênio criativo da humanidade, construindo uma forma de admiração e contemplação autossuficientes para essas peças. Nesse período e nessas condições, a estética passa a substituir a religião e a ética e se impõe de maneira irrestrita ao real, de forma que qualquer objeto possa ser inserido no campo pela decisão do artista.

Dos caminhos que a estetização moderna seguiu, dois principais são destacados pelos autores: por um lado, o estetismo radical da arte pura, totalmente apartado de qualquer finalidade utilitária, de função autorreferencial e dividida do real; por outro, os projetos de uma arte revolucionária "para o povo", útil e ancorada nos menores detalhes da vida cotidiana e direcionada ao bem-estar da maioria. Para os autores, ambos os caminhos fracassaram notoriamente no plano estético.

Por fim, temos a era transestética, ou a "arte-para-o-mercado". A era transestética foi possibilitada pelo processo de estetização em massa, iniciado no século XIX e com crescimento intenso na segunda metade do século XX, de forma que se trata mais de lógicas industriais e mercantis do que das contingências ou estruturas da esfera da arte propriamente dita. Assim como a sociedade hipermoderna tem como base o consumo de massa — e seu extremo: o hiperconsumo —, a sua estética é imposta como uma cultura de massa, por meio da celebração de novos valores, como hedonismo, ludismo, divertimento, moda, etc., e por meio da "proliferação dos bens materiais e simbólicos impregnados de valor formal e emocional" (Lipovetsky & Serroy, 2015, edição eletrônica).

Remodelada por lógicas de mercantilização e de individualização extremas, a era transestética na hipermodernidade integra, ao invés de separar, como acontecia na modernidade, as vanguardas que normalmente buscavam alguma forma de subversão por meio da arte. Uma vez integradas na ordem econômica, esse tipo de arte é aceito, procurado e sustentado pelas instituições oficiais. Assim, das grandes oposições insuperáveis, a hipermodernidade integra todas as instâncias no regime de "leva a melhor quem for mais criativo".

A submissão da arte no regime *hiper* indica uma generalização de estratégias estéticas nas instâncias econômicas e na vida comum, ou seja, indica a artealização das atividades econômicas, em que a estratégia mercantil se vale de dispositivos estéticos para se legitimar, distrair, seduzir e criar valor emotivo-identitário. Tendo em vista a importância da mediação da mercadoria para a afirmação de uma identidade, o hiperconsumo torna-se "menos estatutário do que experiencial, hedonista, emocional, em outras palavras, estético" (Lipovetsky & Serroy, 2015, edição eletrônica), agora numa dimensão hiperindividualista, determinado por questões de gosto e de preferências mais ou menos heterogêneas, distanciando-se dos imperativos de classe, como era anteriormente.

O hiperconsumidor, agora chamado de neoconsumidor transestético, torna-se "reflexivo, eclético e nômade: menos conformista e mais exigente do que o passado, ele se mostra ao mesmo tempo um 'drogado' do consumo, obcecado pelo descartável, pela celeridade, pelos divertimentos fáceis" (Lipovetsky & Serroy, 2015, edição eletrônica). Na racionalização moderna, o indivíduo hipermoderno ainda é envolto pelo frio cálculo da razão instrumental capitalista, porém (e isso o autor enfatiza ao criticar o aspecto do "retorno ao sentido e às coisas" dos movimentos fundamentalistas) não deixa de lançar um olhar estético e não utilitário para o mundo, ou seja, um olhar relativo à experiência e às emoções do sujeito. Dessa forma, os autores asseveram uma mudança nas formas de vida: o hiperindivíduo não mais procura "viver e se sacrificar por princípios e bens exteriores a si, mas se inventar, estabelecer para si suas próprias

regras visando uma vida bela, intensa, rica em sensações e espetáculos" (Lipovetsky & Serroy, 2015, edição eletrônica).

1.5 ALGUMAS CONCLUSÕES

Diante do exposto, podemos dizer que os enunciados inscritos em tatuagem analisados nesta pesquisa se encontram nas circunstâncias de práticas mediadas pela relação mercantil, numa sociedade hipermoderna, em que impera o desejo subjetivo, seja ele imposto ao indivíduo por ele mesmo e pela mercadoria, seja expressão de uma "liberdade individual". Sobre as questões de liberdade individual no que tange à tatuagem, não entraremos mais em detalhes, já que este não é o objetivo desta pesquisa. Com liberdade ou sob as cruéis autoimposições do sujeito, a tatuagem é feita em um contexto hipermoderno, realizada por meio de relações mercantis e tem como intuito a estilização e personalização do próprio corpo.

Enquanto adereço indelével, aparentemente em contradição com os pressupostos da sociedade-moda hipermoderna, a tatuagem ainda está sujeita à lógica da hiperindividualização, ou seja:

> À medida que a moda perde sua velha centralidade distintiva, se *impõe o corpo como teatro primordial, meio de afirmar a própria identidade mostrando-se único*. É quando todos os estilos de moda são legítimos e abertos a todos que *se afirma a exigência de marcas invariantes e imutáveis, de marcas de si definitivas que permitam se mostrar parecido com nenhum outro*. E é quando a moda efêmera não parece mais ser suficientemente individualizante que pode triunfar a tatuagem como estratégia que se vale da durabilidade como meio de hiperdiferenciação e de hiperpersonalização. (Lipovetsky & Serroy, 2015, edição eletrônica, grifos nossos)

Essa contradição entre efemeridade da moda e permanência da tatuagem reafirma justamente o caráter paradoxal da hipermodernidade: temos diversos valores e coordenadas sociais impostas de forma contraditória, porém englobadas na totalidade integradora da lógica *hiper* atual. No caso de nossa análise, essa contradição possibilita que tratemos da tatuagem como um produto hipermoderno, a despeito, ou talvez por causa, de sua permanência, já que, mesmo sob o peso dos imperativos hipermodernos, "a sociedade hipermoderna dá nova vida à exigência de permanência como contrapeso ao reinado do efêmero, tão causador de ansiedades" (Lipovetsky, 2004, p. 74).

A tatuagem em si é uma prática cujas análises podem variar: como já discutimos, Lipovetsky e Serroy (2015) a veem como adereço hiperindividualizado, em contraposição às práticas ditas "tradicionais"; Le Breton (2004) enfatiza sua relação com a instabilidade axiológica (hiper)moderna. Outros autores concordam com essa visão, como é o caso de Chris

Shilling (2003), que pode associar essas práticas ao que chama de "projetos corporais" [*body projects*], cuja definição, além de carregar os pressupostos similares aos dos dois autores acima, enfatiza a autorreflexividade da modernidade tardia (leia-se "hipermodernidade") com relação ao corpo, enquanto um potencial infinito e virtual. A autora usa como exemplo as cirurgias plásticas e o *bodybuilding*, práticas relacionadas tanto ao aspecto de conservação da saúde como o aspecto de beleza e juventude, também associados à saúde (Shilling, 2003, p. 5). Essas práticas seguem uma lógica fugaz e instável de padrões de referências, sempre adequadas conforme os imperativos velozes da sociedade-moda.

O estatuto da tatuagem enquanto um projeto corporal é ambíguo e sua divisão entre prática "tradicional" e prática hipermoderna é discutida por diferentes autores. Um deles é Paul Sweetman (2012). Com base em alguns autores da historiografia, Sweetman argumenta que as práticas tradicionais de tatuagem não eram necessariamente e integralmente coletivas, no que se refere ao sentido social das marcações corporais: era possível encontrar tatuagens e modificações que dizem respeito a momentos da vida do indivíduo e de sua identidade individual (Sweetman, 2012, p. 350). Porém, o autor concorda que atualmente as tatuagens fazem parte de um processo altamente individualizado. Sua crítica é direcionada ao conceito de projeto corporal de Shilling (2003) e às afirmações de Bryan Turner (1997; 1999) a respeito do caráter lúdico, irônico esvaziado de sentido e paródico das mensagens sobre si materializadas nas marcações corporais. Sweetman (2012) argumenta, com base em diversas entrevistas que havia feito com pessoas tatuadas, que a tatuagem tem sentido pessoal e entre pessoas envolvidas, é, em sua maioria, usada de forma não-irônica e diz respeito à narrativa individual. Quanto ao estatuto dentro da concepção de projeto corporal, o autor afirma que a tatuagem, devido a suas marcações dificilmente deléveis, aparenta ir de encontro à lógica de mobilidade e de juventude que os projetos corporais implicam, além de ser uma mercadoria feita em conjunto com o produtor, e não aceita passivamente pelo consumidor. Diferentemente de uma calça, cujas inscrições podem ser lidas como "significantes flutuantes e livres" (Sweetman, 2012, p. 354), cujo sentido pode ser totalmente alienável da percepção de seu suporte sobre ele, as tatuagens aparentam contrariar essa tendência da modernidade tardia ao procurar "atribuir solidez corpórea às expressões individuais de si" (Sweetman, 2012, p. 353, tradução nossa). Dessa forma, mesmo que haja discordâncias com relação a alguns pressupostos de Lipovetsky e Serroy (2015) no que tange à divisão tradicional e moderna, os autores dão abertura a uma leitura como a de Sweetman dessa prática devido ao caráter contraditório da hipermodernidade, porém sem minar a predominância dos imperativos dessa tendência.

Le Breton, na introdução da obra *Sinais de identidade* (2004), argumenta que, diante da perda de referências axiológicas autoevidentes e de instituições duradouras e do fim dos grandes discursos, o indivíduo se vê na responsabilidade individual de construir sua própria identidade por meio daquilo que seria território de sua soberania e indicador de sua diferença: o corpo. Evidentemente, como o é para a sociologia, o sujeito ainda se encontra inscrito num contexto sócio-histórico, mas é justamente esse contexto que o faz crer que sua condição parte de si mesmo. Para o autor, "[a] construção de sentido caracteriza de ora em diante a relação com o mundo. O corpo, lugar de soberania do sujeito, é a primeira matéria da sua ligação com o mundo" (Le Breton, 2004, p. 16). O autor enfatiza mais as diversas funções que a tatuagem pode desempenhar para além de pura estética e de esvaziamento de sentido ao longo da história, tendo possibilidade de convergir com os argumentos de Sweetman (2012).

Quanto ao estatuto do corpo na modernidade, o cotidiano proporciona uma representação corporal importante para nosso trabalho. Dessa forma, Le Breton (2003) afirma que as relações entre os indivíduos e o ambiente também afetam a visão que estes têm sobre o corpo: a sociedade ocidental, em relação ao seu passado, utiliza muito pouco seu corpo, de forma que atividades antes mais elementares, como caminhar e correr, recuam de tal maneira na vida cotidiana que somente são solicitadas com outros objetivos, como a saúde e a estética. Não é somente no advento do veículo que vemos essa mudança, mas em "próteses" como a escada e a esteira rolantes, ou na pouca frequência em que hoje em dia entramos em águas ou em rios. Dentro dessas condições, o corpo é visto como um excesso, uma carga penosa, especialmente quando seus usos se atrofiam. Conforme Le Breton, dessa forma:

> Essa restrição das atividades físicas e sensoriais não deixa de ter incidências na existência do indivíduo. Desmantela sua visão de mundo, limita seu campo de iniciativas sobre o real, diminui o sentimento de constância do eu, debilita seu conhecimento direto das coisas e é um móvel permanente de mal-estar (Le Breton, 2003, p. 21)

Num contexto excessivamente tecnicizado, o corpo é visto como um "parênteses" da experiência humana, cujos incômodos aparecem em forma de sintoma e de insatisfação consigo mesmo, ou melhor, com seu próprio corpo. Inscrito nessa insatisfação e submetido a lógicas hipercapitalistas transestéticas, o sujeito se vê incapaz de reconhecer-se em seu corpo, decepcionante e insuficiente para suas aspirações, senão por meio de alterações de estilo de vida e de ações de metamorfoses físicas. Perante a essas representações, "o corpo deixa de responder à unidade fenomenológica do homem, é um elemento material de sua presença, mas

não de sua identidade, pois ele só se reconhece aí num segundo tempo após efetuar um trabalho de sobre-significação que o conduz à reivindicação de si" (Le Breton, 2003, p. 22).

Colocado nessas condições tanto cotidianas como de configuração hipermoderna, o sujeito apropria de seu corpo como um acessório, agora mais ainda dividido de si, sob uma nova dicotomia corpo-sujeito (não mais corpo-alma ou corpo-espírito, portanto). Nesse abismo entre si e seu corpo e entre si e os outros, o sujeito se vê impelido a impor sua soberania nas duas margens desse abismo: o corpo deve, portanto, ser forma de mostrar sua interioridade por meio da exterioridade. O desamparo institucional e subjetivo encontram na modificação corporal uma forma de reatamento com a segurança, mas, também, de incorporar as virtualidades e potencialidades do sujeito, que estão além da anatomia decepcionante do corpo sem signos.

O *body art* aparece como afirmação da posse e do controle de si, de forma a restituir o sentimento de soberania pessoal. Sinal de hiperindividualização, a tatuagem encerra em si a tentativa de um sujeito tecer sua história, comemorar acontecimentos, alinhar-se a ideais enquanto os impregna em sua personalidade, enquanto decora seu próprio corpo para torná-lo verdadeiramente "seu". Pode-nos parecer, no entanto, que não haja escapatória da lógica mercantil e hipermoderna, porém, tanto Lipovetsky como Souza parecem concordar no seguinte: os sujeitos possuem formas de resistir a esses imperativos. Nosso *corpus* mostra essa variedade de funções que a tatuagem pode ter, para além de adereço puramente estético.

Esses dados referentes à conjuntura histórica e social da tatuagem nos permitem construir um escopo geral de interpretação para tatuagens cuja materialidade significante é curta, em que a interpretação parte mais da suposição pragmática de significado e intenção de um enunciado existente do que do enunciado em si e é forçada a selecionar e mobilizar dados não verbais, ou verbais, porém provenientes de fontes externas à tatuagem em si. Ainda assim, para descobrirmos o significado mais específico da tatuagem, não há outra fonte mais segura para confirmação ou descarte de hipóteses mais específicas do que a enunciação do tatuado, que, infelizmente para esta pesquisa, nos escapa.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta o aparato teórico-metodológico empregado neste trabalho. Nossos pressupostos teóricos são ancorados na Análise do Discurso de linha francesa (AD, doravante), com ênfase nas reflexões desenvolvidas por Dominique Maingueneau a respeito das frases sem texto (cf. Maingueneau, 2015; 2008; 2014; 2020 e 2022). Além disso, na qualidade de teoria auxiliar, emprega-se a perspectiva da Linguística Centrada no Uso, especialmente da Gramática de Construções (Goldberg, 2003, 2019; Croft; Cruse, 2004) para descrever os padrões construcionais das tatuagens que compõem o córpus.

2.1 A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

O termo "Análise do Discurso" foi introduzido pelo linguista distribucionalista Zellig S. Harris, num artigo denominado *Discourse Analysis* (1952). Na época, os objetivos e as perspectivas desse linguista baseavam-se principalmente no estruturalismo e seus métodos de análise compreendiam, em geral, a decomposição da estrutura do texto em regularidades que eram relacionadas a questões de "fora" do texto: a realidade sócio-histórica, principalmente. Maingueneau (2015) argumenta que os métodos utilizados à época e as perspectivas partilhadas por Harris não têm impacto fundador na AD, tal como se organiza atualmente. Para Paveau e Sarfati (2006), a perspectiva de *discourse analysis* era a de um "estudo da dimensão transfrástica, aproximadamente no sentido de *linguística textual*" (Paveau; Sarfati, 2006, p. 202, itálico dos autores).

É a partir da década de 1960 que as problemáticas presentes na AD enquanto disciplina se tornam mais frequentes, especialmente entre países como Estados Unidos, França e Inglaterra. É, mais especificamente, na França que a AD adotada neste trabalho se constitui. Situada nos anos de auge do estruturalismo, a AD francesa se forma a partir de encontros e evoluções situadas em contextos epistemológicos específicos do clima das ciências humanas do país. Paveau e Sarfati (2006) especificam que houve uma fusão de tradições francesas que determinaram traços particulares da AD francesa na época, a saber: uma tradição cultural centralizada na escrita, nos livros e na interpretação, a amplitude do espaço para formas de comentários de textos a partir de uma tradição escolar e a mobilização de diversas reflexões acerca da escritura a partir do quadro do estruturalismo em 1960.

À época, o estruturalismo saussureano se constituía como ciência a partir dos parâmetros de cientificidade do período, cuja consequência é a AD, conforme Paveau e Sarfati (2006),

situar-se às margens da "positividade" da ciência linguística, isto é, a AD apoiava-se em disciplinas das ciências humanas, como História, Filosofia, Sociologia, Psicanálise, Literatura etc., "sobre cuja rejeição Saussure fundamenta sua concepção da ciência da linguagem" (Paveau; Sarfati, 2006, p. 203). As definições difusas de análise de discurso harrissiana se encontram nos trabalhos organizados pelo linguista Jean Dubois, cuja perspectiva de AD, consensual e amplamente difundida na França, é a de que

> a análise do discurso aparece como uma disciplina na qual, primeiro, se estudam textos de todos os gêneros (o que rompe com as práticas mais restritivas das faculdades de letras, voltadas para *corpora* prestigiosos, particularmente os literários); segundo, com o auxílio de ferramentas tomadas de empréstimo à linguística; terceiro, com o objetivo de melhorar nossa compreensão das relações entre os textos e as situações sócio-históricas nas quais eles são produzidos (Maingueneau, 2015, p. 18-19).

Em sua formação, a AD francesa situa-se em um contexto marxista, cujas coordenadas são definidas a partir de Louis Althusser, especialmente no que diz respeito ao atrelamento da psicanálise à filosofia marxista, à ideologia enquanto prática material, ao poder e às lutas sociais e políticas. Suas ideias foram propagadas para o campo da AD por meio de Michel Pêcheux, filósofo marxista que, conforme Maingueneau (2015), pretendia, pela junção do marxismo althusseriano, da psicanálise lacaniana e da linguística estrutural, proceder a uma "(psic)análise do discurso", em que, metodologicamente, os textos deveriam ser submetidos a uma análise que procurava desvelar a ideologia inevitavelmente neles dissimulada.

Paralelamente a Althusser e sua obra *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* (1976) e Michel Pêcheux, outro filósofo também provocava influência, embora indireta, nos quadros intelectuais da AD: Michel Foucault e sua publicação de *Arqueologia do saber* (1969). Sem filiação ao marxismo, sua proposta para analisar aquilo que chama de discurso divergia da de Pêcheux em dois pontos principais: a não utilização da linguística e a refutação do inconsciente textual, a "conversa semi-silenciosa de outro discurso" (Foucault *apud* Maingueneau, 2008, p. 33). Mesmo diante dessas divergências, os conceitos de ambos os filósofos eram combinados em diversos trabalhos em AD na sua fundação (Maingueneau, 2015, p. 19-20).

Após o período de fundação e a mesclagem das contribuições iniciais de Pêcheux, Foucault e Dubois, a AD abre-se para conceitos das correntes pragmáticas, enunciativas e da linguística textual. É nesse cenário que Maingueneau se situa como contribuinte a essa disciplina e seus trabalhos iniciais, embora tenham evoluído, são usados até hoje como fundamentos teóricos e metodológicos.

2.1.1 As tendências atuais em AD

Baronas (2021) distingue três tendências atuais da AD, em que cada uma, mesmo que tenham como objeto de estudo o discurso, estabelecem objetos teóricos distintos e elencam programas de pesquisa distintos. A primeira tendência, a materialista, é proveniente das reflexões do grupo de Michel Pêcheux a partir do final dos anos 1960 e busca, a partir da construção de conceitos como o *pré-construído*, o *já-dito*, o *interdiscurso*, a *memória discursiva*, o *alhures* etc., refletir a respeito das formas de inscrição do Outro e da história no dito, no intradiscurso, partindo do princípio de que a interioridade (o intradiscurso, portanto) é determinada pela exterioridade, seja pela inscrição deste Outro no Mesmo, seja pelas condições históricas que determinam o dito. É esta tendência que une Althusser, Lacan e Saussure e, segundo a qual, "o discurso é o lugar privilegiado da materialização da(s) ideologia(s)" (Baronas, 2021, p. 24). A segunda tendência, a historicista, emerge na França no início dos anos 1980 e se baseia nas reflexões de Michel Foucault, em especial nas obras *Arqueologia do Saber* (2012) e *As palavras e as coisas* (2002) e nas reflexões de historiadores da Nova História (cf. Le Goff, 1990), além de se basearem nas contribuições de Michel Pêcheux. Tal abordagem pressupõe que seja possível, entre diversas materialidades textuais circulantes em campos e suportes diferentes, identificar certas regularidades de sentido, que indicariam, em última instância, que elas são o produto das mesmas condições de possibilidades históricas. A terceira tendência, por fim, é a enunciativa, que também se baseia nas reflexões de Michel Pêcheux e Michel Foucault, porém mobiliza as contribuições de Mikhail Bakhtin, Émile Benveniste e Oswald Ducrot. Essa corrente constitui-se na França nos meados dos anos 1990 e um de seus principais objetivos é

> compreender, por um lado, como certas palavras que circulam na mídia podem assumir a condição de palavras-acontecimento, produzidas por uma comunidade linguageira e partir de uma formação interdiscursiva, carregando consigo toda uma memória interdiscursiva e, por outro, como certos textos circulam: se inteiros, aos pedaços, em versos, em fórmulas (Baronas, 2021, p. 32)

É na vertente enunciativa que se situam hoje os trabalhos de Maingueneau e é a partir da seleção de alguns de seus conceitos que daremos início a esta pesquisa.

2.2 REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.2.1 Enunciação aforizante (Maingueneau, 2014)

A natureza de nosso objeto de estudo obriga-nos a mobilizarmos dois conceitos que, cada um à sua maneira, questionam certos pressupostos tradicionais do quadro comunicativo: a universalidade do gênero do discurso e as instâncias enunciativas do modelo comunicacional interativo. Esses dois conceitos são *enunciação aforizante* (Maingueneau, 2014) e *enunciados aderentes* (Maingueneau, 2022).

A enunciação aforizante é fruto de vários estudos em constante expansão e reflexão. A obra de Dominique Maingueneau, conforme Baronas, Matos e Mendes (2025), sofre diversas críticas pela sua suposta inconsequência taxonômica, isto é, pela aparente fragmentação e descontinuidade de conceitos, o que é questionado pelos autores, os quais argumentam que há uma coesão epistemológica na obra de Maingueneau quanto a esse fenômeno.

Em um artigo publicado em 1984, porém somente traduzido em 2010, em parceria com A. Grésillon, intitulado, em português brasileiro, *Polifonia, provérbio e desvio* (Maingueneau, 2010), os autores dão início a questionamentos acerca da configuração enunciativa do provérbio, por meio de uma perspectiva polifônica. Nessas questões, o estatuto das instâncias enunciativas de *locutor* (fonte e responsável da/pela enunciação) e de *enunciador* (ponto de vista localizável no enunciado, não necessariamente associado ao locutor) (cf. Ducrot, 2020) difere da polifonia comum, em que o locutor atribuiria a responsabilidade da afirmação para uma instância distinta deste. Neste caso, o locutor equivale ao enunciador, mas o faz apagando-se em uma instância generalizante, que toma o papel do enunciador. No caso dos provérbios, essa instância pode ser a Sabedoria das Nações, ou um conceito que virá a ser cunhado nos próximos estudos de Maingueneau (2008) de *hiperenunciador*, autoridade que engloba todas as enunciações anteriores do provérbio e dá coesão à comunidade regida por seus valores.

Seguindo o itinerário proposto por Baronas, Matos e Mendes (2025), as questões estruturais que o provérbio implica são retomadas e sintetizadas no livro *Novas tendências em análise do discurso* (1997), em que o autor discorre a respeito do *slogan* e da citação de autoridade, cujo apagamento do locutor em um "'Locutor' superlativo" (Maingueneau, 1997, p. 100) pode ser parecido com a lógica de um provérbio, porém, à diferença de o *slogan* e a citação de autoridade dizerem respeito a uma formação discursiva, ou a uma coletividade, enquanto, no provérbio, o locutor autorizado "*tende a coincidir com o conjunto de falantes da língua*, estando aí o indivíduo que o profere" (Maingueneau, 1997, p. 101, itálico do autor).

Ainda no tema de *slogan*, é em *Análise de textos de comunicação* (2013), publicado em 1998, que Maingueneau abrange as questões do provérbio para o *slogan*, à diferença de que,

diferentemente do provérbio, que não possui ancoragem enunciativa, o *slogan* pode conter marcadores que o ancorem na situação de enunciação. Além disso, a função pragmática do *slogan* é de sugestão (nos casos dos comerciais) e de ação (mais nos casos dos políticos); o provérbio, por sua vez, diz o que é verdadeiro e asserta sobre o funcionamento do mundo (Maingueneau, 2013, p. 217-218). Essas diferenças de ancoragem enunciativa e de referencialidade entre o provérbio e o *slogan* são fatores de aspiração para um *slogan* "ter a autoridade de um provérbio, a ser universalmente conhecido e aceito pelo conjunto dos falantes de uma língua, de maneira a ser utilizado em qualquer circunstância" (Maingueneau, 2013, p. 220).

É especialmente em *A noção de hiperenunciador* (2008), publicado em 2004, que o autor expande a configuração enunciativa dos provérbios e *slogans* para outros conjuntos de enunciados, regidos sob o sistema de *particitação*. Neles, tipos como adágios jurídicos, gritos de torcida e orações mobilizam uma configuração de tal forma que "o locutor que os realiza se coloca como membro de uma coletividade autorizada que 'fala' e valida seu dizer, por isso ele (parti)cipa da (citação) desse hiperenunciador" (Baronas; Matos; Mendes, 2025).

Ainda nas publicações de 2004, Maingueneau escreve *Citação e destacabilidade* (2008), em que passa a analisar um córpus composto de máximas heroicas e fórmulas filosóficas, ou seja, inicia sua trajetória de questionamento da responsabilidade enunciativa de aforizações primárias (não derivadas de um texto numa leitura sincrônica e que circulam de modo autônomo) para, depois, trabalhar com as aforizações secundárias (derivadas de um texto). A partir desse artigo, já podemos divisar as discussões feitas em *Frases sem texto* (2014), livro que organiza e sistematiza o conjunto de frases que possuem um funcionamento parecido e que podem ser separadas em um "regime de enunciação" distinto daquele do texto.

Dessa forma, para Baronas, Matos e Mendes (2025), "é o problema da responsabilidade polifônica das aforizações primárias que germina a teoria das frases sem texto que, depois, passa a se concentrar nas aforizações secundárias" (p. 45)

Finalmente, em *Frases sem texto* (2014), Maingueneau situa a enunciação aforizante numa relação entre regimes de enunciação: a enunciação textualizante e a enunciação aforizante propriamente dita. A primeira diz respeito ao regime em que se localizam o gênero do discurso e o texto, este último com duas interpretações possíveis: como correlato do gênero do discurso ou como "constituído de várias frases, e pode-se analisá-lo em termos de 'coerência' e de 'coesão'" (Maingueneau, 2010, p. 10).

Antes de desenvolver a noção que engloba as frases sem texto, o autor identifica certos traços anteriores ao destacamento de enunciados que vão compor esse conjunto. Assim, observa

que ocorrer numa posição textual saliente e/ou apresentar certas características enunciativas (um valor generalizante ou genérico, uma estruturação pregnante do significante e/ou do significado e aspectos metadiscursivos) são alguns dos traços regulares do chamado fenômeno da *sobreasseveração* (Maingueneau, 2014, p. 15). Dito de outra forma: uma frase pode conter propriedades que favorecem a sua extração do texto, o seu destacamento posterior, fazendo com que seja retirada de seus liames para compor um outro (para)texto, como é o caso de manchetes de jornal cuja composição pode ser feita de trechos destacados do corpo do texto em questão. Numa primeira instância, de acordo com o autor, essa estratégia de destacamento em manchetes poderia ser motivada pelas coerções genérico-retóricas do jornal em questão, do jornalista ou do próprio locutor no corpo do texto, caracterizando um evento isolado e pontual nas manifestações discursivas. Nessa visão, as alterações no processo do destacamento dependeriam tanto dessas coerções como do caráter fraco (contiguidade ao texto-fonte) ou forte (separação do texto-fonte) do destacamento. Na visão de Maingueneau (2014), no entanto, o que está em jogo no destacamento é que "essas alterações são um sintoma de uma mudança de estatuto pragmático. O enunciado não é mais um fragmento do texto, ele tem a ver com um regime de enunciação específico" (Maingueneau, 2014, p. 27), que é justamente o da enunciação aforizante.

Tendo em vista essa nova perspectiva, a enunciação aforizante pode ser definida amplamente como o "conjunto das frases sem texto" (Maingueneau, 2014, p. 27), que tem propriedades enunciativo-discursivas próprias. Antes de tudo, a aforização pode ser dividida em dois tipos: a aforização primária e a aforização secundária. A primeira diz respeito a frases constitutivamente aforizadas, ou seja, sem texto-fonte, como é o caso de *slogans*, provérbios, ditados, adágios, máximas etc., o que, em contrapartida, não impede que certas aforizações primárias tenham sido anteriormente partes de um texto-fonte, mas indica somente que elas são desprovidas dele e que ele, quando existe, não pode mais ser recuperado pelas circunstâncias imediatas de sua ocorrência. Já a segunda se refere a aforizações que possuem texto-fonte, isto é, apontam para um destacamento já ocorrido, com inserção em outro texto.

Ainda a respeito da definição ampla de aforização, Maingueneau (2014) caracteriza a enunciação aforizante pela diferença que esta estabelece com a textualizante:

> Enquanto o texto resiste à apropriação por uma memória, a enunciação aforizante se dá imediatamente como memorável e memorizável. Não é a articulação de pensamentos de um ou de vários locutores por meio de diversos modos de organização textual, mas a expressão de uma convicção, posta absolutamente: nem resposta, nem argumentação, nem narração…, mas pensamento, tese, proposição, afirmação, sentença… (Maingueneau, 2014, p. 28)

As diferenças essenciais entre o regime aforizante e o regime textualizante são as elencadas, conforme Possenti (2025, p. 131):

a. textos implicam posições correlatas e definidas de produção e de recepção; aforizações postulam um sobreasseverador/aforizador e um auditório universal;
b. textos são redes de pensamentos articulados de diversas formas; aforizações pretendem exprimir apenas um pensamento;
c. textos estratificam planos enunciativos diferentes (afirmar, citar, refutar...); aforizações tendem à homogeneidade;
d. textos implicam formas de subjetividade variadas impostas pelas regras de circulação; aforizações são formas de dizer puras;
e. textos excedem a forma verbal (incluem gestos, grafias específicas etc.); aforizações contestam a diversidade das formas de apresentação – pretendem ser pura fala;
f. textos resistem à memorização (exceto por profissionais); aforizações implicam a utopia de uma fala viva, sempre disponível.

A primeira diferença pode ser exemplificada por um sermão, em que existe uma posição de locutor ocupada pelo pregador e a posição de destinatário ocupada pelos fiéis: ambas as posições são determinadas pelo gênero discursivo, além de componentes, como o lugar e o momento legítimos também o são. O regime aforizante estabelece uma disjunção dos gêneros discursivos e de suas contrapartes, os textos, e transcendem a situação de enunciação para uma configuração em que o aforizador, enquanto locutor que expressa seu pensamento diretamente e possui alguma importância, quando de carne e osso, para uma coletividade, expressa valores e verdades para um auditório indeterminado, coincidente, no caso aforizante prototípico, com uma sociedade ou os falantes de uma língua. No caso da aforização secundária, em que se tem uma fonte individual ou coletiva de nome próprio, o locutor instanciado pelo gênero discursivo é, na aforização, um aforizador, ou seja, "[d]e maneira performativa, o ato mesmo de conferir a um indivíduo o estatuto de aforizador destaca-o da multidão e converte-o em autoridade, ainda que efêmera" (Maingueneau, 2014, p. 38), uma autoridade que prototipicamente anuncia, por ter acesso a uma Fonte como a Razão, a Moral e a Ciência, de maneira monologal valores a uma comunidade. No caso da aforização primária, o aforizador não é individualizado (pelo menos, enquanto um ser de existência material) e em alguns casos se aproxima do que Maingueneau (2008) chama de "hiperenunciador": uma instância absoluta cuja autoridade garante a validade do enunciado e a adequação aos valores e aos fundamentos de uma comunidade.

A segunda diferença faz referência aos modos de organização textuais, sejam eles mais monologais ou mais dialogais, que deixam entrever diversas vozes e diversos posicionamentos articulados pelas relações de coesão e coerência, enquanto a cena aforizante simula a expressão direta, sem mediações, de um pensamento, uma tese, o que já se relaciona com a terceira diferença em termos de essa expressão tender à homogeneidade com uma afirmação que evita envolver planos enunciativos diferentes.

A quarta diferença diz respeito a formas de subjetividade que, além de serem impostas pelas regras de circulação, são mediadas pelos papéis comunicacionais e pelas posições discursivas e sociais que um locutor pode ocupar, desde mais institucionalizadas, como presidente da República, jornalista, professor universitário, até as de natureza mais cotidiana, como uma mãe aconselhando seu filho, um amigo consolando outro etc. A enunciação aforizante, em contrapartida, posiciona o aforizador com aquele que fala puramente, sem coerções impostas por circunstâncias e relativizações genéricas.

A quinta e a sexta diferenças dizem respeito à natureza puramente verbal das aforizações, o que faz com que elas sejam associadas à formas verbais que possam ser enunciáveis, atribuídas a uma fonte, seja ela um hiperenunciador ou um aforizador e, por fim, implicam uma memória por sua estrutura pregnante e sua brevidade: elas "são presas" ao espírito de quem as lê, sempre disponíveis e aplicáveis a diversos contextos ou representantes de uma sabedoria.

Além disso, o aforizador da aforização secundária individualiza-se em três formas prototípicas: (i) o indivíduo destacado da massa com autoridade garantida por uma instituição, uma *doxa*, uma circunstância etc.; (ii) o morto, que, para além de qualquer contingência material, anuncia para um auditório ("a posteridade" por excelência); (iii) o mestre, com acesso aos fundamentos, ao Absoluto, que também se integra nessa cena enunciativa. Dessa maneira, "[e]spera-se do locutor convertido em aforizador que ele profira um enunciado incontestável e autônomo em relação ao texto-fonte: na aforização, não deve haver vestígios do processo enunciativo efetivo, mas a expressão de um pensamento alheio às vicissitudes das circunstâncias" (Maingueneau, 2014, p. 41), característica que essas três formas supracitadas manifestam, mesmo que se selecionem os indivíduos como aforizadores temporariamente.

Por apresentar "um pensamento alheio às vicissitudes das circunstâncias" (Maingueneau, 2014, p. 41), Maingueneau precisa, a partir da noção de *subjectum*, o caráter invariável da posição do aforizador, que se define "como o que não varia: independentemente da diversidade de situações de comunicação e de momentos, ele está apto a responder pelo que diz" (Maingueneau, 2014, p. 43). Trata-se de uma noção importante especialmente para o presente estudo, já que, quanto à tatuagem, Maingueneau (2014, 2022) a define como o ápice

da lógica de *subjectum*: marcar enunciados que expressem traços da personalidade do sujeito, traços estes que, tanto materialmente, pela inscrição corporal em si, quanto metafisicamente, pela própria noção de *subjectum*, permanecem invariáveis, eternizados.

2.2.2 Enunciados aderentes (Maingueneau, 2022)

Outra característica das tatuagens é de colocar em relevo seu suporte no quadro comunicativo, de forma que, o que antes era veículo, canal, por meio do qual o locutor fala para um destinatário, o enunciado aderente é "'instalado' e 'posto à disposição' de olhares errantes e indefinidos; na verdade, importa menos essa interação entre os sujeitos e mais a associação criada entre as palavras e essas materialidades" (Baronas; Matos; Mendes, 2025, p. 49). Somos colocados, portanto, a repensar a égide do interacionismo e a oposição da Linguística moderna ao representacionismo, que geram posicionamentos a respeito da separação entre os nomes e as coisas. Dessa forma, as tatuagens nos obrigam não só a repensar o quadro comunicativo tradicional, como a repensar a relação, nestas atualizações linguageiras, das palavras e das coisas (Baronas; Matos; Mendes, 2025)

A análise do discurso proposta por Dominique Maingueneau possibilita — e implica —, pela natureza de seu objeto de estudo, a ampliação do escopo das pesquisas para a "totalidade dos enunciados de uma sociedade" (Charaudeau; Maingueneau, 2020, p. 46), o que inclui outros sistemas semióticos, já que estes estão "submetidos às mesmas escansões históricas, às mesmas restrições temáticas etc." (Maingueneau, 2008, p. 138). Não é preciso mudar o foco totalmente de um sistema semiótico a outro para que percebamos as implicações dessas restrições históricas, basta nos atentarmos ao fato de que "muitos enunciados aderentes respondem, por um lado, a demandas da sociedade (segurança, saúde, obediência à legislação) e, ao mesmo tempo, implicam comportamentos e tomadas de posição" (Possenti, 2025, p. 132). Eles não são, portanto, "imunes" aos pressupostos da AD e são indicativos do funcionamento da sociedade como qualquer outra produção do discurso. Considerado por esse prisma, o que essa análise do discurso pretende é, portanto, apreender o discurso em toda a sua diversidade, o que pode implicar, como é o caso dos enunciados aderentes, rever a aplicação de pressupostos tradicionais em manifestações discursivas diversas.

Exemplos comuns de enunciados aderentes são enunciados contíguos a embalagens de produtos, inscrições de monumentos municipais, medalhas, placas de carro, placas de museus etc. Essas manifestações, longe de serem consideradas marginais, proliferam na sociedade e servem a funções diversas, se analisadas em sua especificidade.

Os enunciados aderentes, assim, se definem no âmbito do que Maingueneau (2022) define, mais amplamente, de "signos aderentes", nos quais os enunciados são somente sua ocorrência escrita, contígua e integrada a um suporte não-verbal (Maingueneau, 2022, p. 15), atribuídos a um mesmo responsável e a serviço de uma função, que, ao mesmo tempo que justifica a existência desses enunciados, está em conformidade com a materialidade e a forma como estes mobilizam a língua. Uma embalagem de alimento pode possuir, dessa forma, enunciados aderentes que são atribuídos à marca, como *slogans*, informações que favoreçam o ineditismo do material, ao mesmo tempo que possuem enunciados atribuídos às autoridades vigentes, como a tabela nutricional ou o aviso de quantidades elevadas de açúcar. Cada enunciado utilizará a língua à sua maneira: enquanto os atribuídos à marca possam ser adornados com cores e elaborados dando privilégio à função conativa da linguagem (cf. Jakobson, 1992), aqueles atribuídos às autoridades podem ser padronizados e meramente referenciais.

Quanto à contiguidade, o autor entende, como uma relação de aderência, as seguintes possibilidades: (a) enunciados fixados em um suporte; (b) enunciados fixados em um objeto mediador, próximo ao suporte e (c) enunciados englobados por seu suporte. O primeiro caso pode ser uma inscrição no frontispício de um edifício; o segundo, uma placa indicando o autor, as dimensões da obra e os materiais utilizados de um quadro em um museu; por fim, o terceiro caso pode ser um monumento de uma cidade, o qual é englobado por toda a dimensão territorial desta. Além disso, para que haja essa relação, também se torna necessária a relação de atribuição, isto é, a concepção específica do enunciado para seu suporte, que se dá pela atribuição material e semântica, ou seja, uma adequação material do enunciado para se fixar no seu suporte e uma relação semântica, no sentido de que "o que está escrito na etiqueta deve dizer respeito a esse suporte" (Maingueneau, 2022, p. 16), e pela atribuição enquanto tomada de posse, em que uma entidade considera legítima a atribuição do enunciado a seu suporte. Retomando o caso da embalagem de alimentos, os enunciados aderentes atribuídos às autoridades representam a tomada de posse destas, a partir da qual o produto é considerado legítimo e autorizado para venda. Como já foi dito acima, na prática de tatuagem recortada para esta pesquisa, essa entidade é o indivíduo.

Mesmo que materialmente o enunciado aderente não esteja adequado ao suporte, como é o caso de grafites comuns, em alguns casos, o conteúdo do enunciado indica sua apropriação ao suporte. Para exemplificar casos assim, Maingueneau (2022) cita o caso de um grafite como "Poluidor!", na parede da casa de um industrial na área da química, em que, ao se encontrar fixado em seu suporte, pressupõe um horizonte de sentido em que sua atribuição é justificada.

A aderência, ainda segundo o autor, é uma relação paradoxal e "parasitária": "[o]s enunciados aderentes, de certa forma, vêm juntar-se a um objeto que, aparentemente, não tem necessidade dele para ser o que é" (Maingueneau, 2022, p. 18), mas, mesmo assim, sua inscrição faz os suportes entrarem em novas redes e novos usos. Daí o caráter integrativo da aderência: enquanto sua inscrição aparente ser um acréscimo, a relação de aderência, embora mais temporária que seu suporte, assinala um estatuto específico para este. Nesta relação, a mudança de estatuto do suporte pode acarretar a eliminação e/ou aplicação de novos enunciados aderentes sobre o suporte em questão.

Além da mudança de estatuto do suporte, Maingueneau (2022) argumenta que existe uma dupla sustentação dos enunciados aderentes: uma sustentação ideológica e uma institucional. Nas palavras do autor:

> Uma sustentação ideológica, porque sua presença deve, de maneira mais ou menos imediata, ser legitimada por uma doxa, por sua vez nutrida por diversos discursos. Uma sustentação institucional também, porque cabe às organizações decidir colocar enunciados aderentes nesse ou naquele suporte, concebê-los, fixá-los, administrá-los. (Maingueneau, 2022, p. 43)

Essa distinção também abre espaço para outra: a participação dos enunciados aderentes num espaço imediato e delimitado (o suporte e o ambiente ao qual o enunciado se insere) e num espaço aberto "de ordem ao mesmo tempo institucional e ideológica: de um lado, os enunciados aderentes se sustentam em um interdiscurso de contornos indeterminados e em permanente evolução; de outro, eles ligam seus suportes a uma rede de instituições mais ou menos vasta e mais ou menos densa" (Maingueneau, 2022, p. 47).

No que tange ao leitor dos enunciados aderentes, Maingueneau observa que tanto a legibilidade quanto a organização destes enunciados dependem do grau de instrução e acessibilidade do leitor esperado, que deve ter tanto a capacidade quanto o conhecimento de lê-los da maneira prevista. Outras formas, por exemplo, podem ser direcionadas a qualquer olhar contingente, que é o caso da tatuagem, embora haja questões de visibilidade a depender da posição da tatuagem no corpo.

No caso das tatuagens escritas, Maingueneau as considera *enunciados aderentes expressivos* (Maingueneau, 2022), cujo funcionamento não mobiliza o pertencimento a uma organização ou a uma causa, mas sim "uma expressão de uma personalidade, de algo pertinente a uma tradição familiar, ao bairro ou à cidade em que se mora, as lembranças pessoais…" (Maingueneau, 2022, p. 141). Os enunciados expressivos podem, também, depender das circunstâncias em que eles são dados ao olhar. É o caso, por exemplo, de um indivíduo que

veste uma camiseta de um time de futebol em um jogo e, que pode muito bem ser o mesmo indivíduo, daquele que a veste em um dia qualquer. O primeiro caso, segundo Maingueneau (2022), diz respeito à filiação do indivíduo a uma torcida que apoia um time; já no segundo, a leitura seria a de uma expressão de sua personalidade. Uma camiseta, uma caneca, um adesivo e outros materiais podem ser usados como enunciados aderentes expressivos, porém eles podem ser lidos/usados a partir de um distanciamento irônico (Maingueneau, 2022, p. 142) ou como um "signo puro" (Sweetman, 2012). Como defendido por Sweetman (2012) (cf. capítulo 1), a tatuagem, pela sua permanência e dificuldade de revisibilidade, dificulta a existência desses enunciados. Os enunciados aderentes tatuados, então, "comprometem inevitavelmente a camada mais profunda da personalidade" (Maingueneau, 2022, p. 153), dizem respeito ao *subjectum*, como já foi exposto anteriormente.

Por fim, o autor afirma que, de um ponto de vista externo, podemos comparar o corpo de um indivíduo antes, não tatuado, com o corpo depois, tatuado, porém, a relação do enunciado aderente tatuado com seu suporte é tal que "a pretensão da tatuagem é de que o 'verdadeiro' corpo seja tatuado" (Maignueneau, 2022, p. 153). Aqui, observamos uma aproximação dessa afirmação de Maingueneau com as teses de Le Breton (2003) sobre a desidentificação do sujeito com seu próprio corpo e com as tentativas de sobre-significação deste.

2.2.3 A particitação (Maingueneau, 2008, 2014)

A particitação é um sistema de citação essencialmente pragmático sem marcas que remetam à sua fonte ou marcas que explicitem o caráter de citação do enunciado particitado. Nessa configuração, ao particitar, o locutor cria conivência com seu interlocutor, assumindo que ambos possuem acesso a essa fonte. Conforme Maingueneau (2008) o sistema de particitação é essencialmente pragmático e consiste, em resumo, nos seguintes aspectos (p. 94-95):

a. O enunciado "citado" é um enunciado autônomo, porque ele já o é originalmente ou porque foi previamente autonomizado mediante sua extração de um texto;
b. Essa citação deve ser reconhecida como tal pelos alocutários, sem que o locutor que a cita indique sua fonte e nem mesmo deixe claro que ele efetua uma citação por intermédio de um *verbo dicendi* introdutor, de um inciso etc. [...] O enunciado citado é apresentado em seu significante, dentro de uma lógica de discurso direto, mas levada ao extremo: não se trata apenas de simular — como geralmente ocorre no discurso

direto —, mas de restituir o próprio significante. [...] A restituição do significante é evidentemente associada ao fato de que não há indicação da fonte da fala citada;

c. O locutor que cita mostra sua adesão ao enunciado citado, que pertence àquilo que se poderia denominar um tesouro de enunciados de contornos mais ou menos fluidos, indissociável de uma comunidade onde esses enunciados circulam e que, precisamente, se define de maneira privilegiada por compartilhar tal tesouro. Por sua enunciação o locutor que cita pressupõe pragmaticamente que ele mesmo e seu alocutário são membros dessa comunidade;
d. Esse tesouro e a comunidade correspondente recorrem a um hiperenunciador cuja autoridade garante menos a verdade no enunciado — no sentido estrito de uma adequação a um estado de coisas no mundo —, e mais amplamente sua "validade", sua adequação aos valores, aos fundamentos de uma coletividade.

Exemplo de particitação são os próprios provérbios: essencialmente desprovidos de fonte, quando são enunciados, pressupõem que seu interlocutor saiba que se trata de uma frase de conhecimento geral pelos falantes de uma língua ou de uma comunidade e assume que ambos pertencem à comunidade que partilha dos valores enunciados pelo provérbio.

Esse conceito será importante para a análise de tatuagens que aparentam particitar, mas seu estatuto de particitação, por pertencer a uma configuração enunciativa mais estável, embora ainda opere um desnivelamento do locutor com o hiperenunciador, é complexo de relacionar perfeitamente as citações sem fonte na tatuagem com todo o circuito comunicativo implicado pela particitação.

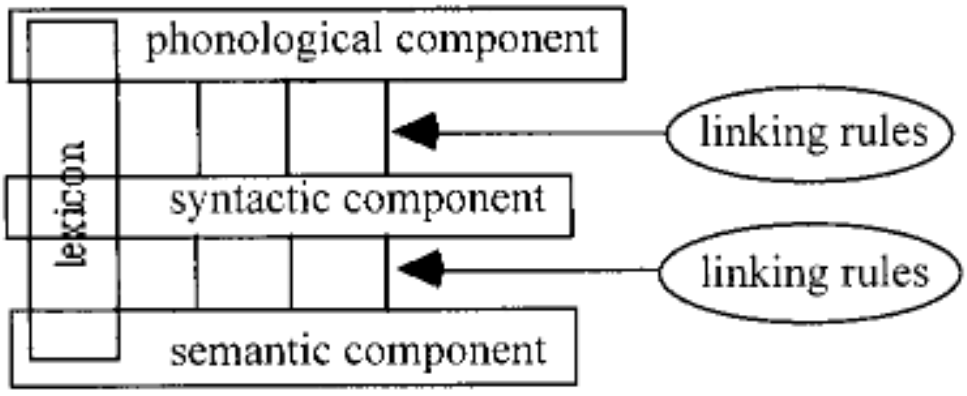
2.2.4 Gramática de Construções (Goldberg, 2003, 2019; Croft; Cruse, 2004)

A Gramática de construções é uma abordagem cognitiva, holística e, pelo menos para a maioria de seus proponentes, baseada no uso (Traugott, 2008). Seu projeto teve início a partir de uma proposta de Charles J. Fillmore para uma abordagem que trate de generalizações a respeito da língua, porém integradas a uma descrição gramatical que inclua naturalmente componentes de natureza semântica e de condições do uso linguageiro (Fried; Nikiforidou, 2025, p. 1), o que trouxe a revitalização da noção de construção, enquanto pareamento de forma e de função. Na gramática de construções, a noção de construção, embora possa remeter ao conceito de mesmo nome da gramática tradicional, é revitalizada e alterada. Uma mudança em particular é representativa: "a noção de construção foi generalizada de tal forma que esta é um modelo uniforme de representação do conhecimento gramatical — a sintaxe, a morfologia e o

léxico.” (Croft, 2007, p. 463, tradução nossa). Postula-se, portanto, que a construção é a unidade básica da descrição gramatical e que a representação do conhecimento de um falante de uma língua é organizada em termos de redes dessas unidades, ligadas por elos diversos de esquematicidade (níveis de abstração dos elementos), composicionalidade, produtividade (frequência de tipos de construção) e de herança (ligações entre construções em níveis diferentes).

Quanto ao desenvolvimento da disciplina, Croft (2007) argumenta que a gramática de construções foi uma reação ao modelo composicional de organização da gramática, cuja fonte são as teorias sintáticas gerativistas, em que as propriedades de um enunciado são decompostas em diversos componentes separados e compostos por regras que regem seus elementos primitivos: os componentes fonológico, sintático, semântico e o léxico. O componente fonológico, por exemplo, possui regras que regulam os fonemas; o sintático, as unidades sintáticas; o semântico, as unidades semânticas, e assim por diante. Diferentemente do modelo construcional, o composicional estabelece que esses componentes são inerentemente separados e que qualquer associação entre eles é mediada por regras de ligação. A Figura 2 ilustra esse modelo:

Figura 2 – Modelo composicional de organização da gramática



Fonte: Croft, 2007, p. 465.

Como podemos observar acima, há uma separação dos três componentes, na horizontal: o fonológico, o sintático e o semântico, mediados pelas regras de ligação. Na vertical, atravessando todos os componentes, está a categoria de léxico, que difere de todos os outros componentes justamente por possuir informações de mais de um tipo, além de serem “sintaticamente atomizadas” (Croft, 2007, p. 465, tradução nossa), ou seja, são unidades sintáticas mínimas. Essa separação também é acompanhada de um modelo de representação

reducionista, isto significa que cada componente é composto por unidades simples e irredutíveis que, também mediadas por regras de associação, formam unidades complexas, daí o nome de modelo composicional. A partir desse aspecto composicional, a interpretação que se tem das construções sintáticas ("estruturas gramaticais maiores que as palavras" (Croft, 2007, p. 465)) é que elas podem ser apreendidas por meio das "regras gerais dos componentes gramaticais e de suas interfaces, de forma que não seja necessária a presença da construção na análise gramatical" (Croft, 2007, p. 465, tradução nossa). Essa posição implica o agrupamento de aspectos complexos, arbitrários, idiossincráticos e transversais aos componentes da gramática no componente lexical.

Foi a partir de problemáticas que tangem ao componente lexical que a gramática de construções se ergueu, especialmente a partir de expressões idiomáticas e sua estruturação, a qual é maior que uma palavra e possui propriedades sintáticas e semânticas idiossincráticas (Croft, 2007, p. 466). Evidentemente, esse caráter idiossincrático varia em grau conforme a expressão idiomática: algumas podem até ser lexicalmente idiossincráticas, como, no inglês, "*kith and kin*" (família e amigos) (Croft, 2007, p. 466), caso em que as palavras utilizadas não são encontradas em outros lugares. Outras expressões idiomáticas se valem de palavras e de estrutura sintática familiares, mas são semanticamente idiossincráticas, como, também em inglês, "*tickle the ivories*" (literalmente: "fazer cócegas nos mármores"; seu sentido é "tocar piano") (Croft, 2007, p. 466).

Em artigo analisando a expressão idiomática "*let alone*", Fillmore, Kay e O'Connor (1988) argumentam, portanto, que o componente lexical, nas teorias composicionais, é muito vasto e engloba estruturas além de palavras, com propriedades diversas, as quais têm uma certa difusão na língua. Conforme Croft (2007) é a partir desse autores e de Lakoff (1987) que vários outros estudos começam a demonstrar a existência de construções e, mesmo que inicialmente proponham somente adicioná-las ao modelo composicional, Croft (2007) ainda argumenta que, já em Fillmore, Kay e O'Connor (1988), há uma observação a respeito da existência de um *continuum* entre expressões idiomáticas especificadas, as que demandam expressões específicas e fixas em sua composição (como o exemplo acima de "*kith and kin*"), e esquemáticas, que incluem categorias que admitem algumas palavras possíveis para seu preenchimento. Um exemplo de Croft (2007) para expressões idiomáticas esquemáticas é a expressão "*kick the bucket*" (literalmente, "chutar o balde" — não confundir com o falso cognato em português brasileiro, que significa "desistir" ou "perder o controle" — e com o sentido de "morrer"), que é fixa, exceto por suas categorias flexionais e pelo argumento sujeito.

A própria expressão idiomática "*let alone*" é esquemática em um nível de permitir o preenchimento de seus *slots* por qualquer palavra. Por exemplo (Croft, 2007, p. 468):

a. She gave me more candy than I could carry, let alone eat.
   (Ela me deu mais doces do que eu poderia carregar, imagina comer.)
b. Only a linguist would buy that book, let alone read it.
   (Somente um linguista compraria aquele livro e ainda por cima o leria.)

Esse *continuum* entre específico e esquemático permitiu que houvesse análises construcionais de "expressões idiomáticas" em que todos os *slots* sejam abertos, como é o caso da construção resultativa em Goldberg (1995). Sem exemplos em português brasileiro (por pertencer a outro padrão construcional com significado diferente: [SN *FICAR* SADJ] (Ribeiro, 2015)), as construções resultativas instanciam o esquema [SN V SN SR], como podemos ver em "*Mary painted the house red*" [Mary pintou a casa de vermelho] (Ribeiro, 2015, p. 97). Conforme Croft (2007), a construção resultativa pode ser descrita somente pela sua estrutura sintática esquemática e pela interpretação semântica específica.

O autor ainda argumenta que, se a análise construcional consegue alcançar um nível de esquematicidade como o da construção resultativa, a generalização da noção de construção é somente um pequeno passo, de forma que seja possível analisar as regras regulares de sintaxe e de semântica, desta vez no ponto mais extremo de esquematicidade. A partir da conclusão lógica do *continuum* de esquematicidade, de que a diferença entre expressões idiomáticas e regras sintático-semânticas regulares não é de tipo, mas de grau, e a introdução da expressão idiomática numa teoria linguística, foi possível revitalizar a noção de construção, desta vez abrangendo todos os elementos de uma gramática e possibilitando uma gramática de construções.

Podemos nos perguntar a respeito da composicionalidade das construções, já que essa noção generalizada surge contra o modelo composicional e que as expressões idiomáticas possam ser descritas como não-composicionais. Croft (2007) cita o caso das expressões idiomaticamente combinadas, ou seja, expressões idiomáticas cujas "partes sintáticas da expressão idiomática [...] podem ser relacionadas com as partes da interpretação semântica da expressão idiomática" (Croft, 2007, p. 468). O exemplo dado pelo autor é a expressão "*spill the beans*" (*abrir o bico; dar com a língua nos dentes*), cuja interpretação semântica é "*divulge information*", em que embora as partes não sejam composicionais, o sentido de toda a expressão o é por convenção: "*spill*" e "*the beans*" podem ser interpretados, por convenção metafórica, como próximos a "*divulge*" e "*information*", respectivamente. O que se fez aqui foi dissociar a

composicionalidade da convencionalidade, de forma a definir que as expressões idiomaticamente combinadas, embora convencionais, são composicionais.

Podemos, outrossim, nos perguntar a respeito das outras construções além das expressões idiomáticas. Elas são composicionais, porém

> [a] razão pela qual elas devem ser interpretadas como construções independentes não é pelo fato de que a construção é não-composicional, mas de que as regras de interpretação semântica associadas à construção são únicas a esta construção e não são derivadas de outros padrões sintáticos gerais (Croft, 2007, p. 470, tradução nossa)

Esse fator de composicionalidade das expressões idiomaticamente combinadas, no que tange à interpretação semântica associada à estrutura sintática de toda a expressão pode ser estendido às regras gerais de sintaxe e de semântica. Isso quer dizer que "todas as expressões sintáticas, independentemente de seu grau de esquematicidade, são associadas a regras de interpretação semântica" (Croft, 2007, p. 470), o que, novamente, permite a generalização da construção para englobar o conhecimento gramatical de um falante: a sintaxe, a expressão idiomática, a morfologia, as categorias sintáticas e as palavras/o léxico. Essas categorias gramaticais distinguem-se, conforme Croft (2007), pelo par simples-complexo e específico-esquemático, à exceção da morfologia, que também possui o traço de dependência. Chama-se essa distinção de *continuum* sintaxe-léxico. O quadro a seguir ilustra cada categoria.

Quadro 1– Continuum sintaxe-léxico

Tipo de construção	**Nome tradicional**	**Exemplos**
Complexa e (majoritariamente) esquemática	Sintaxe	[SUJ *SER*-TAMN VERBO-PART (*POR* OBL)]
Complexa e (majoritariamente) específica	Expressão idiomática	[*PUXAR*-TAMN DET *ORELHA*]
Complexa e dependente	Morfologia	[SUBST-*S*], [VERBO-TAMN]
Simples e esquemática	Categoria sintática	[DEM], [ADJ]
Simples e específica	Palavra/léxico	[*ESTE*], [*VERDE*]

Fonte: adaptado de Croft (2007, p. 471)

Nessa tabela, os elementos específicos estão em itálico. Quanto aos elementos "TAMN", sigla menos intuitiva, diz respeito ao tempo, aspecto, modo e negação.

Já quanto às dimensões das construções, Traugott e Trousdale (2013) estabelecem três propriedades: o tamanho, a especificidade e o conceito, nos quais cada construção se posiciona de maneira gradual: próximas aos dois extremos do *continuum* e entre eles. O quadro a seguir ilustra as propriedades graduais das dimensões das construções:

Quadro 2 – Dimensões de construções

Tamanho	***Categoria***	**Simples**	**Complexo**	**Intermediário**
	Exemplo	*azul, -s*	*chutar o balde*	*impedância*
Especificidade	***Categoria***	**Específico**	**Esquemático**	**Intermediário**
	Exemplo	*sair, in-*	N, V_{AUX}	ADJ-*idade*
Conceito	***Categoria***	**Pleno** [*contentful*]	**Procedural**	**Intermediário**
	Exemplo	*vermelho,* N	*-s,* V_{AUX}	[SN *ficar* SADJ][10]

Fonte: Adaptado de Traugott e Trousdale (2013, p. 13)

O *continuum* simples-complexo diz respeito ao tamanho da construção: se simples, como a palavra *azul* ou o morfema *-s*, estamos tratando de unidades, cada uma em seu nível, indivisíveis, monomórficas; se complexas, são compostas de partes analisáveis; se intermediárias, são parcialmente analisáveis, ou seja, um dos morfemas é reconhecível, enquanto o outro não o é (Traugott; Trousdale, 2013, p. 11). O *continuum* específico-esquemático diz respeito à especificidade dos termos em uma construção: no ponto específico, temos o exemplo de *sair*; no esquemático, o esquema de verbo V e, no intermediário, a construção composta por uma parte esquemática e outra específica: ADJ-*idade*. O *continuum* pleno-procedural, por fim diz respeito à distinção tradicional léxico e gramática: no polo pleno ("léxico"), temos substantivos, adjetivos e verbos; no polo procedural ("gramatical") estão os materiais com sentido abstrato que "sinalizam relações linguísticas, perspectivas e orientação dêitica" (Traugott; Trousdale, 2013, p. 12); no polo intermediário, estão exemplos como a construção resultativa do português [SN *ficar* SADJ], que engloba características plenas, como os componentes da construção e possíveis características procedurais, como a implicação aspectual de mudança de estado inerente ao verbo.

[10] Cf. Ribeiro (2015).

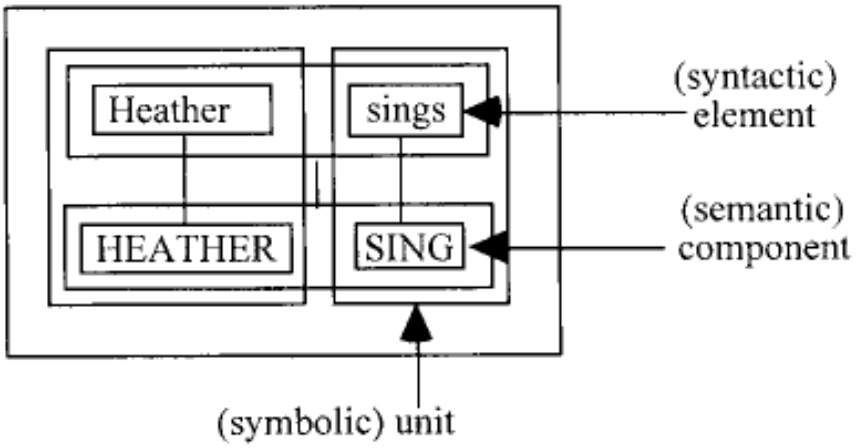
Quanto aos princípios gerais da disciplina, de acordo com Goldberg (2003), a abordagem construcional pode ser resumida segundo alguns princípios: (i) todas as camadas de descrição envolvem pareamentos de forma com função semântica e discursiva; (ii) é dada ênfase nos aspectos sutis das maneiras de conceber eventos e estados-de-coisas; (iii) de acordo com essa abordagem, não são concebidos níveis sintáticos profundos e subjacentes ou elementos fonologicamente vazios; (iv) considera-se que as construções são compreendidas e apreendidas por meio de *input* e de mecanismos cognitivos gerais (ou seja, elas são construídas) e que as construções variam entre as línguas; (v) as generalizações interlinguísticas são explicadas por meio de sua referência a coerções cognitivas gerais, juntamente com as funções das construções envolvidas; (vi) as generalizações entre construções específicas a uma língua são apreendidas por meio de relações de herança parecidas com aquelas (já concebidas há tempo) que apreendem o conhecimento não-linguístico; (vii) a totalidade do conhecimento em uma língua é apreendida por meio de uma rede de construções.

Essa abordagem, na visão de Goldberg (2019), utiliza de princípios que podem ser agrupados no acrônimo inglês "CENCE ME". O desdobramento desse grupo de letras, traduzido para o português brasileiro, coloca-se nos seguintes princípios: (i) os falantes procuram equilibrar a necessidade de serem expressivos (gozarem de opções linguísticas suficientes para veicular seus pensamentos, crenças e atitudes de formas compreensíveis para os ouvintes) ao mesmo tempo que procuram ser eficientes (terem à disposição construções menores e mais fáceis de processar do que as maiores e mais longas), conformando-se às convenções normativas de suas comunidades de fala; (ii) nossa memória é vasta, porém, imperfeita: os traços mnemônicos são retidos, porém são parcialmente abstraídos [*lossy*] de nossa experiência; as memórias *lossy* se alinham quando compartilham aspectos relevantes de forma e função, o que resulta numa sobreposição e em conjuntos emergentes de representações: as construções; (iii) as informações novas são relacionadas à informação antiga, o que resulta numa rede enriquecida de construções; (iv) durante a produção da fala, construções múltiplas são ativadas e competem entre si para expressar nossa mensagem; (v) durante a compreensão da fala, descontinuidades entre o que é esperado e o que é testemunhado de fato refinam nossa rede de construções adquiridas por meio da aprendizagem induzida por erros.

Além disso, Goldberg (1995) explica que os teóricos inscritos na abordagem construcional estão interessados em caracterizar a totalidade das estruturas linguísticas, e não somente certos elementos centrais, de forma que, para essa perspectiva, como a unidade de análise é a construção enquanto pareamento de forma e função, a divisão entre o léxico e a sintaxe torna-se inoperante: enquanto construções, suas diferenças são internas.

Quanto à construção propriamente dita, Croft e Cruse (2004) a definem como "pareamentos forma-função que são pelo menos parcialmente arbitrários [...] as construções são fundamentalmente unidades simbólicas" (Croft; Cruse, 2004, p. 257). Por unidades simbólicas, os autores entendem aquilo que Langacker (2008), na Gramática Cognitiva, caracteriza pelo "pareamento entre uma estrutura semântica e uma estrutura fonológica, de forma que uma possa evocar a outra" (Langacker, 2008, p. 5). De forma simplificada, um exemplo desse pareamento é a instanciação da construção intransitiva, "*Heather sings*" (Heather canta):

Figura 3 – Elementos, componentes e unidades de uma construção

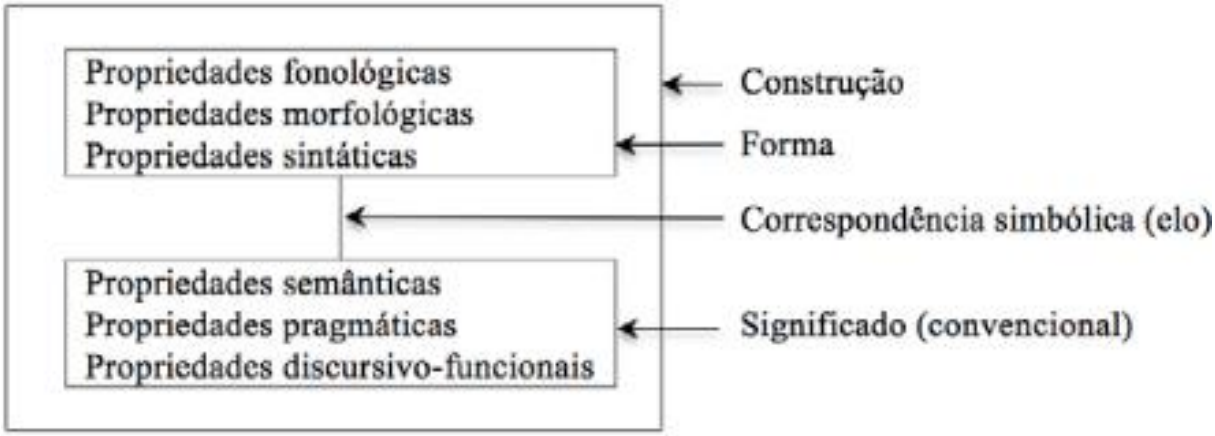


Fonte: Adaptado de Croft (2007, p. 476).

Na Figura 3, de forma bem simplificada, o elemento sintático/fonológico *sings* é associado a seu componente semântico *SING*, o que já forma uma unidade simbólica, ou uma construção simples e específica, se ignorarmos sua complexidade morfológica, que pertence a outra construção. A relação estabelecida entre as duas unidades simbólicas também é uma construção mais esquemática: a construção intransitiva [SUJ V_{INTR}].

Generalizando a noção de construção, temos sua definição como se segue representada na Figura 4.

Figura 4 *– A composição da construção*



Fonte: Croft (2001, p. 18), tradução de Gonçalves e Faria (2021))

Temos, conforme a figura acima, a formulação sintática, sob o nome de "Forma", que engloba as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, ligadas internamente por correspondência simbólica ao componente semântico, o "Significado", o qual é convencionalizado, isto é, organizado, em geral, pela maneira como as sociedades tipicamente interpretam [*construe*] situações e como utilizam certas palavras (Croft; Cruse, 2004). Dessa forma, conforme Croft e Cruse (2004), o significado diz respeito a "todos os aspectos convencionalizados da função de uma construção, os quais podem incluir não somente propriedades da situação descrita por um enunciado, como propriedades do discurso em que ela é encontrada [...] e da situação pragmática dos interlocutores" (Croft; Cruse, 2004, p. 258).

O componente semântico nos leva à pergunta a respeito de sua possível amplitude para lidar com o suporte dos enunciados aderentes em questão. Quanto a isso, podemos fazer referência ao conceito de memória *lossy* (Goldberg, 2019), especialmente no que diz respeito à vastidão de nossa memória para palavras associadas ao contexto em que a encontramos. Para Goldberg (2019), mesmo que a nossa experiência linguística seja parcialmente abstrata, retemos informações relevantes ao uso de uma palavra nos níveis de forma, sentido e contexto, modelados pela frequência de ocorrência e pelas variáveis implícitas em seu uso. Bybee (2016), ao tratar da memória linguística, chamada por ela de *memória enriquecida*, afirma que, na formação de uma representação de memória enriquecida, as informações estocadas consistem de "detalhe fonético, incluindo traços redundantes e variáveis, de itens lexicais e construções usados, de significado, de inferências feitas a partir desse significado e do contexto, e de propriedades do contexto social, *físico* e linguístico" (Bybee, 2016, p. 36, itálicos nossos).

Nosso impasse quanto ao suporte é devido ao fato de que a posição da tatuagem no corpo parece não determinar a existência de um componente linguístico formal para que possa

ser definida como uma unidade simbólica, visto que, em termos de frequência, a maioria dos padrões construcionais se encontram localizados nos braços e antebraços, independentemente da variação entre esses padrões. Diante disso, mobilizamos os dados de posição no corpo a partir de seus possíveis efeitos de sentido gerais para a interpretação desses enunciados aderentes, como a visibilidade da tatuagem para o sujeito tatuado e para outros.

Após alguns apontamentos de ordem metodológica, podemos nos perguntar a respeito da identificação de uma construção, sobre a qual Goldberg (2006) afirma que:

> [q]ualquer padrão linguístico é reconhecível como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível por suas partes componentes ou por outras construções existentes. Além disso, mesmo que sejam totalmente previsíveis, os padrões são estocados como construções se ocorrerem numa frequência suficiente (Goldberg, 2006, p. 5)

Como vimos acima, a abordagem construcional difere das abordagens composicionais pelo fato de que o *link* entre o significado (convencional) e a forma é *interno* à construção, enquanto, para as outras abordagens, ele é externo. Essas abordagens, mesmo que diferenciem a forma e o significado e os "liguem" externamente, consideram outras estruturas de caráter simbólico como parte do léxico, o que vai de encontro a um dos princípios da Gramática de construções: o de que não há divisão entre unidades lexicais e gramaticais (Croft; Cruse, 2004, p. 258).

Já definimos a construção enquanto representação de conhecimento linguístico, passamos, agora, para sua organização, que é feita por meio de redes taxonômicas (Croft; Cruse, 2004, p. 262), isto é, as construções são organizadas em uma relação de esquematicidade, produtividade e composicionalidade (Traugott; Trousdale, 2013).

A primeira relação, a da esquematicidade, como já pudemos observar de alguns exemplos expostos, "é uma propriedade de categorização que envolve crucialmente a abstração" (Traugott; Trousdale, 2013, p. 13), ou seja, refere-se aos níveis de generalização e de especificidade de uma construção, como foi explicado a respeito do exemplo "*Heather sings*" dado anteriormente. Essa relação é a principal para a configuração da arquitetura taxonômica da gramática de construções, que é montada nos próximos parágrafos.

A segunda relação, a de produtividade, diz respeito à frequência e extensão de tipos diferentes de construções mais específicas em relação a uma construção mais esquemática. Um exemplo pode ser o esquema morfológico, em inglês, de [ADJ + *ness*], cuja produtividade, atualmente, é bem maior do que o esquema [ADJ + *th*], já em desuso. Isso significa que uma variedade enorme de adjetivos é formada, em graus diferentes de convencionalidade, por esse

esquema: "*truthiness*", "*truthlikeness*" etc. (Traugott; Trousdale, 2013, p. 17). Esse tipo de produtividade é chamado de *type-frequency*, enquanto a frequência de uma mesma instanciação específica, ou seja, em um grau menor de esquematicidade, é denominada de *token-frequency*. Na morfologia, a *token frequency*, isto é, a frequência de repetição de uma mesma palavra, é indicativo de fixação [*entrenchment*] desta; já a *type-frequency*, frequência de repetição de um esquema em instanciações diferentes, é indicativa da fixação de um esquema.

A terceira relação, a de composicionalidade, aborda "a extensão em que o *link* entre forma e sentido é transparente" (Traugott; Trousdale, 2013, p. 19, tradução nossa), ou seja, na parte semântica, refere-se à possibilidade de construção de unidades maiores com base em unidades menores sem que o sentido e a organização sintática do todo estejam dissonantes das partes. Dessa forma,

> [s]e um constructo é semanticamente composicional, então desde que o falante tenha produzido uma sequência convencional sintaticamente e o ouvinte tenha sido capaz de entender o sentido de cada item individual, este será capaz de decodificar o sentido do todo (Traugott; Trousdale, 2013, p. 19, tradução nossa)

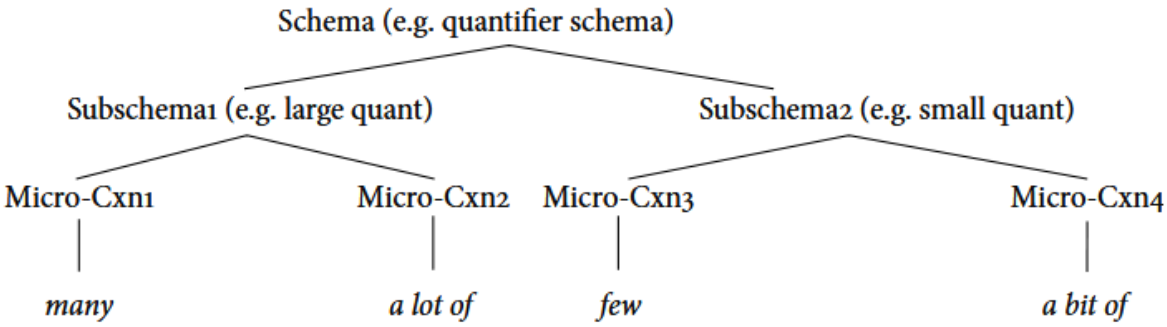
Quanto à arquitetura hierárquica das construções, temos, em Traugott e Trousdale (2013), a proposta de níveis construcionais mediante a esquematicidade das construções. De mais esquemático para mais específico, temos os *esquemas*, os *subesquemas*, as *microconstruções* e os *constructos*. Os autores relembram que essa hierarquia não é absoluta e, especialmente pelo fato de estarem analisando mudança construcional, os níveis podem interagir de maneiras diferentes.

Um esquema é o ponto mais esquemático da relação hierárquica e costuma ser fonologicamente inespecífico, isto é, sua representação não é composta por elementos fixos e específicos. Além disso, os esquemas constringem e especificam a boa-formação de seus subesquemas (Traugott; Trousdale, 2013, p. 15), lidando, dessa forma, com a prototipicidade das instanciações mais específicas. O ponto intermediário da hierarquia entre esquemático e específico é o subesquema, ainda inespecífico, cujas instanciações específicas são chamadas de microconstruções, estas, por sua vez, passíveis de preenchimento substantivo. Os constructos são as instanciações de uso das microconstruções, ou seja, "são *tokens* empiricamente atestados [...], instâncias de uso em uma ocasião particular, enunciados por um falante particular (ou escritos por um autor particular) com um propósito comunicacional particular" (Traugott; Trousdale, 2013, p. 16, tradução nossa). Como tais, os constructos são o molde da representação

mental de uma língua, o lócus de inovação individual no que diz respeito à mudança e de convencionalização.

A gramática de construções, dessa forma, como uma teoria baseada no uso, utiliza-se dessa hierarquia esquemática na direção *bottom-up*, o que significa que as generalizações são feitas e modificadas a partir dos construtos, ricos em informações altamente específicas e contextuais. A visão de Traugott e Trousdale (2013) a respeito dessa arquitetura é que se deve associar conhecimento (representado nos esquemas, subesquemas e microconstruções) e uso (os constructos): mesmo que o conhecimento não seja fixo e imutável, ele é "ainda assim, o terreno a partir do qual a inovação emerge" (Traugott; Trousdale, 2013, p. 47, tradução nossa). Na figura a seguir, os autores oferecem um exemplo dessa hierarquia com base no esquema de quantificador, instanciado em dois subesquemas: "quantidade grande" e "quantidade pequena", estes instanciados em microconstruções específicas:

Figura 5 – Gradiente de relações hierárquicas entre construções



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 17)

Enquanto pareamento de forma e função, a construção pode desencadear inferências acerca do estatuto do componente formal e do funcional, especialmente nos casos em que se supõe que eles tenham o mesmo estatuto. Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2017) argumentam que possa parecer que a abordagem construcional siga o princípio de que a forma se estabelece em função de seu significado, porém a relação entre esses componentes é de interdependência. Esses, para as autoras, não apresentam o mesmo estatuto e não se encontram no mesmo nível: "é possível que uma construção possa ser realizada no discurso por instanciações ou construtos que compartilham a mesma forma mas que diferem ligeiramente em termos de significado" (Furtado da Cunha; Cunha Lacerda, 2017, p. 22-23). Tais mudanças ligeiras podem ser categorizadas mediante elos entre construções, como por meio do elo relacional de polissemia, que descreve os elos de sentido entre o sentido prototípico e suas extensões. No entanto, tendo em vista a diferença de estatuto entre a forma e o significado, o

princípio de não-sinonímia ainda se encontra presente (Goldberg, 1995): se duas construções são distintas na forma, elas igualmente são distintas semântica ou pragmaticamente.

Furtado da Cunha e Lacerda Cunha (2017) pontuam, outrossim, que há um tratamento distinto em termos de construções de natureza mais sintática, como o caso da construção de sintagma verbal, e de natureza mais semântica, como as construções argumentais, em função da composicionalidade e previsibilidade de seus significados, de forma que nem todas as construções de uma língua têm um conteúdo semântico específico, a depender do nível de análise.

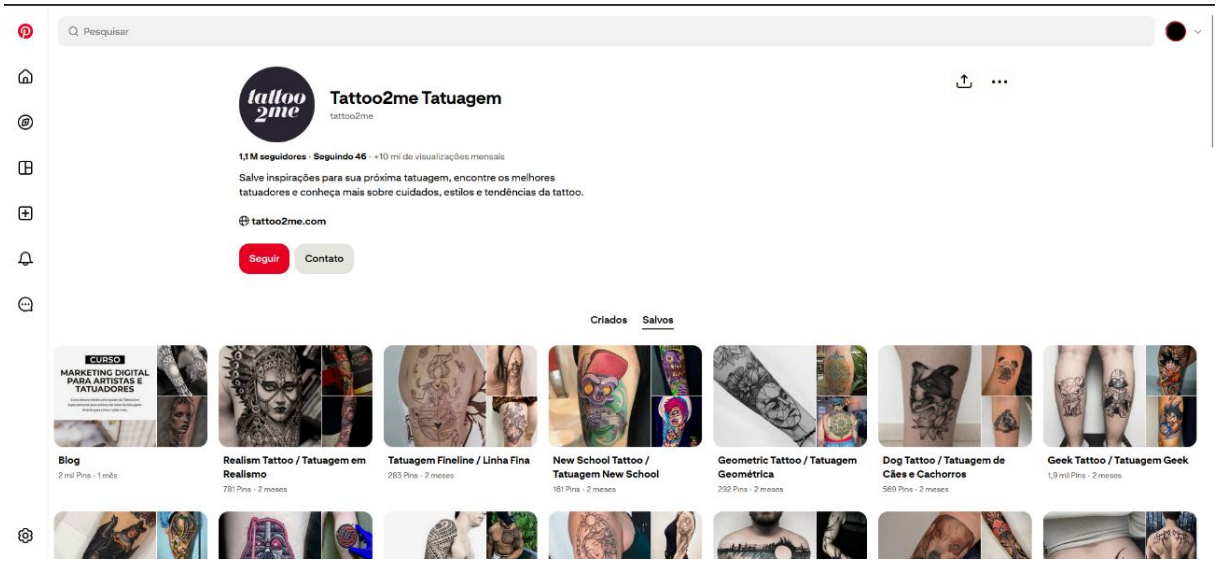
Utilizaremos, desta forma, a abordagem construcional para descrição dos dados linguísticos, porém, devido à diversidade do *corpus*, a descrição se mantém em um nível de esquematicidade relativamente alto, já que o foco é encontrar regularidades e não descrever detalhadamente todas as ocorrências. As descrições de ordem específica são pontuadas mediante a disponibilidade de estudos construcionais do Português Brasileiro, e são destacadas aqui somente pontualmente, conforme seja necessário, considerando-se os objetivos desta pesquisa. Quanto à posição da tatuagem no corpo, dado instável a respeito de uma possível interpretação, ela pode dizer respeito à relação do indivíduo com o enunciado e sua visibilidade, ou seja, a possibilidade de um destinatário virtual.

2.3 MONTAGEM E ORGANIZAÇÃO DO CÓRPUS

Para analisarmos as tatuagens, utilizamos o site *Pinterest* para a organização do córpus de ocorrências de tatuagens escritas. Esse site, em específico, funciona como um catálogo de ideias e inspirações em diferentes áreas: decoração, moda, beleza etc. Recentemente, ele tem sido definido como uma ferramenta visual de busca[11]. Sua estrutura é composta por arquivos, chamados de *pins*, aos quais um perfil pode fazer um *upload* direto de uma imagem ou carregá-la a partir de um *link* para outro *website*, e, como forma de organização dos arquivos, por pastas. Na Figura 6, a seguir, realizamos uma captura de tela da interface do site quando selecionamos o perfil “Tattoo2me Tatuagem”, que foi usado para a montagem do córpus.

[11] Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Pinterest (acesso em: 20 de out. de 2025)

Figura 6– *Interface do site Pinterest no perfil "Tattoo2me Tatuagens"*



Disponível em: https://br.pinterest.com/tattoo2me/. Acesso em: 01/11/2025.

O perfil "Tattoo2me Tatuagens" é oriundo de um *blog* com mais de dez anos de existência, que divulga matérias sobre artistas, entrevistas e listas de tatuadores por estilo e região.[12] No que tange aos discursos digitais nativos (Paveau, 2021), este *blog* pode ser considerado como a extensão de uma prática pré-digital e não um discurso digital nativo. Conforme a autora, as produções digitais nativas são aquelas "elaboradas on-line, nos espaços de escrita e com as ferramentas propostas pela internet, e não aquelas transpostas para o espaço digital conectado após a digitalização de espaços escriturais e editoriais pré-digitais" (Paveau, 2021, p. 57). Utilizamos somente este perfil para a seleção do córpus, tendo em vista principalmente seu alcance (como pode ser observado, na Figura 6, o número de um milhão e cem mil seguidores, além de mais de dez milhões de visualizações mensais) e sua quantidade de *pins* na pasta "Lettering Tattoo / Tatuagem Escrita", que engloba "Tatuagens de palavras ou frases, letras de músicas, poemas. Tudo que envolve tatuagens com algum tipo de escrita, desde as mais simples até as mais personalizadas"[13]. Dessa fonte, coletamos, então, um total de 683 ocorrências, excluindo as tatuagens escritas em inglês até o dia 10 de maio de 2023.

Iniciamos nossa seleção com critérios amplos para, após apurarmos conceitualmente o que pode ser uma aforização em termos oracionais ou suboracionais, selecionarmos os enunciados possíveis, tendo em vista a heterogeneidade inevitável que o córpus ofereceu. Em

[12] Cf. https://www.instagram.com/p/DPC3F4yER4e/ (Acesso em 20 de out. 2025)
[13] Cf. https://br.pinterest.com/tattoo2me/lettering-tattoo-tatuagem-escrita/ (Acesso em 20 de out. 2025).

primeira instância, dessa forma, o córpus representa as escolhas de tatuagens escritas mais gerais, buscando englobar o máximo possível os estilos. Submetemos esse conjunto a uma análise de padrões construcionais de forma a averiguarmos se há regularidades sintático-semânticas gerais para os enunciados aderentes inscritos na pele, de forma que possamos contornar certas preferências por certos padrões quando lidamos com esse tipo de suporte e as implicações discursivas dessas regularidades. Um tratamento quantitativo, ao mesmo tempo que direciona o aprofundamento de análise aos dados frequentes, permite que formulemos hipóteses a respeito de tendências de coerções discursivas e sócio-históricas nessa prática.

A composição do capítulo de análise foi feita mediante a dificuldade de dissociar a análise dos padrões construcionais e a análise de sua relação de aderência, de ordem mais discursiva. Dessa maneira, a seção de análise de padrões construcionais é composta pela análise de relação de aderência. Após essa análise, mapeamos os enunciados aforizantes nas ocorrências oracionais e tratamos, nessa mesma seleção de enunciados, das funções diferentes que a tatuagem possui e a relação desses enunciados com essas funções. Note-se que, pelo caráter inédito desta pesquisa, juntamente com as limitações que uma dissertação de mestrado impõe, nossa análise se atém a aspectos mais gerais tanto discursivos como construcionais, de forma que sirva como uma contribuição incipiente para a pesquisa de enunciados aderentes em tatuagens na análise do discurso.

Antes de procedermos às análises, algumas observações acerca da tatuagem enquanto enunciado aderente e de seu estatuto enunciativo problemático se fazem necessárias.

Como já vimos acima, Maingueneau (2022) propõe o conceito de enunciado aderente como “uma sequência de signos atribuídos a um mesmo responsável, contíguos, pertencentes à mesma rubrica, isto é, a serviço de uma mesma função” (p. 31), em relação de atribuição ao seu suporte, ao qual o enunciado está contíguo. No caso da tatuagem, a relação de contiguidade (Maingueneau, 2022, p. 15-16) é feita de forma direta, ou seja, o enunciado está fixado a seu suporte (o corpo) diretamente, sem um suporte mediador, então; já a relação de atribuição (Maingueneau, 2022, p. 16-17), que é material e semântica, diz respeito, respectivamente, à adequação do material (a tinta, no caso da tatuagem, a qual também é regida por normas institucionais de biossegurança) e à adequação semântica, no sentido de o enunciado dizer respeito a seu suporte, o que pode ser verificado tanto com a presença de pronomes pessoais na primeira pessoa do singular, como pela ausência destes em alguns casos suboracionais, que configura ausência de sujeito explícito no enunciado, mas é pressuposto pertencer ao sujeito que faz suporte à sequência verbal. Isso pode se dar por meio de predicados sem sujeito e de palavras qualificativas, ou seja, no nível oracional e suboracional.

A outra face da relação de atribuição é a de tomada de posse (Maingueneau, 2022, p. 17): no caso do tipo de tatuagem que estamos analisando (tatuagens escolhidas) e pela sua inscrição no contexto sócio-histórico, em que o indivíduo crê ter autonomia e responsabilidade por suas escolhas perante um corpo que é visto como cindido da natureza e da coletividade, a entidade que "toma posse" de seu suporte por meio dos enunciados aderentes é o próprio sujeito tatuado, o que não implica, ainda, que essa prática seja fruto somente de sua decisão. A vontade de se tatuar é mediada pelo ambiente social: no século passado, como já vimos, muitas tatuagens "escolhidas" eram frutos da relação com o ambiente: os presos, por exemplo, se tatuavam/tatuam como forma de se apossarem de seus corpos e destinos (Le Breton, 2004, p. 59) ou os cristãos de tempos antigos tatuavam calvários em si mesmos por estarem em localidades predominantemente muçulmanas (Le Breton, 2004, p. 29). O processo histórico de ressignificação da tatuagem (Souza, 2020) ao longo do século XX no Brasil e no mundo ocidental, bem como a sua integração à economia capitalista de uma sociedade-moda (Lipovetsky, 2004) e nas redes de normas institucionais favoreceram a proliferação e a aceitação da tatuagem escolhida.

Para Maingueneau (2022), os enunciados aderentes se sustentam com base em ideologias, a *doxa* com base no interdiscurso, e em instituições, por meio de regulamentações e/ou rotinas que naturalizem certos enunciados. A sustentação ideológica geral deu-se segundo as condições debatidas acima: a história de sua ressignificação e a inscrição da sociedade numa dinâmica hipermoderna, que, cada vez mais, despe o coletivo de suas tradições e injunções para facilitar o fluxo mercantil; já a sustentação institucional é composta parcialmente por regulamentações do Estado a respeito da prática da tatuagem: a tinta apropriada, os rituais de higiene, os saberes de biossegurança etc. Dizemos "parcialmente" porque a parte do corpo, o conteúdo da tatuagem e seu significado são de escolha do sujeito, que, ainda assim, baseia-se em convenções extremamente instáveis para sua decisão.

Para a tatuagem como enunciado aderente, o estatuto do suporte é instável. Maingueneau (2022) afirma que as tatuagens trazem questões sobre a distinção de enunciado aderente e suporte, já que o corpo tatuado seria o corpo "verdadeiro" e completo, distinto do corpo anterior ao processo de tatuagem. Se considerarmos a estabilidade dos enunciados aderentes, conforme o autor nos explica, notamos que a permanência de um enunciado está ligada diretamente ao estatuto de seu suporte, sua mudança ou durabilidade, sua sustentação ideológica e institucional. É possível percebermos isso em casos, por exemplo, em que o corpo passa a ser posse de uma instituição, como o foi para os prisioneiros de Auschwitz, na Alemanha nazista, em que a sequência de números marcada em suas peles os identificava como

prisioneiros selecionados para trabalhar[14]. Outro caso é o de uma vítima do empresário Thiago Brennand, que afirma, além de outras violências, ter sido tatuada à força com as iniciais do agressor[15], tratando-se, neste caso, de tomada de posse por outra pessoa.

Em casos de tatuagens escolhidas, o envelhecimento do tegumento e o desbotamento da tinta podem ser outros exemplos para avaliar a estabilidade do enunciado aderente tatuado. No entanto, e quanto à remoção da tatuagem? Por exemplo: um rompimento de relações amorosas pode implicar a remoção de uma tatuagem que celebre o amante do indivíduo; o deslocamento de valores que um indivíduo segue também pode instabilizar o enunciado aderente, o que nos aproxima de uma noção individual de "sustentação ideológica" (Maingueneau, 2022, p. 42-43), porém as implicações que a falha dessa sustentação gera somente terão efeito se mediadas pelo indivíduo tatuado, que escolherá remover a tatuagem ou não, já que a entidade que tomou posse de seu corpo por meio de um enunciado aderente é ele mesmo. Somos tentados a pensar o corpo enquanto suporte e, conforme o psicanalista Assoun (1996), citado no capítulo 1, propõe, como sujeito, num só, indissociável. Sujeito e corpo são suporte, pelo fato de o corpo *ser* sujeito. Essa perspectiva também é adotada por Le Breton (2006), no que diz respeito à sociologia do corpo, contra a dicotomia cartesiana corpo-mente.

Outro aspecto importante para a existência das tatuagens ocidentais escolhidas é o estatuto do corpo, que se distingue conforme culturas ou períodos históricos. Para Lipovetsky e Serroy (2015), a tatuagem em sociedades tradicionais tinha a função de mobilizar coesão social e pertencimento do indivíduo ao coletivo, o que implica uma perspectiva de corpo como indissociável do social e do cosmos (Le Breton, 2007, p. 30); desde a modernidade, o corpo é visto, em sociedades individualistas, como o componente que representa a distinção entre o indivíduo e seus respectivos Outros. É justamente essa perspectiva do corpo enquanto fato do imaginário social que permite, diante dos avanços e as intensificações hipermodernas, que o indivíduo veja na estilização de seu corpo uma forma de lidar com o mal-estar proveniente da desagregação do laço social. Dessa forma, nessas condições, tatua-se o corpo não para inscrevê-lo necessariamente no tecido social, mas para estilizar a si mesmo, colocar seu corpo como pertencente a si, afirmar sua presença, entre outras funções similares. Isso já é previsto na estruturação do conceito de enunciado aderente por Maingueneau (2022): (a mudança d)o estatuto do suporte está alinhado com a presença de certos enunciados aderentes, e não outros.

---

[14] Cf. https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/tattoos-and-numbers-the-system-of-identifying-prisoners-at-auschwitz. Último acesso: 18/01/2025.

[15] Cf. https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/09/05/mulher-relata-agressoes-e-diz-ter-sido-obrigada-a-tatuar-iniciais-de-empresario-e-um-monstro.ghtml Último acesso: 18/01/2025.

No caso em questão, essa mudança afeta não só, principalmente, o conteúdo da tatuagem e o caminho interpretativo que um analista, por exemplo, pode seguir para desvendá-la, como também sua função, exemplificada acima.

A relação específica que a tatuagem escolhida constrói com seu suporte se encontra na definição de enunciado aderente expressivo (Maingueneau, 2022, p. 139-156), que, diferentemente de outros enunciados contíguos a indivíduos, os quais teriam sua singularidade apagada pelo pertencimento a uma organização ou pelo apoio a uma causa, expressa e estiliza a personalidade do sujeito-suporte, chamado de "expressador" (Maingueneau, 2022, p. 140). Em muitos casos, o que configura um enunciado aderente expressivo não é exclusivamente o conteúdo do enunciado, mas também as circunstâncias em que ele se dá a ver. Maingueneau (2022) cita o caso do boné trumpiano "Make America Great Again" colocado à vista em momentos totalmente não relacionados a eleições, ou camisetas de time vestidas também em dias ou em épocas em que o time em questão não se encontra em campeonato algum. Deslocado dos agenciamentos específicos para o uso desses adereços, os enunciados em questão traduzem mais um traço de personalidade, de convicção, de identificação pessoal a uma causa, um time do que uma sustentação temporária dessingularizadora. Os enunciados aderentes tatuados, de acordo com Maingueneau (2022), levam ao extremo a lógica de enunciados aderentes expressivos: eles "comprometem inevitavelmente a camada mais profunda da personalidade" (p. 153) e dizem respeito ao *subjectum*, ou aquilo que se coloca como invariável perante as circunstâncias e que é definido como origem do ponto de vista e instância responsável pelas proposições, anunciador de valores.

Por fim, ao utilizarmos a tatuagem como *corpus*, levamos em conta seu aspecto altamente individualizado e subjetivo, em que a totalidade enunciado-suporte permite certas omissões no enunciado e certas lacunas para a interpretação de um analista que não conhece o sujeito tatuado. Mesmo mobilizando dados de conjuntura e de condições para a interpretação dessas tatuagens, podemos somente tocá-las em seus significados mais amplos e podemos assumir algumas interpretações em vez de outras. De qualquer maneira, seguimos o que Maingueneau (2022) já pontuou a respeito de enunciados aderentes expressivos em camisetas, e que pode ser aplicado para enunciados expressivos em geral:

> Na maioria das vezes, os leitores não sabem nada ou quase nada sobre o expressador e sua tendência é raciocinar em sentido inverso: inferir traços de sua personalidade a partir do enunciado escrito em sua camiseta. Mas, para engajar-se em tal processo de interpretação, *é preciso pressupor pragmaticamente que o fato de portar o enunciado aderente significa alguma coisa, manifesta uma intenção, por mais incerta que seja* (p. 142; grifo nosso).

Outra autora que se debruça nos estudos da tatuagem é Marie-Anne Paveau (2010). Dentro do que ela designa de "corpografese", estão configurações enunciativas singulares, que desafiam a teoria *standard* de enunciação, que implicaria um circuito de produção linguageiro fechado: a relação locutor e interlocutor, a forma, o contexto e a interpretação são considerados antropocentricamente, sem relação ao ambiente cognitivo e externo. Não entraremos em detalhes a respeito de sua proposta de reformulação da teoria enunciativa, mas alguns apontamentos da autora se fazem necessários.

A circulação aleatória e o leitor das tatuagens não condizem com aqueles do modelo interacional *standard*: o leitor pode, inclusive, não ser necessário e a configuração da enunciação ser da ordem do imaginário. A enunciação da corpografese é autobiográfica, "de si para si" (Paveau, 2010, p. 33) e se mostra como uma forma de negociação do sujeito com o real biológico, social, cultural e material.

Adotaremos a posição de leitor dessas tatuagens e, com isso, certas limitações: nossa interpretação será baseada em dados já expostos que balizam a leitura e podemos somente afirmar amplamente sobre seu sentido, procurando hipóteses que se confirmam ou infirmam com base nos materiais que mobilizamos e no dispositivo interpretativo possibilitado por estes e pelo conceito de enunciado aderente.

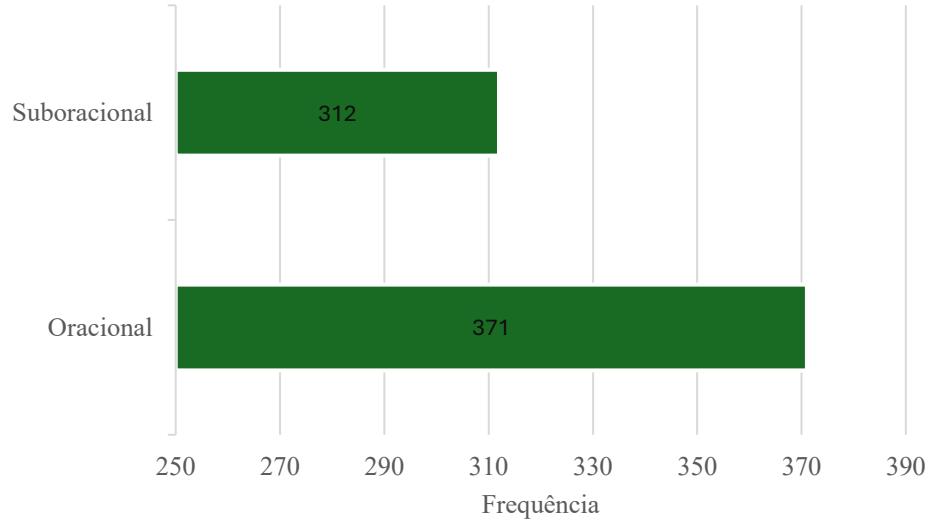
Elencamos, além disso, funções gerais da tatuagem, adaptadas com base em Le Breton (2004), que são: a valorização, ou seja, o posicionamento do enunciado dentro de um campo axiológico do sujeito, o que pode implicar um aspecto deôntico para a realização ou a busca desse valor ou estado de coisas; a apresentação de uma paixão em específico, como certas frases de um produto cultural ou a um evento no mundo; a dedicatória a um evento ou um indivíduo cuja relação com o indivíduo-suporte é importante; a caracterização de si, por meio de enunciados que possuem elementos dêiticos do locutor. O campo da valorização está relacionado à eficácia simbólica (Levi-Strauss, 2008) enquanto propriedade de indução de estruturas homólogas, como processos orgânicos, psiquismo inconsciente e pensamento consciente. Nos casos da tatuagem, isso é feito para induzir a si mesmo, pelo ato da palavra, a se situar em um estado psicológico específico, cujo conteúdo depende do enunciado. Outra variação mais vaga, próxima, mas não exatamente pertencente à eficácia simbólica, seria o caráter de talismã (Le Breton, 2004, p. 122), proteção simbólica contra a adversidade. Por fim, conforme algumas entrevistas feitas por Sweetman (2012) a alguns tatuados, é possível que todas as tatuagens escritas desse córpus tenham a função de lembrete, o que não é anódino, já

que o caráter de permanência, sobretudo no corpo, desses enunciados aderentes também implica seu não-esquecimento.

Por fim, estamos diante de ocorrências cuja aderência nos obriga a considerar o suporte como componente relevante da análise. Nesta pesquisa, denominamos esse suporte de "indivíduo-suporte". Em função da heterogeneidade do *corpus*, nossa análise limita-se a aspectos mais gerais das construções encontradas, embora apresente também algum detalhamento maior para alguns casos específicos.

Para facilitar a exposição dos dados, separamos as ocorrências conforme a categoria tradicional de oração, ou seja, considerando a presença de uma matriz verbal que aciona diversas configurações de constituintes. A partir disso, realizamos a análise específica para os dois tipos de frases encontrados, a saber: oracional e suboracional.

Gráfico 1 – Frequência de ocorrências oracionais e suboracionais



Fonte: Elaborado pelo autor

Da totalidade das ocorrências, 371 são de natureza oracional, enquanto 312 são de natureza suboracional. O próximo capítulo segue a mesma divisão: começamos descrevendo as ocorrências de natureza suboracional e, posteriormente, as de natureza oracional.

Antes de iniciarmos a análise, tornou-se importante tecer alguns comentários acerca de um dado específico: a posição da tatuagem no corpo. A partir desse dado, procuramos estabelecer as possibilidades semânticas implicadas, porém, é mister advertir que estamos lidando com um elemento do contexto extremamente instável. A posição da tatuagem em um corpo não determina biunivocamente os efeitos de sentido de seu enunciado: vários fatores podem afetar sua inscrição, como as coerções sociais acerca da visibilidade, da privacidade e

da possibilidade de que uma tatuagem ofereça riscos à admissão ou à continuidade em certos cargos de trabalho. Questões de privacidade também variam conforme os indivíduos: alguns podem preferir manter tais enunciados aderentes ao abrigo da visão dos outros independentemente de seu significado; outros, pelo contrário, preferem mostrá-los por seu apreço estético ou pela estética da diferenciação em uma cidade, como já foi discutido no capítulo 1. Outro aspecto importante é o de que, como as práticas de tatuagem e as tecnologias digitais encontram-se integradas em várias esferas (Souza, 2020), como a divulgação de tatuadores, seus contatos e várias etapas do consumo, as tatuagens podem ser feitas para serem melhor capturadas por uma câmera, de forma que sua posição e seu tamanho tanto em complexidade linguística, como em dimensão sejam menores ou parcialmente determinados por esses imperativos.

Procuramos, dessa forma, estabelecer algumas relações entre padrões construcionais e certas posições desses enunciados aderentes no corpo, mas, além de ser necessário advertir-se a respeito de sua equivocidade, os próprios enunciados no córpus são, em sua maioria, posicionados nos braços e nos antebraços de seus indivíduos-suporte, o que torna elusiva uma relação entre certa posição e seu padrão construcional. Tratamos, portanto, de interpretações de nossa posição de leitor sem levar em conta os motivos de certos lugares serem tatuados em detrimento de outros: atribuímos sentido, dessa maneira, mediante a imediatez à qual nossa interpretação é aplicada. Levaremos em conta as construções e os sentidos que tal posição no corpo pode suscitar.

Consideramos, portanto, certas áreas do corpo como mais visíveis tanto para o destinatário virtual, se este existir, como para seu indivíduo-suporte. Algumas convenções, assim, foram adotadas. A área da cabeça, do pescoço e das mãos são as, em termos de visibilidade por um outro, as mais expostas, porém a tatuagem na cabeça não é vista diretamente pelo indivíduo-suporte, enquanto nas mãos a leitura desses enunciados é possível. Em um nível menor de visibilidade, mas ainda frequentemente visível, estão o braço, situado entre o ombro e o cotovelo, e o antebraço, situado entre o cotovelo e o punho (cf. Dangelo; Fattini, 2001), expostos tanto ao destinatário quanto ao indivíduo-suporte. Do joelho ao tornozelo, a perna ainda oferece visibilidade às tatuagens, mas menor que o braço e o antebraço tanto para o destinatário quanto para o indivíduo-suporte. A área dos ombros é relativamente visível, mas pouco provável a depender da roupa, estando próxima à da perna e a da coluna. A coxa, situada entre o quadril e o joelho, o quadril, o abdômen e o peitoral são áreas de difícil visibilidade. Seguiremos nossa análise comparando o braço e o antebraço com as regiões do peitoral, do

quadril, da coxa e do abdômen, citando partes específicas esporadicamente, comparando áreas de visibilidade com áreas de difícil visibilidade.

3 ANÁLISE

3.1 ANÁLISE DE PADRÕES CONSTRUCIONAIS E DA ADERÊNCIA DE SEUS ENUNCIADOS

3.1.1 As ocorrências de natureza suboracional

Como já dito, as aforizações, segundo Maingueneau (2014), não costumam se materializar nas formas suboracionais, especialmente, nos casos de predicados com sujeito implícito contextualmente localizável, em que o argumento externo se encontra no suporte contíguo ao enunciado. O autor denomina essas ocorrências de "aforizações-eco", cuja lógica, longe de simular "dar a ver a fala do aforizador propriamente dita" (Maingueneau, 2014, p. 54), fragmenta-a nas localidades contextuais. Para a presente pesquisa, no entanto, os dados suboracionais são consideravelmente extensos, o que nos obriga a levá-los em consideração, ou, ao menos, demonstrar até que ponto é possível detectar aforizações em potencial.

Para procedermos à análise de um *corpus* tão heterogêneo como o selecionado, mobilizamos conceitos específicos aos casos suboracionais: as classes gramaticais a partir de um enfoque cognitivo (Langacker, 2008) e as categorias semânticas conforme Hengeveld e Mackenzie (2008). Langacker (2008), a partir dos princípios da Linguística Cognitiva, assume que o léxico, a morfologia e a sintaxe formam um *continuum* reduzível a emparelhamentos de função semântica e função fonológica, ou seja, estruturas simbólicas (Langacker, 2008, p. 5). A partir dessa premissa, o autor propõe uma caracterização das classes de palavras mediante seu sentido, desta vez lançando mão do argumento de que as visões tradicionais das classes de palavras não consideram a cognição em sua caracterização. Em vez disso, elas adotam uma visão objetivista, em que a natureza objetiva da entidade designada tem mais importância do que sua conceptualização. Outras definições das classes de palavras, como "objeto material" e "ação" para substantivo e verbo, respectivamente, representam somente arquétipos conceituais, aplicáveis somente às categorias centrais do protótipo de cada classe. É necessário, então, produzir definições esquemáticas que satisfaçam todos os membros de uma classe (Langacker, 2008, p. 94).

Desse modo, apresentamos algumas categorias básicas para caracterizar as classes de palavras: a *entidade* e a *coisa*. A primeira é um termo que é altamente genérico em sua aplicação, já que se aplica a "qualquer coisa que pode ser concebida ou referenciada na descrição da estrutura conceitual: coisas, relações, quantidade, sensações, mudanças, locais, dimensões, etc."

(Langacker, 2008, p. 98). Além disso, as *entidades* não necessariamente são discretas, reconhecíveis separadamente ou salientes cognitivamente. A segunda categoria é definida como "qualquer produto da reificação conceptual" (Langacker, 2008, p. 98), isto é, definida a partir da capacidade cognitiva de agrupamento, que é a capacidade de agrupar e interconectar entidades por meio de fatores principais como contiguidade, similaridade e reconhecimento de configurações familiares, e reificação, a qual funciona como a capacidade de "manipular os agrupamentos como entidades unitárias para propósitos cognitivos de níveis maiores" (Langacker, 2008, p. 105). Dessa forma, enquanto produto de reificação conceptual, a *coisa* mobiliza diversos agrupamentos e os perfila enquanto uma entidade unitária. A partir disso, o autor afirma que a categoria gramatical não diz respeito ao conteúdo conceptual como um todo, mas, sim, à natureza daquilo que é perfilado (o foco da atenção em um conteúdo evocado) pelas instanciações da classe gramatical.

Feita essa distinção, passamos a adotar a abordagem cognitivista das classes de palavras para esclarecer a função geral que cada ocorrência suboracional desempenha quando inscrita nas circunstâncias em que se encontra.

Hengeveld e Mackenzie (2008) propõem, para analisar a língua em seu componente semântico, seis categorias semânticas: Indivíduo (x), Estado-de-Coisas (e), Conteúdo Proposicional (p), Propriedade (f), Local (l) e Tempo (t). O Indivíduo, o Estado-de-Coisas e o Conteúdo Proposicional são adaptações das entidades semânticas, propostas por Lyons (1977), de primeira, segunda e terceira ordem, respectivamente. O quadro a seguir resume a definição de cada uma dessas categorias semânticas.

Quadro 3 – Entidades semânticas conforme Hengeveld e Mackenzie (2008)

Categoria	**Definição**	**Exemplo**
Indivíduo (x)	Entidades localizadas no espaço e que podem ser avaliadas em termos de sua existência pelas suas propriedades perceptuais relativamente permanentes.	*Cadeira, pessoa, casa etc.*
Estado-de-Coisas (e)	Entidades localizadas no tempo e no espaço e que podem ser avaliadas em termos de sua realização.	*Festa, reunião, manifestação etc.*
Conteúdo Proposicional (p)	Construto mental, que não pode ser localizado no tempo e no espaço e pode	*Crença, desejo, ideia etc.*

	ser avaliado apenas em termos de seu estatuto de verdade.	
Propriedade (f)	Não pode ser localizada pelos parâmetros de tempo e de espaço, não possui existência independente e pode ser avaliada somente em termos de sua aplicabilidade a outras entidades ou à situação descrita em geral.	*Cor, gentileza, falsidade etc.*
Local (l)	Categorias semânticas que não se reduzem às outras entidades, mas que especificam suas dimensões.	*Tempo, lugar e outras entidades caracterizadas como local e tempo por meios contextuais*.
Tempo (t)		

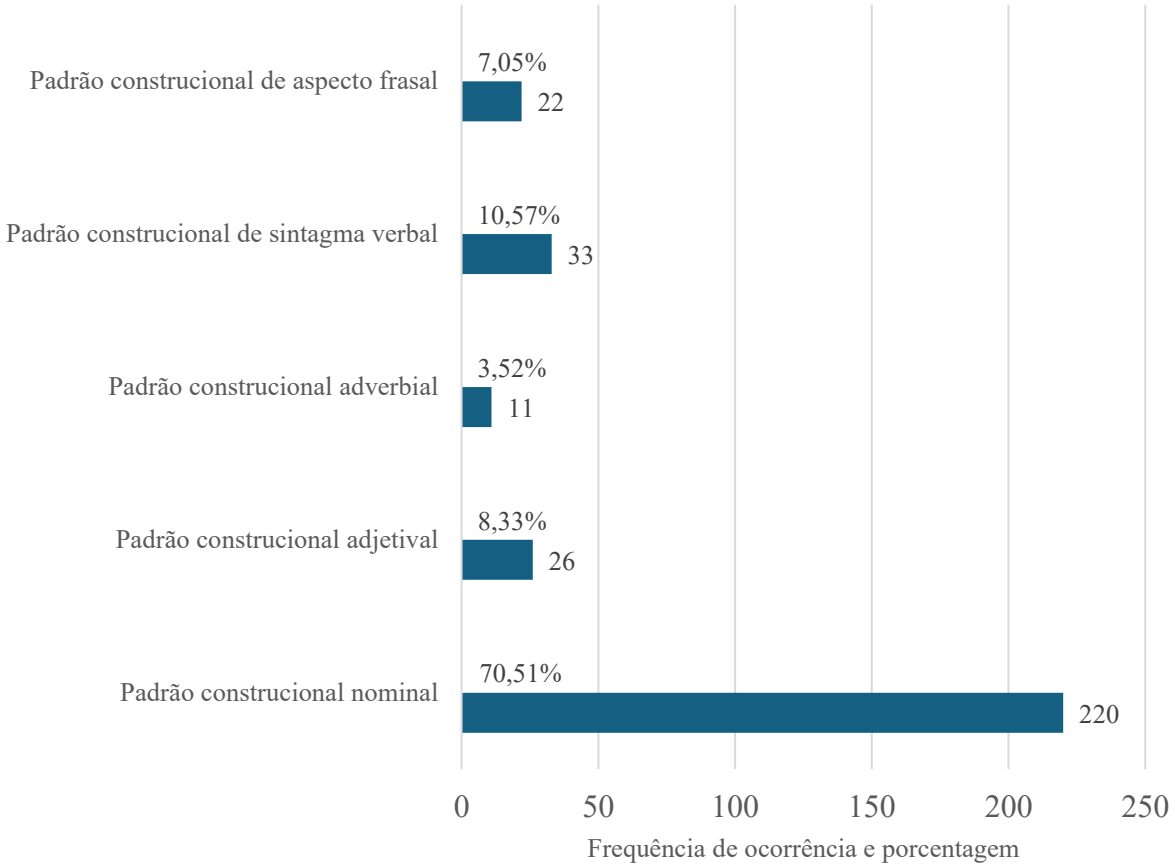
Fonte: adaptado de Hengeveld & Mackenzie (2008, p. 131-132)

Adotamos essa perspectiva de entidades semânticas especialmente pela adição de Propriedade (f), tão frequente em nosso córpus, porém devemos tomar algumas precauções. Keizer (1991) argumenta a favor da adição daquilo que denomina de "expressões de ordem zero", ou seja, expressões que simbolizam uma relação, uma predicação ou uma qualidade. Isso pode levar a questionamentos quanto a seu estatuto de "entidade" ou de expressão referencial. No entanto, quando na posição expressão nominal e na posição argumental, as expressões de ordem zero podem fazer referência a uma qualidade, de forma que, de acordo com a autora, há referencialidade em expressões de ordem zero dentro dessas condições. Em outras condições, como na função adjetiva, essas expressões são não-referenciais, mas ainda pertencem à categoria Propriedade (f).

Para facilitar a exposição dos dados, portanto, separamos as ocorrências suboracionais em padrões com núcleo nominal, núcleo adjetival, núcleo adverbial, núcleo verbal infinitivo e caráter frasal. Iniciamos a partir dos padrões com núcleo nominal, as quais, pela sua maior quantidade, foram intercaladas com os dados de posição no corpo.

O gráfico a seguir ilustra a frequência de cada padrão construcional suboracional.

Gráfico 2 – Frequência de tipos de padrões suboracionais



Fonte: elaborado pelo autor

3.1.1.1 Padrão suboracional com núcleo nominal

Para Langacker (2008), o substantivo é, esquematicamente, a classe que perfila uma *coisa*, ou seja, é possível perfilar relações de diversas complexidades e múltiplas entidades como uma entidade unitária. Enquanto entidade conceptualmente independente, a *coisa* não dá indícios de ligação, por meio de uma predicação implícita, por exemplo, com o indivíduo-suporte. Parece-nos que sua relação de aderência, diferentemente da dos padrões adjetivais, que seria a de rotular ou atribuir uma característica ao indivíduo-suporte, é, por essa distância conceptual implicada, mais de valorização, busca e atração dos conteúdos evocados.

As ocorrências em questão compreendem 220 dos enunciados suboracionais e são as que mais possuem diversidade no que tange às entidades semânticas. Os dados estão categorizados, conforme sua disposição sintática, em: (i) sintagma nominal simples ($[N]_{NU}$); (ii) sintagma nominal com modificador ([N]+[MOD]); (iii) sintagma nominal com determinante ([DET]+[N]); e (iv) sintagma nominal estendido por modificador e determinante ([DET]+[N]+[MOD]). Além disso, encontramos ocorrências de sintagmas sob o escopo de

advérbios focalizadores (ADV_{FOC}+[SN]), porém, sua força quantitativa é mínima, já que elas quantificam 3 das ocorrências com núcleo nominal, enquanto, por exemplo, o SN simples quantifica 201 do total dos dados. Os advérbios focalizadores que escopam o sintagma nominal não são considerados como parte interna do sintagma, conforme as definições de Camacho, Dall'Aglio-Hattnher e Gonçalves (2014). Por fim, identificamos ocorrências mistas, que englobam justaposição ou coordenação de sintagmas nominais de configurações internas diferentes. A tabela a seguir ilustra essa comparação quantitativa.

Tabela 1 – Tipo, frequência, exemplos e porcentagem de padrões construcionais suboracionais de núcleo nominal

Padrão construcional	Frequência	Exemplos
$[N]_{NU}$	201	*amor* *pai mãe* *vida* *Lorena* *Maria e Catarina*
([N] + [MOD])	7	*Alma livre* *Menina dos olhos verdes de Deus* *gaveta azul* *Filha de Nordestino*
([DET] + [N])	1	*minha cor, minha flor, minha cara*
([DET] + [N] + [MOD])	5	*A elegância do ouriço* *Um mar de mim* *Meu próprio lar* *Todo Amor que Houver nessa Vida*
(ADV_{FOC} + [SN]) ou ([SN] + $[SADV]_{CIRC}$	3	*apenas amor* *nada menos que tudo* *amor além da vida*
Misto	3	*Uma eterna inquietude E virtuosa revolta* *O- Diabetes 2*

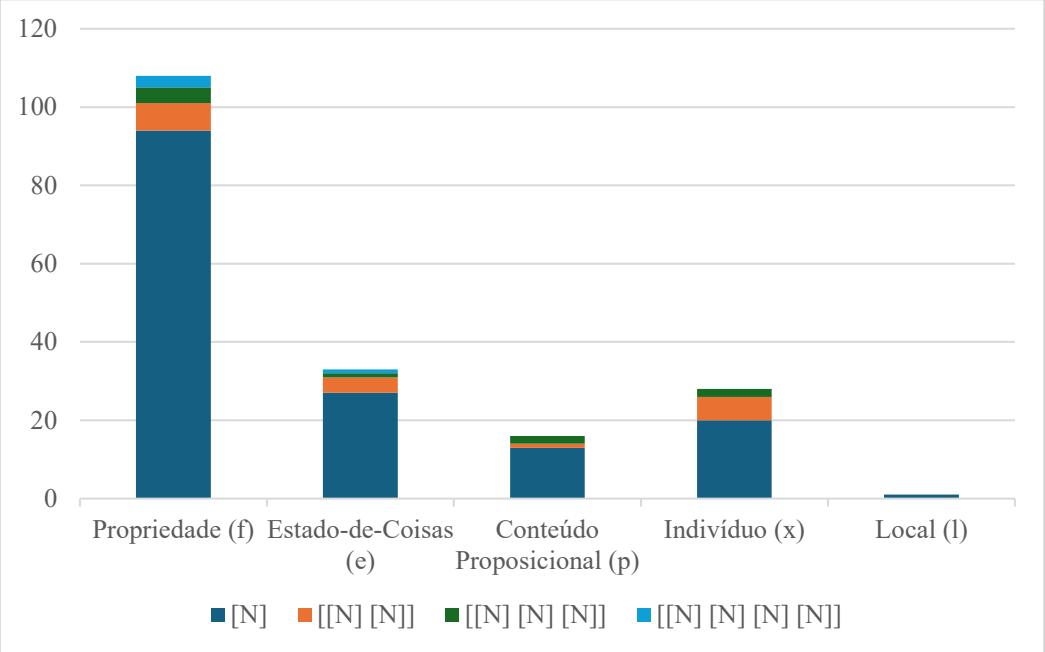
Fonte: Elaborado pelo autor

Tendo em vista a preferência consideravelmente maior pelo nominal nu dentro das configurações do sintagma nominal, aprofundamo-nos na análise deste. Para melhor distinção da disposição das entidades e traços semânticos, separamos os nominais nus conforme os traços

[+próprio] e [+comum]. A partir disto, observamos que, das 201 ocorrências, 169 são nominais comuns [N$_{COMUM}$]$_{NU}$ e 32 são nominais próprios [N$_{PRÓPRIO}$]$_{NU}$, estes referenciando indivíduos únicos (x), exceto por uma ocorrência que faz referência à Localização (l); aqueles, por sua vez, apresentam mais diversidade no que tange às entidades semânticas que codificam. Dessa forma, os nominais comuns estão categorizados como únicos ([N$_{COMUM}$]$_{NU}$) e coordenados ou justapostos ([N$_{COMUM}$(+COORD+)N$_{COMUM}$], [[N$_{COMUM}$]$_{NU}$ [N$_{COMUM}$]$_{NU}$ [N$_{COMUM}$]$_{NU}$] e [[N$_{COMUM}$]$_{NU}$ [N$_{COMUM}$]$_{NU}$ [N$_{COMUM}$]$_{NU}$ [N$_{COMUM}$]$_{NU}$]), cuja frequência é, respectivamente, 155, 9, 4 e 1 ocorrências.

Para que possamos apreender a dimensão da quantidade de categorias semânticas, primeiro formamos um gráfico para ilustrar a frequência individual destas, independentemente de seu pertencimento às categorias justapostas ou coordenadas, de forma que os dados de frequência para os padrões além de [N$_{COMUM}$]$_{NU}$ únicos estão acima da quantidade de tatuagens nessas condições. A seguir, apresentamos a frequência das entidades semânticas em forma de gráfico, excluindo uma única ocorrência de Lugar (l): “âmago”.

Gráfico 3 - Frequência de categorias no esquema [N$_{COMUM}$]$_{NU}$ único e coordenado ou justaposto.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Vejamos alguns exemplos de entidades semânticas nos casos de [N$_{COMUM}$]$_{NU}$ únicos:

Quadro 4 – Exemplos do padrão [N$_{COMUM}$]$_{NU}$ e sua posição no corpo

Padrão construcional	**Entidade semântica**	**Exemplos**	**Posição no corpo**
[N$_{COMUM}$]$_{NU}$	Propriedade (f)	*coragem*	52 em antebraço; 16 em ombro; 8 em braço; 4 em pescoço; 3 em coluna; 2 em quadril; 2 em costela; 2 em peitoral; 1 em panturrilha; 1 em perna; 1 em coxa; 1 em mão; 1 em escápula
		energia	
		leveza	
		Resiliência	
	Estado-de-Coisas (e)	*amor*	10 em braço; 8 em antebraço; 3 em mão; 2 em ombro; 1 em costela; 1 em pescoço; 1 em peitoral; 1 em clavícula
		ARTE	
		Proteção	
		Paz	
	Conteúdo Proposicional (p)	*alma*	6 em antebraço; 2 em braço; 2 em mão; 1 em costela; 1 em ombro; 1 abdômen
		Fé	
		metáforas	
		ubuntu	
	Indivíduo (x)	*Família*	12 em antebraço; 4 em braço; 1 em costas; 1 em coluna; 1 em quadril; 1 em escápula.
		mãe	
		mainha	
		painho	
	Local (l)	*âmago*	Mão

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com os dados expostos acima, a posição mais comum para todas as categorias semânticas de [N$_{COMUM}$]$_{NU}$ são o braço e o antebraço, o que significa, sendo áreas mais visíveis, a sinalização, tanto para si como para um destinatário possível, de valores, propriedades e entidades as quais o indivíduo-suporte busca ou mostra que possui. Pela posição no braço e no antebraço, as ocorrências mostram-se como lembretes, sinais e atributos postos à visão do indivíduo-suporte e de possíveis outros. Já em áreas menos visíveis (e menos comuns a partir de nossos dados), parece se tratar menos de sinalizações para outros e mais de proximidade à personalidade (íntima) do indivíduo-suporte, que se lembrará de suas tatuagens eventualmente, mas parece se manter mais fortemente alinhado a elas.

Muitos constructos recolhidos do córpus repetem-se nesse padrão construcional específico. Vejamos a frequência *token* dos construtos e sua posição no corpo, excluindo as posições indeterminadas.

Tabela 2 – Frequência *token* de constructos do padrão [N$_{COMUM}$]$_{NU}$

Constructo	**Categoria semântica**	**Frequência *token***	**Posição no corpo**			
			Braço-antebraço	**Ombros-coluna**	**Peitoral-abdômen**	**Quadril-pernas**
amor	e	14	10	2	1	-
ARTE	e	4	3	1	-	-
vida	e	3	2	1	-	-
axé	f	3	3	-	-	-
coragem	f	6	5	-	-	-
empatia	f	4	4	-	-	-
equilíbrio	f	2	1	-	-	1
gratidão	f	34	26	6	1	1
INTENSIDADE	f	3	1	2	-	-
leveza	f	2	2	-	-	-
reciprocidade	f	5	3	1	-	1
Resiliência	f	22	10	11	-	1
Saudade	f	2	1	1	-	-
Fé	p	8	6	1	1	-
ubuntu	p	2	2	-	-	-
Família	x	7	6	1	-	-
mãe	x	4	3	1	-	-
mainha	x	2	2	-	-	-
painho	x	2	2	-	-	-
vó	x	3	3	-	-	-

Fonte: elaborado pelo autor

A tabela a seguir ilustra, dessa forma, as entidades semânticas combinadas nos [N$_{COMUM}$]$_{NU}$ coordenados ou justapostos.

Tabela 3 – Frequência de sintagmas nominais comuns e de combinações de entidades semânticas

Configuração dos sintagmas comuns	Combinações de Entidades Semânticas	Frequência	Exemplos
[[N_{COMUM}](+[COORD]+)[N_{COMUM}]]	(f)+(f)	3	*intensidade reciprocidade*
	(f)+(e)	1	*LUZ / PROTEÇÃO*
	(x)+(x)	3	*pai mãe*
	(e)+(p)	1	*c[alma]*
	(e)+(e)	1	*afeto e poesia*
[[N_{COMUM}] [N_{COMUM}] [N_{COMUM}]]	(e)+(p)+(f)	1	*Amor Fé Sorte*
	(f)+(f)+(f)	1	*serenidade coragem sabedoria*
	(x)+(x)+(p)	1	*coração corpo alma*
	(t)+(t)+(t)	1	*TEMPO TEMPO TEMPO*
[[N_{COMUM}] [N_{COMUM}] [N_{COMUM}] [N_{COMUM}]]	(e)+(f)+(f)+(f)	1	*Amor Força Equilíbrio LIBERDADE*

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em todos os nominais simples comuns, com exceção dos duplos coordenados ou justapostos [[N_{COMUM}](+[COORD]+)[N_{COMUM}]], cuja quantidade de ocorrências individuais de Estados-de-Coisas (e) é maior, com uma ocorrência a mais, a quantidade mais significativa é a da entidade de ordem zero: a Propriedade (f). Por definição, a entidade de ordem zero é uma entidade que "é passível de atribuição e predicação, não pode ser localizada no tempo ou no espaço e pode ser tipicamente avaliada em termos de sua aplicabilidade (a entidades de hierarquia mais alta)" (Keizer, 1991, p.5, tradução nossa). Em contextos sintáticos mais típicos, quando uma propriedade é nominalizada (como no caso de "intensidade"), ela apresenta o traço de um nominal [+abstrato], ou seja, torna-se um substantivo de existência dependente e que é abstraída de outras entidades, o que pode ser explicitado, na sintagmatização e a depender da intenção referencial (Givón, 2001), como um modificador de posse: *a intensidade do amor de João*, por exemplo. Nesta configuração sintática, no entanto, a outra entidade que dá concretude e especificidade à propriedade não se encontra expressa e, assim, possibilita a interpretação dessa referência como genérica, ou com um grau até menor de referencialidade, próximo à referencialidade nula, o que pode indicar uma evocação de uma propriedade em seu estado "puro" ou aplicável a qualquer situação, na percepção do indivíduo-suporte.

Algo diferente acontece com os nominais referentes a Indivíduos (x). Exceto por 5 ocorrências de todos os nominais nus comuns [N_{COMUM}]$_{NU}$, os outros Indivíduos são chamados de *substantivos relacionais* (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 203), por expressarem relações

de parentesco: “Mãe/Pai”, “Vó Vô”, “mainha” e “painho” são alguns exemplos. Como estamos inevitavelmente tratando de enunciados aderentes (Maingueneau, 2022), toda interpretação de tatuagem deve considerar o suporte enquanto componente semântico e contextual. Dessa forma, nesse caso, é possível interpretar esses enunciados com substantivos relacionais como dedicatórias específicas aos parentes do indivíduo cujo corpo é suporte do enunciado, mas isso não impede totalmente uma interpretação de referência genérica desses termos, especialmente com a ocorrência “Família”, que, além de não expressar o determinante possessivo, está numa relação de holonímia-meronímia com, por exemplo “Mãe” ou “Pai”, que diz respeito ao todo, mais geral e mais passível de uma referência genérica por enfraquecer a possibilidade de um traço relacional. Nos casos em que os nominais não são relacionais, a aderência parece mais caracterizar o suporte do que sinalizar a relação deste com outro: “Alma livre” e “Filha de Nordestino”, por exemplo, que parecem aderir ao indivíduo suporte enquanto característica atribuída a este.

Já em relação ao Estado-de-Coisas, identificamos as ocorrências com os seguintes traços: [+dinâmico] e [+experiencial] (Dik, 1997), como “amor”, *afeto*, em “afeto e poesia”, e “AMOR PRÓPRIO”; [-dinâmico], como “Paz”, “Proteção” e “vida”; [+ dinâmico], como “ARTE”, “Gastronomia e NUTRIÇÃO”, *poesia*, em “afeto e poesia”, e “CAR NA VAL”. Dessa forma, os efeitos de sentido a partir das relações entre o indivíduo-suporte e os enunciados aderentes modificam-se conforme os traços [+din] combinados, ou não, com [+exp] e [-din] combinados, ou não, com [+exp].

A combinação [+din; +exp], como em “amor”, por se relacionar aos estados psicológicos dos participantes do EsCo, pode produzir o efeito de serem valorizadas e buscadas pelo indivíduo-suporte, o que, quando visíveis, podem sinalizar a um possível destinatário os valores do indivíduo-suporte e relembrar-lhe de buscar e valorizar o estado ou o sentimento evocado por essas ocorrências. Quando menos visíveis, podem se relacionar mais com traços íntimos e inerentes da personalidade do indivíduo-suporte. O mesmo ocorre com os casos de [-din; +exp], como “calma”, porém são mais relacionados à organização interna do indivíduo-suporte perante múltiplas situações do que uma busca ativa: suas fórmulas podem ser “estar calmo” e “procurar amor/amar”. As ocorrências não-dinâmicas, além disso, apontam para uma função parecida com a eficácia simbólica (Lévi-Strauss, 2008, p. 217), ou seja, a função de estetização enquanto forma de indução de uma estrutura homóloga com outra(s) (processos orgânicos, pensamentos conscientes e inconscientes). Neste caso, o efeito “místico” dessa eficácia simbólica está longe de ser o caso da paciente e do xamã (Lévi-Strauss, 2008, p. 201-220), em que, por meio de sua narrativa mítica e de operações ritualísticas, o xamã seria o

responsável de reorganizar a aparente incongruência e arbitrariedade das dores da paciente para uma projeção de um mito em que essas contingências têm razão de ser, de forma a habilitar o efetivo andamento do parto prolongado. Aqui, o caso é diferente, o poder da escrita, no corpo, de alguns desses EsCo é o de salvaguardar o indivíduo das vicissitudes e riscos de sua existência, e não de reinserir os acontecimentos em uma narrativa.

As ocorrências [+din; -exp] parecem mais próximas a uma apreciação e comemoração do que uma busca: trata-se de Estado-de-Coisa menos relacionados a sentimentos do indivíduo-suporte e mais próximos a atividades no mundo as quais este indivíduo mantém algum laço axiológico: "CAR NA VAL" e "ARTE". As ocorrências [-din; -exp] parecem aderir à vida do indivíduo-suporte mais do que a estados internos: "Paz" e "Proteção" são alguns exemplos. Além disso, essas últimas ocorrências também parecem desempenhar um efeito de talismã ou de eficácia simbólica: ao evocar esses EsCo's, a intenção pode ser de atraí-los para sua narrativa de vida.

Quanto aos Conteúdos Proposicionais (p), que, exceto pelas entidades temporais (t) e espaciais (l), excluídas do gráfico pela sua baixa ocorrência (1 ocorrência e 3 ocorrências na mesma tatuagem, respectivamente), são, em termos de valor total e valor parcial, as entidades menos frequentes. Elas dizem respeito tanto a entidades no campo conceitual, como "metáforas" e "ubuntu", este último mais relacionado a crença e filosofia, ou entidades do campo religioso, como "fé" e "alma", nas quais o indivíduo-suporte se mostra como crente, ou seja, como participante no ato cognitivo de acreditar nestes, quanto atos valorizados pelo indivíduo, como em "Fé". Todos são relacionados, evidentemente, à esfera da crença e do valor.

Quanto aos $[N_{PRÓPRIO}]_{NU}$, como já dito acima, não há diversidade de entidades semânticas: todas fazem referência a Indivíduos (x), com exceção de uma única que expressa Local (l) ("SÃO PAULO"), e a sua referencialidade é evidentemente específica e única. Das 32 ocorrências, somente 6 não estão inscritas no braço ou no antebraço. Parece-nos, pelo fato de serem dedicatórias a outros sujeitos em relação com o indivíduo-suporte, que se trata mais de relembrar esses sujeitos e mantê-los próximos à consciência do que sinalizar algum valor ou alguma qualidade para outros.

Sobre os outros padrões de SN, algumas observações principais devem ser feitas: o esquema de menor frequência é o $[[DET]+[N_{COMUM}]]_{SN}$ (um único caso: "minha cor, minha flor, minha cara"), o que não deve causar surpresa, já que os determinantes do sintagma nominal "cumprem a função de identificar/situar/enquadrar, no universo do discurso, esse referente já construído" (Camacho; Dall'Aglio-Hattnher; Gonçalves, 2014, p. 18). A extensão linguística curta das ocorrências e a configuração enunciativa problemática (Paveau, 2010) parecem ser

uma explicação parcial para a possibilidade de SNs nus, que aparentam, para o interpretante, evocarem a classe ou o *type* (Givón, 2001, p. 58), enquanto, para o tatuado, podem demonstrar um grau de referencialidade diferente, mesmo não expresso linguisticamente. De qualquer maneira, a única ocorrência do esquema [[DET]+[N_{COMUM}]]$_{SN}$ é "minha cor, minha flor, minha cara", que, do ponto de vista linguístico, ativa o pronome possessivo na posição de determinante e, dessa forma, em conjunção com o suporte, aparenta ter uma referencialidade específica. No entanto, essa sequência faz alusão, sem o dizer, à letra de uma canção denominada *Espatódea*, do cantor Nando Reis. Não mais um fragmento vinculado unicamente à enunciação do indivíduo-suporte, podemos dizer que essa ocorrência segue a lógica de *particitação* (Maingueneau, 2008). A particitação, além de ter outras funções, pressupõe a manutenção da sequência significante que ela cita, de forma que algumas ocorrências mais elaboradas dos padrões nominais o são devido a essa lógica particitativa.

É possível estabelecer uma relação com construções predicativas do tipo identificativa [SN_{SUJ} + SER + SN_{DEF}] (Hengeveld, 1992, p. 81) e classificativa [SN_{SUJ} + SER + SN_{INDEF}] (Hengeveld, 1992, p. 81) nas ocorrências de Indivíduos (x) sem consistirem em substantivos relacionais, especialmente àquelas cujo SN predicativo pode se aplicar a SNs sujeito com o traço [+humano] (Givón, 2001), o que diz respeito ao indivíduo-suporte, ou cujo SN predicativo represente uma extensão metonímica ("Alma livre") ou metafórica ("Meu próprio lar") do indivíduo-suporte. Outra relação possível de ser feita, porém muito menos provável, quando os [N_{COMUM}]$_{NU}$ não são englobados pelas construções predicativas, é aquela com a construção de verbos leves e de posse abstrata (Carvalho, 2017), de instanciação específica com o verbo *ter*, ou, simplesmente, num nível mais específico e sem pretensão de generalização por nossa parte, o padrão [*EU VALORIZO* + [N_{COMUM}]$_{NU}$]. Vejamos alguns casos:

Quadro 5 - Leituras possíveis de padrões com núcleo nominal

Padrão construcional	Dado do córpus	Leitura possível
SN_{SUJ} + *SER* + $SN_{DEF/INDEF}$	*Meu próprio lar*	*Eu sou* meu próprio lar
	ARTE	*Eu sou* arte
SN_{SUJ} + *TER* + SN_{ABSTR}	*equilíbrio*	*Eu tenho* equilíbrio
	coragem	*Eu tenho* coragem

Fonte: elaborado pelo autor

Evidentemente, nestes casos, tanto o sujeito como o verbo relacional da construção predicativa não são expressos linguisticamente, mas permitem inferir, por meio da relação de aderência, a estrutura predicativa apontando para o indivíduo-suporte como seu "sujeito" argumental. Normalmente, as predicações não-verbais, como as chama Hengeveld (1992), definem-se como tal mediante às exigências de seleção do argumento e da quantificação valencial impostas pelo sintagma predicativo. No caso de seleção argumental requerida pelo predicador, *Sheila está doente*, por exemplo, é um enunciado perfeitamente aceitável, enquanto **Esta mesa está doente* é inaceitável, devido à natureza do sintagma predicativo, cuja propriedade só se aplica a entidades com o traço [+animado]. No caso de predicados com quantificação valencial, *Este livro é idêntico àquele* é aceitável, enquanto simplesmente **Este livro é idêntico* não é aceitável, por faltar o segundo argumento requerido pelo predicado.

Tendo em vista a imposição de condições de seleção do sintagma predicativo sobre argumentos na formação de predicações com sentido completo, é possível relacioná-los ao indivíduo-suporte aqueles que, como o sujeito dessa construção, permanece o mesmo em termos gerais ([+humano]). As instanciações que apresentam esses traços podem ser interpretadas como pertencendo a ambos os tipos de construções predicativas citadas acima, às construções de verbo leve e de posse abstrata ou ao padrão [*EU VALORIZO* + [N_{COMUM}]$_{NU}$]. Ainda que possam ser associadas a essas construções, não há evidências que as relacionem exatamente a cada construção, já que não há a expressão direta de um enunciado.

Outra interpretação possível é a de, ao comparar os padrões [N_{COMUM}]$_{NU}$ com função de Propriedade (f) com os padrões adjetivais, questionarmo-nos a decisão pelo padrão nominal de palavras que facilmente seriam adjetivadas, como "coragem" ou "equilíbrio". Parece-nos que se trata, aqui, de evocar as propriedades sem relacioná-las ao indivíduo-suporte enquanto características inerentes a este, mas como valores buscados e que devem ser relembrados. Aqui, a aderência parece, então, estar relacionada ao horizonte axiológico do sujeito do que ao sujeito em si, como rótulo ou característica.

Em suma, de maneira geral, parece-nos que, os padrões construcionais nominais, pela sua natureza de perfilar uma *coisa*, são evocações de referentes que, a depender de sua categoria semântica, possuem funções sutilmente diferentes: valorização ou busca, atração pela evocação (eficácia simbólica) ou de dedicatória.

3.1.1.2 Padrões com núcleo adjetival

Os padrões com núcleo adjetival englobam 26 ocorrências suboracionais, que foram divididas em dois padrões construcionais: [[ADJ] + [SP_{Comp}]] e [ADJ]$_{NU}$, cuja frequência é de 11 para ambos. As outras quatro ocorrências foram classificadas como "Outros" devido à presença de um SN justaposto (caso de "ALÉRGICA/ aas/ dipirona/ ibuprofeno/ diclofenaco/ A+"), à presença de uma locução com função de negação ("Suave coisa ne-nhu-ma") e ambiguidade categorial ("Diabética Tipo 1" e "baiana"). A última será discutida no final desta seção. Vejamos alguns exemplos.

Tabela 4 – Frequência e exemplos de padrões construcionais de núcleo adjetival

Padrões construcionais	**Frequência**	**Exemplos**	**Posição no corpo**			
			Braço-antebraço	**Ombros-coluna**	**Peitoral-abdômen**	**Quadril-pernas**
[[ADJ] + [SP_{Comp}]]	11	*Alérgico a Dipirona feita de sol*	7	2	-	2
[ADJ]$_{NU}$	11	*abençoada intensa leve resiliente*	7	1	2	1
Outros	4	*baiana Suave coisa ne-nhu-ma*	3	-	1	-

Fonte: elaborado pelo autor.

Como os adjetivos, pela sua morfologia, denominam Propriedades (f), sua função é dependente de um substantivo ao qual ele atribui essa propriedade. Podemos questionar, ainda, o que diferencia um adjetivo de um substantivo, quando ambos parecem fazer referência a uma Propriedade. A resposta de Keizer (1991), com base no funcionalismo holandês, é de que as Propriedades podem ser referência se forem termos, isto é, "qualquer expressão que pode ser usada para referenciar uma entidade ou entidades em algum mundo" (Dik, 1997, p. 127). Os padrões com núcleo nominal são termos e podem, quando se referem a propriedades, indicá-las como entidades, já que, em posições argumentais, elas podem ser predicadas. Quando em posição de predicadores, como é o caso do adjetivo, as expressões de ordem zero não fazem

referência, são somente aplicadas a entidades de outra ordem. A resposta com um viés cognitivista, por sua vez, é de que, além da diferença morfológica, os adjetivos perfilam uma *relação* (Langacker, 2008, p. 116), isto é, eles determinam um foco de atenção dentro do conteúdo evocado, em que, pela definição de *relação*, há uma relação entre participantes em foco. No caso do adjetivo, a relação é entre uma *entidade* e uma *coisa*, esta última é o que é perfilado por um substantivo. A *entidade*, na relação adjetival, não é individuada ou focalizada por motivos de ou pertencer às subpartes da *coisa*, como é o caso de "Uma mesa quadrada", em que a relação perfilada é entre a mesa e as propriedades de suas subpartes (ter quatro lados, em que todos são ou não iguais), ou ser abstrata e especificada pelo adjetivo (Langacker, 2008, p. 116). No caso do substantivo, o que é perfilado é a unidade que engloba todas essas formas, dessa forma, prototipicamente, ela é "**conceitualmente autônoma**, no sentido de que podemos conceitualizá-la independentemente de sua participação em qualquer evento" (Langacker, 2008, p. 104, tradução nossa, negritos do autor). Evidentemente, se quisermos caracterizar uma propriedade na forma nominal como referencial, devemos atribuir a ela, por meio de modificadores, por exemplo, uma aplicação a uma *coisa*, porém, mesmo sem esses modificadores, a referência a uma propriedade pode ser possível e, quase certamente, genérica, portanto, ainda assim, autônoma.

Dessa forma, como lidamos com adjetivos, cuja morfologia está ligada ao esquema que perfila uma relação entre uma entidade não focalizada e individualizada e uma *coisa*, a interpretação de uma relação predicativa entre o adjetivo e o indivíduo-suporte é muito mais evidente: por sua morfologia e função, os adjetivos em aderência denotam uma atribuição ao indivíduo-suporte.

No plano semântico, todas as ocorrências expressam Propriedade (f). Seria possível fazermos mais divisões conforme os critérios de três categorias de adjetivos (Silva; Oliveira, 2022): classificador, qualificador e determinativo. No entanto, essas categorias são altamente dependentes do contexto sintático, o que inclui a expressão do núcleo nominal do sintagma ou do sujeito, nos casos de construções argumentais predicativas. Como, dessa forma, não podemos determinar com exatidão a qual dessas construções as ocorrências pertencem, decidimos, assim, manter a classificação de categorias semânticas.

O que podemos observar, portanto, é que, dependendo do significado lexical, as tatuagens nessa configuração fazem referência a situações diferentes: as do padrão construcional [ALÉRGICO + SP_{Comp}] e o construto "Diabética Tipo 1" delimitam o leitor-modelo (Maingueneau, 2004) como agente da área da saúde, ancorados numa situação hipotética em que o indivíduo-suporte se encontra em estado inconsciente, necessitando de

assistência médica emergencial. Todas as ocorrências desse padrão estão localizadas no braço e nos antebraços, já que se direcionam a um outro específico. As outras tatuagens, que instanciam o padrão $[ADJ]_{NU}$ não delimitam um leitor-modelo específico e tratam de atributos experienciais, como disposições psicológicas, e de personalidade: "leve", "Iluminada", "Intensa" etc. Outros são mais próximos à esfera religiosa: "abençoada", "guiada por Deus" etc.

Dois casos específicos revelam ambiguidade categorial: "baiana" e "Diabética Tipo 1". Ambos podem ser lidos como nominais ou como adjetivos, porque, conforme Neves (2000, p. 154), alguns adjetivos podem assumir funções de substantivo, especialmente quando o nominal e o modificador são frequentemente instanciados juntos ou de sua posição na sintagmatização. Ainda assim, pela falta de determinante, nossa decisão foi de mantê-los na categoria adjetival.

A maioria das ocorrências encontra-se no antebraço e no braço: parece-nos que essas posições, ao mesmo tempo que podem ser acessadas pelo indivíduo-suporte, podem ser vistas por outros. Dessa forma, além da função de se atribuir uma característica, essa característica é sinalizada aos outros e a si mesmo, quando visível, e somente a si mesmo, de forma mais íntima, quando menos visível.

3.1.1.3 Padrões Adverbiais

Das 11 ocorrências adverbiais, identificamos 6 como circunstanciais (Neves, 2014, p. 329-344), 2 como advérbios qualificadores, 1 como constituinte com função adverbial e aspectual e 1 como sintagma preposicional introdutor de adjunto com o possível papel temático de beneficiário. O quadro a seguir apresenta todas as ocorrências.

Quadro 6 – Caracterização de padrões construcionais e entidades semânticas das ocorrências adverbiais e preposicionais.

Ocorrências	**Padrões construcionais**	**Categorias semânticas**
Para todo o sempre	$[PREP + SN]_{ADV.ASPECTUAL}$	t
Ao vivo e a cores	$[AO\ VIVO\ E\ A\ CORES]_{CIRC.FOR}$	t
hoje / agora	$[ADV]_{CIRC.FOR}$	t
Intensamente	$[ADV]_{QUAL}$	f
lá onde o mar bebe o capibaribe	$[ADV + [REL]_{MOD}]_{CIRC}$	l
simplesmente assim	$[ADV_{MOD}+ADV]_{QUAL.FOR}$	f
aqui e agora	$[ADV]_{CIRC.FOR} + [E]_{COORD} + [ADV]_{CIRC.FOR}$	l
Onde estiver...	$[REL_{LIVRE}]_{CIRC}$	l

além do que se vê	[ADV + [SP]$_{COMP}$]$_{CIRC}$	l
Por mim	[PREP + SN]$_{BENEF}$	x

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos observar, as ocorrências em questão são as de menor impacto quantitativo. Para Langacker (2008), os advérbios perfilam uma *relação*, tal qual os adjetivos, porém, o participante focal dessa relação também é uma relação (não-processual, nos termos de não depender da evolução temporal para seu reconhecimento, dessa forma, não focalizando-a, ou processual, no sentido de focalizar a evolução temporal na sua composição), daí a definição tradicional de advérbio como o lexema que modifica verbos, adjetivos, outros advérbios, preposições e até sentenças. No caso da preposição, Langacker (2008) afirma que a natureza da entidade perfilada é indiferente, porém, há proeminência focal em um segundo participante, perfilado como *coisa*. Ainda dependente dos participantes, os advérbios também implicam a existência de outra entidade que engloba uma relação. Porém, como interpretarmos sua relação com o indivíduo-suporte, que, se fosse expresso de forma prototípica linguisticamente, seria um substantivo, ou seja, uma *coisa* cujo foco não é uma *relação*? É plausível que esse seja um dos motivos da quantidade menor de ocorrências dessa natureza.

Dessa forma, por perfilarem uma relação a uma entidade processual, os advérbios se encontram numa posição difusa na relação de aderência: seu indivíduo-suporte não é uma entidade processual, porém sua relação com sua narrativa e sua vida, enquanto processos que ocorrem em um tempo e espaço, são. Nossa leitura, portanto, é de que há uma aderência à narrativa de vida do indivíduo mais do que a este propriamente dito, como em casos como "Ao vivo e a cores", que podem significar aderência às formas de ser e estar do sujeito, mais do que a uma característica do indivíduo: evoca-se uma noção de presença e consciência plena [*mindfulness*] nas maneiras de ser perante seu viver. Nos casos circunstanciais, no entanto, como em "além do que se vê", é possível que se perfile uma relação entre duas entidades não-processuais, permitindo a interpretação de uma aderência ao indivíduo propriamente dito a partir de uma leitura "eu estou/sou além do que se vê" ou a partir de uma citação da canção de *Los Hermanos*, *Além do que se vê*, o que, desta forma, sinaliza uma paixão, um apreço e um pertencimento aos fãs da banda e aciona as implicações desse pertencimento em termos de imagem de si.

Conforme ilustrado, as ocorrências que fazem referência às categorias semânticas de Tempo (t) e Local (l) são circunstanciais, que são divididos em fóricos (For) e não fóricos. O circunstanciais, distribucionalmente, podem comutar com sintagmas nominais (Neves, 2014, p. 339) e podem ocupar espaços argumentais na valência de um verbo, de forma que gramáticos,

como Castilho (2014), por exemplo, os chama de “pronomes adverbiais”. Além disso, muitos circunstanciais podem assumir uma posição argumental predicativa nas predicações não-verbais. Exemplo interessante é aquele encontrado neste córpus, na seção de ocorrências oracionais: “A vida é hoje”. Enunciados como *A vida é agora* ou *A vida é aqui* são aceitáveis, mas, ainda assim, não é possível encontrar essa correlação com as ocorrências suboracionais acima por falta de expressão que aponte essa relação e pelo fato de o indivíduo-suporte fazer parte necessariamente da interpretação dos enunciados. O único enunciado que pode estar nessa relação predicativa com o suporte é “simplesmente assim”; os outros parecem evocar as propriedades próprias desses advérbios: a ancoragem dêitica com o presente ou a permanência do aspecto.

Outro apontamento importante são as relações de alusão nessas ocorrências: os dois sintagmas mais extensos, “*lá onde o mar bebe o capibaribe*” e “*além do que se vê*” podem fazer referência a canções: *Caribenha Nação*, de Lenine e *Além do que se vê*, cuja autoria pode ser da banda Los Hermanos ou de Pedro Valença.

Até agora, as ocorrências analisadas, por serem curtas e sintagmáticas, exprimem mais um processo de sinalização, indicação e evocação de entidades e relações, com menor possibilidade de assimilarmos os enunciados, em sua maioria, a alguma fonte enunciativa, exceto em alguns casos que fazem referência a canções e outras produções, mas se reduzem, ainda, a fragmentos, sem restituição de uma fala em formato de frase.

As próximas ocorrências aproximam-se de frases. Até os padrões oracionais, continuamos tratando de sintagmas, mas que formam cada vez mais um aspecto frasal. A partir do nível oracional, evidentemente, tratamos de padrões construcionais diferentes.

3.1.1.4 Padrões de Sintagma Verbal

Identificamos 33 construtos do padrão construcional suboracional de sintagma verbal. A tabela a seguir apresenta as regularidades dos padrões instanciados, sua frequência, os exemplos e a posição que ocupam no corpo. Vale frisar que o padrão [V_{INF}] pode ser instanciado como único ou como justaposto ou coordenado, casos expostos nos próximos parágrafos.

Tabela 5 – Frequência de padrões construcionais de Sintagma Verbal e posições no corpo

	Frequência	Exemplos	Posição no corpo

Padrões construcionais				Braço-antebraço	Ombros-coluna	Peitoral-abdômen	Quadril-pernas
[V_{INF}]		19	*Ressignificar* *agradecer* *amar* *recomeçar*	14	2	2	1
[[V_{INF}] [SN_{COMP}]]	+	8	*Ver cores nas cinzas e a vida reinventar* *ter fé e ver coragem no amor* *Amar e mudar as coisas*	6	2	-	-
[[$V_{INF/GER}$] [Or_{ADV}]]	+	4	*Florescer onde Deus me plantar* *Respirar amor aspirando liberdade* *Servir para merecer e merecer para servir cada vez mais*	4	-	-	-
Outros		2	*(a)mar renascendo a criança deixada para trás...*	1	-	-	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Dentre as instanciações de [V_{INF}], quatro são duplas justapostas, [V_{INF}] [V_{INF}], em que uma possui um auxiliar, [V_{AUX}+V_{INF}] [V_{AUX}+V_{INF}], e somente uma é tripla justaposta [V_{INF}] [V_{INF}] [V_{INF}]; das instanciações de [V_{INF}+SN_{COMP}], seis estão em relação paratática com conector aditivo, em que, em três, o primeiro verbo infinitivo é um "verbo-suporte" (Neves, 2022, p. 63) (de forma que o objeto direto funciona como componente da semântica do verbo), e, em mais uma, o primeiro verbo infinitivo não tem objeto direto expresso. Esses objetos implícitos não especificados podem ser "estereotípicos, habituais, previsíveis, não-referenciais ou desimportantes" (Givón, 2001, p. 136). Nesse caso, em "Amar e mudar as coisas", o objeto parece ter uma referência tão genérica e totalizante a ponto de não ser expresso, ou, na relação coordenativa, ele é expresso anaforicamente, em "as coisas". Nas instanciações de [V_{INF} + OR_{ADV}], as orações com função adverbial são locativas ("Florescer onde Deus me plantar" e

"Renascer e florescer onde preciso for"), de modo ("respirar amor aspirando liberdade"), esta, em especial, também instanciando [V_{INF} + SN_{COMP}], e finais ("Servir para merecer e merecer para servir cada vez mais"). Por fim, sob o rótulo de "Outros", estão construções que evocam um verbo no infinitivo e um sintagma nominal sem relação expressa de argumento ("(a)mar") e uma construção no gerúndio sem expressão de um auxiliar que a determine como pertencente ao aspecto progressivo ("renascendo a criança deixada para trás...").

Para Langacker (2008), o verbo perfila um processo, ou seja, uma Relação complexa, que consiste em "múltiplas relações componenciais, tipicamente manifestadas em um período de tempo contínuo" (Langacker, 2008, p. 109, tradução nossa). Em um nível baixo de processamento, em que as partes discerníveis de objetos e eventos somente emergem em níveis maiores de organização conceitual, o evento perfilado pelo verbo é processado como contínuo no seu desdobramento, com cada relação localizada no tempo (chamada de "estado" pelo autor) "desenvolvendo-se organicamente a partir de sua predecessora" (Langacker, 2008, p. 109, tradução nossa). A operação mental que registra o desdobramento ininterrupto de entidades constitutivas chama-se "escaneamento" [*scanning*] (Langacker, 2008, p. 109). Para o processo perfilado pelo verbo, ou seja, para a relação complexa cuja evolução temporal é focalizada, a operação mental é chamada de "escaneamento sequencial", em que somente um "estado" é focalizado em cada momento de seu processamento. No caso das formas nominais do verbo, e mais prototipicamente o infinitivo, a relação complexa não é escaneada pela mesma modalidade. A operação em questão tem o nome de "escaneamento sumário" [*summary scanning*] (Langacker, 2008, p. 111), em que os "estados" são "mentalmente sobrepostos, resultando em sua ativação simultânea" (Langacker, 2008, p. 111), formando um todo. Portanto, o infinitivo perfila uma relação complexa não-processual, no sentido de que o tempo não está em foco e os "estados" estão ativados simultaneamente. Esta é uma explicação para o nome de "formas nominais" do verbo: os substantivos também estão agrupados sob o escaneamento sumário.

Quanto às alusões implícitas a outros textos e contextos, dentre as 33 ocorrências, encontramos oito que seguem uma lógica parecida com a particitação, uma vez que não citam o texto-fonte, mas a complexidade linguística é tal que é possível recuperá-lo por outros meios (uma pesquisa rápida na *internet*, por exemplo). Quatro dessas ocorrências são canções e uma é uma obra de Francisco Cândido Xavier, *Bezerra, Chico e Você* (1973, p. 87). As particitações de canções são as seguintes: "Respirar amor aspirando liberdade", da cantora Daniela Mercury; "Ver cores nas cinzas e a vida reinventar", de Francisco el Hombre; "ter fé e ver coragem no amor", de Los Hermanos; "Amar e mudar as coisas", de Belchior. Já a particitação da obra de Francisco Xavier é "Servir para merecer e merecer para servir cada vez mais".

Sobre sua relação com o indivíduo-suporte, as ocorrências no infinitivo perfilam uma relação complexa não processual, ou seja, sem focalizar o tempo, de forma que todos os "estados" do evento são ativados simultaneamente. Não há expressão do sujeito dos verbos infinitivos, em nenhum momento, exceto na ocorrência "Florescer onde Deus me plantar", em que o sujeito de "florescer" está numa relação catafórica com o clítico "me". Dessa forma, o que se evoca é uma ação em cuja relação o indivíduo-suporte se encontra de maneira ambígua: pela aderência, o tatuado estabelece alguma relação com o enunciado, porém este não o inclui linguisticamente. Uma possível interpretação para isso é a de que o indivíduo-suporte se inclui na atemporalidade e impessoalidade dos enunciados infinitivos, como locutor dentre todos os locutores que o enunciado engloba genericamente.

Outra interpretação possível é a de conjugar o infinitivo a uma modalidade deôntica ou ao modo optativo. Almeida (2009, p. 227) classifica o infinitivo impessoal, dentre outras formas, como forma supletiva do imperativo e com um tom mais suave. Já Bechara (2019, edição eletrônica) afirma que o infinitivo pode ter função de imperativo nas ordens instantes. Evidentemente, essas substituições são aceitáveis em contextos propícios e em situações de locução menos problemáticas que a da tatuagem.

Ainda assim, a leitura deôntica dessas ocorrências pode situá-las como divisas (cf. Reboul, 1975). Vejamos: Reboul (1975), na tentativa de definir o *slogan* em termos linguísticos e filosóficos, conclui que, no nível sintático, um *slogan* pode ser uma oração, um sintagma e até uma palavra, esta última, especificamente, tem um impacto "bastante fraco ou depende, de modo restrito, das circunstâncias" (Reboul, 1975, p. 19), como pode ser o caso de gritar "Sim!" às ruas no dia de um *referendum*. Atestando a versatilidade sintática do *slogan*, o autor o enquadra no "gênero" fórmula, que inclui provérbios, máximas, adágios, divisas, palavras de ordem, normas etc., sendo as três últimas muito parecidas com sua noção de *slogan*.

Para Reboul (1975), portanto, as "espécies vizinhas" do slogan definem-se nos seguintes termos:

i. *Norma*: no sentido bastante amplo de instrução, é uma fórmula breve, anônima, dirigida ao público com o objetivo de provocar ou impedir uma ação precisa. Mostra-se como uma ordem, uma proibição ou aviso;
ii. *Palavra de ordem*: fórmula breve, incitativa, frequentemente anônima, destinada às massas e potencialmente polêmica. É dividida em quatro tipos:
    a. Tática: visa provocar ação imediata ou de curto prazo. "Todos à Bastilha!" é um exemplo;

b. Estratégica: visa a um objetivo de longo prazo. Um exemplo seria "Unidade de ação" de 1934, na aliança socialista e comunista contra o fascismo;
c. Ideológica: exprime um dos escopos essenciais e permanentes do movimento que a lança. "Pão, Paz e Liberdade", da Revolução Russa de 1917, por exemplo;
d. Afetiva: menos um imperativo do que um optativo, exprime um voto, uma esperança, um encorajamento.

iii. *Divisa*: simboliza o ideal de uma casa nobre, de uma nação, de um movimento ou de um indivíduo.

A principal diferença entre uma palavra de ordem ideológica e uma divisa é, conforme Reboul (1975), que aquela pretende fazer o destinatário agir em função de um objetivo preciso.

Já Iasbeck (2002), no seu tratamento de *slogans* no âmbito publicitário, engloba a norma, a divisa e um tipo de fórmula, os lemas, sob o conceito de palavra de ordem, com a justificativa de que os três tipos possuem um caráter de ordem para aqueles que se agrupam sob a sua bandeira, no caso da divisa, e para aqueles que elegem o princípio de ação, para o lema. Na nossa interpretação das tatuagens, as ocorrências se encontram numa gradação entre as divisas e os lemas. As ocorrências de [V_{Inf}], ao não expressarem seus complementos, como é o caso de 7 de 10 delas (já que as outras três são intransitivas), focalizam a ação em si, sem especificações, o que as aproxima da declaração de ideais de um indivíduo: as divisas, portanto. Exemplos dessas ocorrências são: "Deixar ir / deixar vir", "amar", "agradecer". Já as ocorrências [V_{INF}+SN_{COMP}] e [V_{INF} + OR_{ADV}] parecem tender mais para a noção de lemas, já que, pela expressão de complementos e orações adverbiais, especificam o estado-de-coisas implicado pelo verbo no infinitivo. Como exemplo, é possível selecionar "ter fé e ver coragem no amor" e "Ressignificar [identidade, Bahia, Ohana, Nicolas, Maternidade]". O que essas ocorrências parecem indicar é uma declaração de ideais atrelada a um princípio de ação. É possível que essa ambiguidade esteja atrelada ao estatuto intermediário do infinitivo perante o verbo e o substantivo. Ao conjugá-los ao caráter de ordem, esses enunciados aderentes ao mesmo tempo que funcionam enquanto lemas e divisas, situam o indivíduo-suporte, ao inscrevê-los, sob a obrigação de manter esses ideais e dar continuidade a essas ações.

De forma ilustrativa, sem o intuito, dessa maneira, de sinalizar que se trata de uma "omissão" de constituintes que tornariam essas ocorrências oracionais, podemos encaixar em todas essas ocorrências o operador modal "É necessário...", que implica impessoalidade para o enunciado, mas, simultaneamente, é possível inserir a oração principal "Devo me lembrar de que..." (Sweetman, 2012), justamente pelo fato de os enunciados terem uma relação de aderência com o indivíduo.

Por fim, como os outros casos suboracionais, os padrões de sintagma nominal também se encontram localizados, em sua maioria, na área do braço e do antebraço. Nossa leitura é a mesma para os outros casos: a área do braço e do antebraço é visível tanto para o enunciador-suporte como para o destinatário virtual, ou seja, pode significar tanto um lembrete ao suporte como uma forma de mostrar ao outro seus valores. Ambos não são mutuamente exclusivos.

3.1.1.5 Algumas conclusões acerca dos padrões suboracionais

O padrão construcional mais recorrente é o padrão nominal e, mais especificamente o padrão [N_{COMUM}]$_{NU}$, o que indica uma tendência a associar *coisas* ao indivíduo-suporte ou a evocá-las como forma de atraí-las ou buscá-las, como já foi dito nas seções anteriores. Um apontamento interessante é que, para além dos padrões nominais, tanto os adjetivais e os verbais são casos mais frequentes sem outra especificação. Vejamos as instanciações de [V_{INF}] novamente.

Quadro 7 – Constructos do padrão V_{INF}

Padrão construcional	Constructos
V_{INF}	*deixar ir/ deixar vir*
	estar/ sentir/ viver
	Confiar / Agradecer
	SOBRE[VIVER]
	agradecer
	amar
	recomeçar
	reflorescer
	Ressignificar
	ser

Fonte: elaborado pelo autor.

Como se pode perceber, todos os verbos requerem algum argumento, porém este está omitido pelo fato de ser desimportante, estereotípico ou previsível genericamente (Givón, 2001, p. 168), o que cria um efeito de generalização, além, evidentemente, do efeito totalizante e atemporal do escaneamento sumário, já pressuposto pela forma verbal infinitiva. Esse efeito pode ser lido como causado tanto pela permanência da tatuagem, em que os enunciados genéricos podem ser lembrados pelo indivíduo e serem aplicados a diversas situações de seu viver, ou, simplesmente, pela sua genericidade, serem facilmente lidos como enunciados aderentes expressivos, aplicáveis a várias formas de viver do sujeito, quando não são tatuagens e sua venda é menos pessoalizada e customizável, como é o caso de bonés, camisetas etc.

Em várias ocorrências do córpus, esse aspecto de generalização é observável: a supressão do objeto, a não-especificação do sintagma nominal, o tempo verbal presente atemporal, a referência genérica e as relativas livres são estratégias que apontam para essa generalização, o que pode permitir que alguns enunciados sejam aforizações, mas alguns sejam mais aforizantes que outros, como veremos na seção de mapeamento das aforizações. Até aqui, pela impossibilidade de assumir esses padrões em uma situação enunciativa, ou seja, de atribuí-los a uma fonte e a uma fala, o máximo que esses enunciados podem alcançar em termos de aforização é o de "aforização-eco, na qual a frase não verbal se apresenta como o traço de uma aforização prévia completa, que, na realidade, é construída por essa própria remissão" (Maingueneau, 2014, p. 54).

3.1.1.6 Construções de aspecto frasal

As ocorrências em questão foram selecionadas conforme os critérios que caracterizam as frases nominais bimembres (Carone, 1988, p. 49-50), construções bimembres no modo optativo compostas por um sintagma nominal e um sintagma preposicional, atestadas por Hjelmslev (1991, p.204, nota 50) no latim pós-clássico e identificadas como estruturas presentes no Português Brasileiro por Carone (1988), interjeições, construções binárias e construções preposicionais e adverbiais específicas. De maneira geral, quantificamos os esquemas conforme o Quadro 13.

Tabela 6 – Frequência, exemplos e posições no corpo das construções de aspecto frasal

Padrões construcionais	Frequência	Exemplos	Posição no corpo
[Ô + [SN]]$_{VOC/INTERJ}$	3	*ô véi* *Oh mermã* *Oh, sorte!* *Dias de luta dias de glória*	Antebraço Antebraço Clavícula Coxa
[[SX], [SY]]	4	*Nunca em meus braços, sempre em meu coração* *Eu e você, você e eu sempre...* *pai e mãe, ouro de mina*	Antebraço Braço Braço
[X]$_{INTERJ}$	7	*Amém* *oxe* *Oxente*	3 em braço; 3 em antebraço; 1 em mão

[[SN]$_{TEMA}$ + [SP]$_{REMA}$]$_{OPT}$	4	*Toda glória a Ele* *fé pra tudo* *Deus conosco* *1 passo após outro sempre no jogo da vida*	Indeterminado Perna Mão Antebraço
Outros	4	*[mais] amor* *Meu coração fora do peito/ João* *aMor pAra sEmpre*	4 em antebraço

Fonte: elaborado pelo autor

Como é possível notar, neste recorte, a heterogeneidade se mostra mais evidente. A notação em esquemas também se baseia em dados linguísticos instáveis, de forma que sua explicitação, aqui, serve mais como uma ilustração do que um atestado de um possível esquema construcional. Dito isso, as ocorrências foram mobilizadas em uma seção somente em função de seu caráter possivelmente autônomo, de forma que não seja necessário, em primeira instância, buscar a completude sintática (e semântica) dos enunciados no contexto.

O padrão [X]$_{Interj}$ representa sete ocorrências em 22 e é categorizado como interjeição, que é uma área de transição entre a gramática e as convenções sociais (comportamento social e interpessoal), desempenhando funções majoritariamente expressivas e interativas (Givón, 2001, p. 102). Enquanto expressões de sentimentos e com propósitos interativos, essa categoria é considerada autônoma, porém, para os propósitos desta pesquisa, ela se encontra num polo distante da aforização, visto que implica uma ancoragem na situação de (inter)locução. O mesmo pode ser dito do padrão [Ô + [SN]$_{N}$]$_{VOC/INTERJ}$, classificado como vocativo ou interjeição, com função apelativa (interativa, portanto). Outra interpretação para os vocativos e as interjeições é o de registrar esses modos de fala como modos específicos de um sujeito, objeto de admiração do indivíduo-suporte. Para o interpretante sem relação com o indivíduo, essa referência não é acessível e é possivelmente muito específica para ser afirmada como aforização. De qualquer maneira, a interpretação desse tipo de enunciado como uma maneira de chamar ao olhar é possível, mas é igualmente possível compreender essas interjeições como retiradas de seus contextos de interação e modificadas em uma evocação de um estilo, de uma identidade ou de uma pessoa. “Oxe” e “Oxente” podem fazer referência às origens do indivíduo-suporte, por exemplo.

Quanto ao padrão [[SN]$_{TEMA}$ + [SP]$_{REMA}$]$_{OPT}$, sua formação é, ainda, muito imprecisa. Ela parte de um ensaio de Hjelmslev (1991) a respeito da frase nominal e a disposição desta de morfemas verbais sem a presença do verbo. O autor afirma que esse tipo de frase encerra em si

os morfemas zero de modo, tempo e aspecto: para o português brasileiro, de acordo com Carone (1988, p. 50), esses morfemas não expressos são de indicativo, presente e durativo, respectivamente. No latim clássico e pré-clássico, a possibilidade de não-expressão desses morfemas depende de uma tendência comum entre as línguas de "escolher, onde quer que as condições o permitam, o membro mais extensivo de uma categoria para desempenhar, de preferência, as funções que podem ser expressas por zero" (Hjelmslev, 1991, p. 197). Independentemente de ser uma "expressão zero" de morfemas, essa descrição da frase nominal bimembre possibilita interpretarmos esse padrão construcional como autônomo e no modo optativo.

O padrão da construção binária é a repetição de sintagmas com conteúdos diferentes, comum, quando os sintagmas têm um nível de complexidade linguística geralmente maior que o do nominal nu ao provérbio (Xatara, 1994). No primeiro caso, "Dias de luta dias de glória", tem-se paralelismo estrutural, repetição de palavras e estrutura binária de sintagmas correlatos (Xatara, 1994). A ocorrência em si é celebremente associada a uma música "Dias de luta, dias de glória" da banda Charlie Brown Jr., e, dessa forma, ainda não pode ser considerada um provérbio, pela falta de anonimidade da fonte. No segundo caso, "Nunca em meus braços, sempre em meu coração", a construção binária é composta de sintagmas preposicionais locativos, e o acesso a um dos referentes da relação perfilada pela preposição somente é feito ao descobrir o uso do enunciado: um caso muito específico em que as mães tatuadas fazem referência ao seu bebê perdido por aborto. Essa frase é relativamente ambígua quanto a sua autonomia, já que ela depende da pressuposição do acesso à referência. O terceiro caso é "Eu e você, você e eu sempre...". Nessa ocorrência, tem-se uma estrutura binária em quiasmo (Fiorin, 2014, p. 124-126), em que há uma repetição simétrica e invertida de termos, neste caso, para "enfatizar seres ou eventos que estão em uma relação especular" (Fiorin, 2014, p. 125). Pela evocação dos sintagmas coordenados, afirma-se, por pressuposição de existência (que é uma função simples de um sintagma nominal referencial (Neves, 2022, p. 77)), que "eu" e "você" têm uma relação de conjunção e que essa relação, ao ser aspectualizada pelo advérbio "sempre", durará eternamente. Por tais motivos, esse enunciado também se autonomiza. O quarto e último caso já recai na categoria de frases nominais bimembres, de Carone (1988, p. 49-51): "pai e mãe, ouro de mina", em que há uma coordenação simples entre termos, indicando que "diferentes entidades se relacionam de maneira idêntica com o predicado" (Pezatti; Longhin, 2016, p. 16). Dessa forma, a construção binária no quarto caso possui a mesma estrutura tema-rema dos sintagmas optativos: $[[SN + [E]_{Coord} + SN]_{Tema} + [SN]_{Rema}]$.

A construção binária e a construção de frase nominal bimembre podem ser lidas como possíveis candidatas à enunciados aforizantes, a depender de questões de referencialidade, o que será discutido na seção de mapeamento de aforizações. Quanto às relações de aderência, tanto em frases nominais bimembres como em construções binárias, é possível encontrar tanto dedicatórias ("Nunca em meus braços, sempre em meu coração") e ocorrências mais aforizantes, que posicionam o indivíduo-suporte como possível locutor e como possível indivíduo alinhado aos valores enunciados pelas aforizações. Exemplos desses casos são "Toda glória a Ele" e "1 passo após outro sempre no jogo da vida", que enunciam valores ou demandas, cuja comunidade pressuposta sob esses valores inclui o indivíduo-suporte.

3.1.2 Ocorrências de natureza oracional

Para a análise deste tipo de ocorrência, utilizamo-nos de alguns conceitos principais de autores do funcionalismo: o de *continuum* parataxe-hipotaxe-subordinação (Hopper; Traugott, 2003) e os modos de articulação que compõem as orações complexas (Halliday; Matthiessen, 2014).

Hopper e Traugott (2003), com base nos estudos de gramaticalização, propõem atribuir à combinação sincrônica de orações um *continuum* unidirecional que localiza, em um polo, a justaposição de orações, relativamente livres, e, em outro, a dependência e integração sintática e/ou morfológica máxima entre as orações. Para os autores, a partir de uma definição sintática, uma oração complexa é composta por mais de uma oração, a qual pode estabelecer uma relação abstrata de adição a outro núcleo (ou seja, adiciona uma ou mais unidades relativamente autônomas à primeira oração) ou pode estabelecer uma relação "marginal" com o primeiro núcleo, o que consiste de orações relativamente dependentes que não são enunciadas isoladamente. Na relação marginal, é possível distinguir três tipos semânticos principais: as orações encaixadas que funcionam como sintagmas nominais, as que funcionam como modificadoras de substantivos e as que funcionam como modificadoras do sintagma verbal ou de proposições inteiras. São as orações encaixadas substantivas, adjetivas e as orações hipotáticas adverbiais, respectivamente, que compõem as margens de um núcleo oracional.

O *continuum* proposto pelos autores é composto de três "pontos de acumulação" principais: a parataxe, a hipotaxe e a subordinação. A parataxe é a união de dois núcleos, ou seja, na terminologia dos autores, de duas orações relativamente autônomas, de forma que, mesmo quando estão somente justapostas, sem o uso de um marcador de ligação, elas possuem uma relação mínima, seja por entonação, marcadas, quando escritas, por pontuação, seja pelo

sujeito lexical correferencial ou até por inferência. Quando os marcadores de ligação são expressos, as principais relações lógico-semânticas são, em geral, aditivas, adversativas e disjuntivas. Em termos sintático-semânticos, ambas as orações são autônomas e não são comprimidas e reduzidas a constituintes de uma oração ou de outra. A hipotaxe refere-se à interdependência relativa, numa configuração em que há um núcleo e orações em posição de margem, as quais não são autônomas, se isoladas, mas ainda assim tipicamente não são estruturalmente constituintes da oração núcleo. A subordinação, por sua vez, é a mais dependente, em que um constituinte marginal está integralmente incluído como constituinte do núcleo (Hopper; Traugott, 2003, p. 177). Como se pode perceber, há dois critérios para essa classificação: a dependência, isto é, a autonomia da oração quando enunciada isoladamente, e o encaixamento, ou seja, o rebaixamento hierárquico de uma oração do nível oracional para o nível de constituinte com relação a outra oração núcleo.

O *continuum* é, portanto, expresso da seguinte forma, conforme os traços ±dependente e ±encaixadas:

Figura 7 – O continuum parataxe-subordinação.

parataxe	>	hipotaxe	>	subordinação
- dependente		+ dependente		+ dependente
- encaixada		- encaixada		+ encaixada

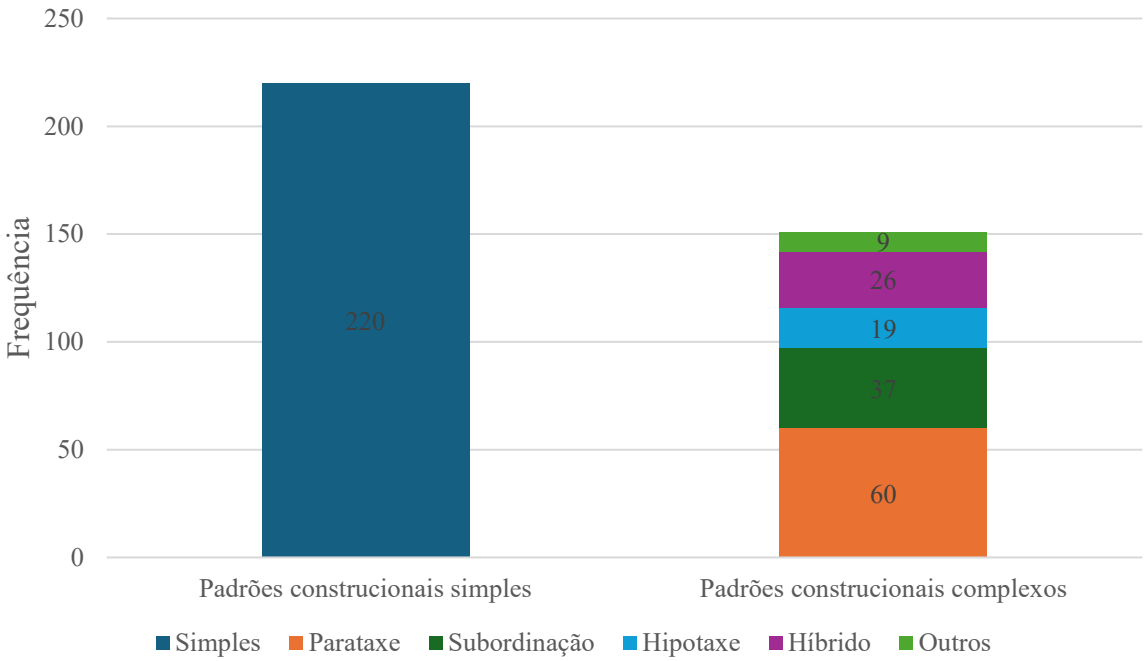
Fonte: adaptado de Hopper e Traugott, 2003, p.178

Em geral, no Português do Brasil, o eixo paratático corresponde às orações justapostas e coordenadas; o hipotático corresponde às orações adverbiais e às relativas explicativas; o subordinativo, por sua vez, às orações subordinadas substantivas e às relativas restritivas. Encontramos no córpus, também, orações correlatas e orações clivadas. Conforme Lehmann (1988), as correlatas localizam-se entre a parataxe e a hipotaxe e as clivadas aproximam-se da subordinação.

A partir dessas definições, organizamos a frequência *type* e *token* de cada padrão construcional, ilustrado no gráfico a seguir. Sob o rótulo de “Padrão construcional simples”, selecionamos os padrões com uma oração ou com múltiplos períodos contendo somente uma oração; em “Padrões construcionais complexos”, por sua vez, selecionamos todas as ocorrências que implicam alguma ligação entre as orações. Além dos rótulos “Parataxe”, “Hipotaxe” e “Subordinação”, já explicados acima, o rótulo “Híbrido” contém todas as ligações oracionais que sejam de mais de um tipo e, em outros, selecionamos as orações clivadas e

correlatas, de frequência baixa, que se posicionam em espaços intermediários no *continuum* parataxe-hipotaxe-subordinação.

Gráfico 4 – Padrões construcionais das ocorrências oracionais.



Fonte: elaborado pelo autor

Exemplos de padrões construcionais simples, no córpus, são “Tudo passa”, “respire fundo”, “A vida é hoje”, “amor gera amor” e “Consideramos justa toda forma de amor”. Para os padrões construcionais complexos, temos o exemplo de “a força da alcateia é o lobo e o lobo é a força da alcateia” para os paratáticos; “ninguém morre enquanto permanece vivo no coração de alguém” para os hipotáticos; “A alma guarda o que a mente tenta esquecer” para os subordinados; “Não importa onde estamos, nossa mente é nosso lar” para os híbridos; e “Se ainda respiro então posso lutar” para os “Outros” (neste caso, a oração é correlata hipotética (Módolo, 2023)).

Conforme é atestado no Gráfico 6, as categorias de maior frequência são os padrões construcionais simples e os padrões construcionais complexos paratáticos. Tendo em vista a diversidade semântica das ocorrências paratáticas, foi necessário recorrer a classificações de modos de articulação dessas ocorrências. Mobilizamos, portanto, as categorias da metafunção lógica, função específica para as orações complexas, para os complexos oracionais de Halliday e Matthiessen (2014).

Na Gramática Sistêmico-Funcional, a oração é composta por três metafunções: a metafunção interpessoal, que abrange a língua como uma forma de ação interativa e pessoal, o

que organiza as relações interpessoais representadas na oração, como informar, perguntar, demandar etc.; a metafunção textual, que lida com o aspecto discursivo da língua: o fluxo de informação, a continuidade do discurso e a coesão entre seus constituintes, por exemplo; a metafunção ideacional, por fim, diz respeito à organização da experiência e à "língua enquanto construção de relações lógicas gerais" (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 362), o que leva à divisão, dessa forma, entre metafunção experiencial e metafunção lógica. Essa última trata de relações lógicas que promovem o agrupamento de certos constituintes: as orações, os sintagmas, as palavras etc. Trataremos, aqui, somente de algumas propriedades da metafunção lógica, no que tange aos modos de articulação de orações mais gerais.

Esses modos se baseiam em duas relações fundamentais: a expansão e a projeção. Na relação de expansão, "a oração secundária expande a oração primária, por meios de elaboração, extensão e realce" (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 443). Na elaboração, uma oração especifica ou descreve o sentido de outra, sem que haja adição de novos elementos; na extensão, uma oração adiciona um elemento novo para o sentido de outra oração, que pode ser uma adição, uma substituição, um contraste ou uma alternativa; no realce, uma oração qualifica o sentido de outra no que diz respeito à expressão de tempo, lugar, maneira (na terminologia do autor, essa categoria inclui modo e comparação), causa ou condição.

A relação de expansão pode ser detectada em todo o *continuum* parataxe-hipotaxe, porém a aplicaremos somente às orações paratáticas, devido à presença de justapostas com funções semânticas diversas e com pouca transparência semântica (Langacker, 1977), que seria expressa por um marcador de ligação, caso houvesse um nestas ocorrências. Decidimos adicionar essas categorias somente à parataxe, além disso, por acreditarmos que as outras ocorrências já são especificadas facilmente por conceitos mais patentes aos estudos linguísticos, como as orações adverbiais (hipotáticas) de diversas funções e as subordinadas adjetivas e substantivas, em que as relações lógico-semânticas já são facilmente identificáveis por meio de seus marcadores ou de sua posição como constituinte de outra oração núcleo.

Além disso, utilizamos a tipologia de predicados que representam as entidades Estados-de-Coisas. Para Dik (1997), os Estados-de-Coisas podem ser compostos por aquilo que o autor chama de "predicados nucleares", cuja estrutura fundamental é determinada pela valência do predicado, além de consistirem em termos que designam entidades em algum mundo e predicados que designam propriedades ou relações entre essas entidades (Dik, 1997, p. 105). Essa composição expressa uma entidade denominada de Estado-de-Coisas. Ainda conforme o autor, os Estados-de-Coisas são entidades conceptuais, em vez de possuírem uma localização extramental ou existirem em algum mundo. Além disso, ele nos alerta para diferenciar a

tipologia dos Estados-de-Coisas com a de predicados, já que muitos predicados podem designar tipos diferentes de Estados-de-Coisas, o que leva o autor a definir o tipo de Estados-de-Coisas como "uma função composicional das propriedades semânticas tanto do predicado como dos termos" (Dik, 1997, p. 106, tradução nossa). Utilizaremos dois parâmetros principais para a categorização dos Estados-de-Coisas: dinamicidade [±din] e controle [±cont].

Um Estado-de-Coisas não dinâmico [-din] não envolve mudança, ou seja, "as entidades envolvidas são e permanecem as mesmas durante todos os momentos no período de tempo em que o Estado-de-Coisas ocorre" (Dik, 1997, p. 107, tradução nossa). Diferentemente desses, os EsCo dinâmicos [+din] obrigatoriamente envolvem alguma mudança ou algum dinamismo interno, o que pode ser um padrão recorrente de mudanças ao decorrer do período do EsCo ou uma mudança de um estado inicial do EsCo para outro EsCo final diferente. Já os EsCo controlados são aqueles em que cabe ao primeiro argumento o poder de determinar se o EsCo ocorrerá ou não. Algumas construções não associadas comumente com o traço de controle podem ter, quando enunciadas no imperativo, por exemplo, alguma medida de controle atribuída a elas. Os exemplos que o autor cita são *Bill ordenou que John seja educado* e **Bill ordenou que John seja inteligente* (Dik, 1997, p. 113), em que o segundo caso pode indicar, por exemplo, que Bill ordene que John *finja* ser inteligente. Ao juntarmos os dois traços, temos as seguintes combinações:

Quadro 8 – Tipologia de EsCo a partir de traços [±din] e [±cont].

	[+cont]	**[-cont]**
[-din]	Posição	Estado
[+din]	Ação	Processo

Fonte: Adaptado de Dik (1997, p. 114)

Exemplos de Posição, Estado, Ação e Processo são, respectivamente: "tu estás comigo", "a vida é um sopro", "recria tua vida" e "coisas boas acontecem", todos retirados de nosso córpus.

Para a presente pesquisa, analisaremos mais a fundo os padrões construcionais simples e teceremos comentários breves acerca dos padrões complexos paratáticos e os padrões complexos subordinados, devido à sua frequência significativa nos padrões construcionais complexos.

3.1.2.1 Padrões construcionais simples

Identificamos, dos padrões simples, três padrões construcionais altamente esquemáticos: os padrões monoargumental, biargumental e triargumental. Da primeira, constam 53 ocorrências; da segunda, 151 ocorrências; da terceira, por sua vez, 16 ocorrências.

Nas instanciações do padrão monoargumental, podemos formular o padrão construcional de [(SUJ) V_{INTR}] para todas as 53 ocorrências. De suas instanciações, 19 são de sujeito omitido, seja devido à flexão no modo imperativo ([V-Suf_{IMP}], 18 casos), seja devido ao sujeito indeterminado [Sujeito indeterminado + [$V_{AUX.MODAL}$ PREP + V_{INTR}]], em um caso com auxiliar modal deôntico e verbo-suporte: "tem que ter fé". Cinco instanciações de [(SUJ) V_{INTR}] possuem verbo existencial, uma com *existir* e duas com *acontecer*, mas, sem sujeito anteposto ao verbo, o que, conforme Costa (2022), configura uma construção declarativa de um estado de coisas e não tem inserção de entidade no universo do discurso, como é o caso de construções existenciais. Por fim, seis instanciações têm sujeito expresso. A tabela a seguir sintetiza os resultados e suas relações.

Tabela 7 – Frequência e exemplos dos padrões construcionais argumentais das ocorrências monoargumentais.

Padrões construcionais		**Frequência**	**Exemplos**
[+ esquemático]	**[-esquemático]**		
[(SUJ) V_{INTR}]	[V-$Des_{IMP/PRES.SUBJ}$]	18	*Continue* *Sonhe* *Apenas ame* *respire fundo* *reaja com amor*
	[SUJ V_{EX}]	5	*coisas boas acontecem* *eu não existo longe de você* *Força para lutar fé para vencer com Deus tudo pode acontecer*
	[SUJ V_{INTR}]	30	*guerreiro de fé nunca gela* *Tudo passa* *isso também passa*

Fonte: elaborado pelo autor.

Vejamos, agora, a contraparte semântica das construções monoargumentais. De 18 ocorrências de [V-Des$_{IMP/PRES.SUBJ}$], 16 referem EsCo [+din] e [+cont], ou seja, são Ações, e se localizam, em sua maioria, no antebraço, na mão, no braço. Outras ocorrências menores localizam-se nos ombros, nas costelas e no tornozelo. Quatro ocorrências do padrão [SUJ V_{EX}] referem Processo e uma Estado, como é de se esperar de verbos existenciais, e suas posições no corpo são braço, tornozelo região inframamária e do quadril até a perna. Por fim, 27 ocorrências de [SUJ V_{INTR}] codificam Processo, duas Ação e uma, Posição. Na tabela a seguir, ilustramos a intercalação dos dados dos padrões construcionais, desta vez relacionando as frequências *type* e *token* dos padrões e as posições do corpo, excluindo as posições indeterminadas.

Tabela 8 – Frequência token e type e posição no corpo dos padrões oracionais simples

Padrão construcional	Tipo de EsCo	Frequência *token*	Posição no corpo			
			Braço-antebraço	Ombro-costas	Peitoral-abdômen	Quadril-pernas
[[V-Des$_{IMP/PRES.SUBJ}$]	Ação	16	11	-	1	3
	Posição	2	-	2	-	-
[SUJ V_{EX}]	Processo	4	2	-	-	2
	Estado	1	-	-	1	-
[SUJ V_{INTR}]	Processo	27	17	4	1	4
	Ação	2	-	-	1	1
	Posição	1	-	1	-	-

Fonte: elaborado pelo autor.

Além disso, nesse recorte, encontramos constructos que se repetem, pelo menos no material linguístico específico, os quais já foram contabilizados no quadro acima. Já na tabela abaixo, contabilizamos somente a frequência *token* dos tipos diferentes instanciados de cada padrão construcional, a tipologia dos EsCo e sua posição no corpo, excluindo as posições no corpo que são indeterminadas conforme a análise das imagens organizadas no córpus.

Tabela 9 – Frequência token de constructos do padrão oracional simples

Padrão construcional	Construto	Frequência *token*	Tipo de EsCo	Posição no corpo		
				Braço-antebraço	Ombro-costas	Quadril-pernas
[V-Des$_{IMP/PRES.SUBJ}$]	*cont;nue*	4	Ação	4	-	-
	Continue a nadar	2	Ação	1	-	1
	Respira	2	Ação	1	-	1

	Respire	2	Ação	1	-	1
[SUJ V_{EX}]	*coisas boas acontecem*	3	Processo	2	-	1
[SUJ V_{INTR}]	*Tudo passa*	13	Processo	10	1	1
	isso também passa	11	Processo	6	3	2

Fonte: elaborado pelo autor.

As ocorrências de [V-$Des_{IMP/PRES.SUBJ}$] tendem a ser inscritas nos braços, antebraços e ombros, partes mais visíveis do corpo, o que, em termos enunciativos, parece mostrar tanto visibilidade para um destinatário virtual, como, no caso dos braços e antebraços, visibilidade para o próprio sujeito e parecem tender à esfera de lembrar a si mesmo, incentivar o outro e, ao mesmo tempo, colocar-se como alinhado aos valores enunciados. Por estarem no modo imperativo, implicam uma unidade de ação ou um incentivo que devem ser vistos diversas vezes, para que o indivíduo-sujeito, nas circunstâncias diversas de seu viver, lembre-se de seguir valores invariáveis ou de se acalmar perante essas mesmas circunstâncias variáveis.

O mesmo não pode ser dito a respeito das ocorrências de [SUJ V_{EX}] e de [SUJ V_{INTR}]; o caso de "coisas boas acontecem", "Tudo passa" e "Isso também passa" parece seguir o mesmo princípio de [V-$Des_{IMP/PRES.SUBJ}$]: o de relembrar, porém, em vez de apelarem para o leitor no modo imperativo, afirmam a existência de algo cujo conteúdo funciona como um calmante ou como um encorajamento. As ocorrências em partes interiores do corpo aparentam mais se relacionar com uma proximidade ao íntimo do indivíduo-suporte, indicando mais seus valores, seu alinhamento a estes e a força que o próprio enunciado possui para o indivíduo-suporte, como em "Tudo passa", que pode funcionar mais como um atenuador de situações adversas do que uma lembrança e um apelo a um destinatário possível.

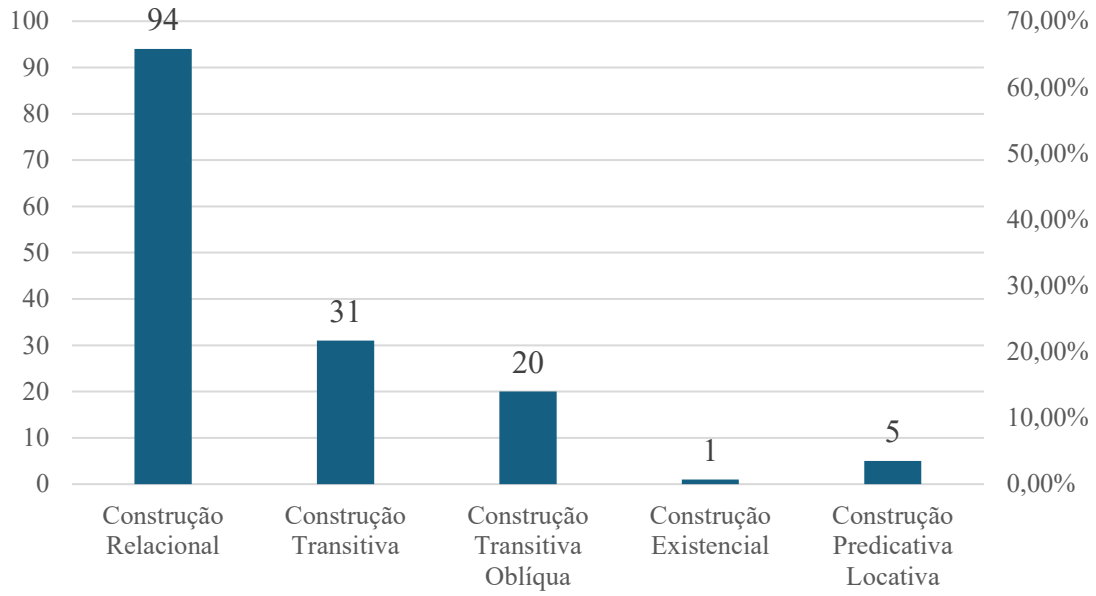
Cabe frisarmos que algumas ocorrências possuem certas particularidades: em uma delas, há uma inversão de parte do sintagma verbal para a esquerda: "ANDAR com Fé eu vou". O motivo dessa inversão pode ser pragmático, mas, pela alusão à canção de Gilberto Gil, *Andar com fé*, parece-nos que pode ser por motivos estilísticos, favorecendo um ritmo mais adequado e por causa de coerções genéricas (Sant'Anna, 1997, p. 168). Coincidentemente, essa ocorrência encontra-se nas costelas, reafirmando o dito acima: trata-se de uma referência a uma música que provavelmente trouxe sentimentos para o indivíduo-suporte, o qual decidiu situá-la menos visível e mais próxima de seu íntimo. Encontramos ainda uma ocorrência relativamente

problemática: “DAUMOSO”. Na própria fotografia da tatuagem, é-nos dado o contexto: trata-se de uma carta de uma criança para seu responsável a respeito dos motivos de aquela gostar deste. Na listagem, consta “vose [...] daumoso pramin [você dá almoço para mim]”, com o verbo na segunda pessoa do discurso (e terceira gramatical) no presente do indicativo. Na tatuagem, consta somente “DAUMOSO”, o que, antes de ser considerado um verbo-suporte sem o objeto indireto dativo, não é uma afirmação de algum estado-de-coisas, mas, sim, um fragmento de um modo de escrever de alguém por quem o indivíduo-suporte nutre afeto. Nesse sentido, essa ocorrência está próxima de uma função substantiva, no sentido de evocar uma entidade no enunciado. Essa ocorrência se situa próxima ao cotovelo, no braço. O motivo de sua inscrição pode ser pelo fato de, por ser uma pessoa querida ao indivíduo-suporte, ser lembrada por este. Esses casos de referência a alguma pessoa relacionada ao indivíduo-suporte parecem mais direcionadas ao próprio indivíduo do que a um destinatário possível. Por fim, há uma ocorrência com duas frases nominais, além da oração, que instanciam o padrão [[SN]$_{TEMA}$ + [SP]$_{REMA}$]$_{OPT}$: “Força para lutar fé para vencer com Deus tudo pode acontecer”. Estas, novamente, fazem alusão a mais uma canção de Charlie Brown Jr., *Gueto do Universo*. Essa ocorrência situa-se em toda a lateral da perna, englobando o quadril, a coxa e a perna. Menos visíveis, em termos de posição no corpo, do que os braços, porém, pela sua amplitude, torna-se facilmente relembrável.

Nos padrões biargumentais, encontramos quatro padrões construcionais esquemáticos: a construção relacional ou predicativa [([SUJ]) + V$_{REL}$ + [SN/SAdj/SP/SAdv]$_{PRED}$], a construção predicativa locativa [([SUJ]) V$_{REL}$ [SP]$_{LOC}$], a construção transitiva [SUJ V$_{TRAN}$ OD] e a construção transitiva oblíqua [SUJ + V$_{TRAN}$ + OBL]. Há, por fim, uma única construção existencial: “Há tempo para todo o propósito debaixo do céu”, formulada por [V$_{EX}$ SUJ$_{INSERT}$].

Conforme o Gráfico 5 ilustra, a maior frequência de instanciações é da construção relacional e da construção transitiva.

Gráfico 5 – Frequência de instanciações dos padrões construcionais biargumentais.



Fonte: Elaborado pelo autor

As instanciações em forma de constructo desses padrões construcionais estão ilustrados no seguinte quadro:

Quadro 9 – Exemplos de constructos do padrão oracional simples biargumental

Padrão construcional	**Constructo**
[([SUJ]) V_{REL} [SN/SAdj/SP/SAdv]$_{PRED}$]	*A vida é hoje*
	até o avesso de tua Alma é Força
	Eu sou meu próprio lar
	Fé é perder o controle
	O essencial da vida é invisível aos olhos
	O suor foi o preço da conquista
[([SUJ]) V_{REL} [SP]$_{LOC}$]	*tu estás comigo*
	Sempre estou contigo! mãe, Roselene Pereira Ewers
[SUJ V_{TRAN} OD]	*amor gera amor*
	Espalhe amor
	Abrace seu caos
	Aguarde seu tempo
	Nada supera o amor de Deus
	Floresça ideias
[SUJ V_{TRAN} OBL]	*rogai por nós*
	A minha misericórdia prevalece sobre a minha ira
	Lembre de mim
	Existirmos: a que será que se destina?

[V_{EX} SUJ_{INSERT}]	*Há tempo para todo o propósito debaixo do céu*

Fonte: elaborado pelo autor.

Para melhor caracterizarmos as ocorrências, dividimo-las em frequência *type e token* de padrões construcionais com os constructos repetidos, e frequência *token* de constructos acima de uma instanciação.

Tabela 10 – Frequência *type* e *token* do padrão construcional biargumental

Padrões construcionais	Tipo de EsCo	Frequência *token*	Posição no corpo			
			Braço-antebraço	Ombros-coluna	Peitoral-Abdômen	Quadril-pernas
[([SUJ]) V_{REL} [SN/SAdj/SP/ SAdv]$_{PRED}$]	Estado	40	20	6	4	10
	Posição	53	27	12	12	2
	Processo	1	1	-	-	-
[([SUJ]) V_{REL} [SP]$_{LOC}$]	Estado	3	3	-	-	-
	Posição	2	1	1	-	-
[SUJ V_{TRAN} OD]	Estado	7	5	-	1	1
	Ação	13	12	-	-	1
	Posição	4	2	2	-	-
	Processo	7	5	-	1	1
[SUJ V_{TRAN} OBL]	Estado	2	2	-	-	-
	Ação	15	8	5	2	-
	Posição	1	1	-	-	-
	Processo	2	-	2	-	-
[V_{EX} SUJ_{INSERT}]	Estado	1	1	-	-	-

Fonte: elaborado pelo autor.

Quanto à frequência *token* de constructos repetidos em seu material linguístico, a tipologia de EsCo e a posição no corpo, os dados são o que se segue.

Tabela 11 – Frequência token e posições no corpo de constructos do padrão construcional biargumental

Padrão construcional	Frequência *token* de construtos		Tipo de EsCo	Posição no corpo			
				Braço-Antebraço	Ombros-Coluna	Peitoral-abdômen	Quadril-perna
[([SUJ]) V_{REL} [SX]$_{PRED}$]	*A cruz sagrada seja minha luz*	2	Estado	-	-	1	1
	A vida é hoje	2	Estado	2	-	-	-

	Deus é bom o tempo todo	2	Estado	1	-	1	-
	eu sou uma longa história	2	Estado	1	-	-	1
	O essencial é invisível aos olhos	5	Estado	1	3	-	1
	Seja forte e corajosa	18	Posição	12	4	2	-
	seja luz	31	Posição	13	8	9	1
	Sempre foi Deus	2	Estado	2	-	-	-
	tá tudo bem	2	Estado	1	-	-	1
[([SUJ]) V_{REL} $[SP]_{LOC}$]	*porque tu estás comigo*	2	Posição	2	-	-	-
[SUJ V_{TRAN} OD]	*amor atrai amor*	3	Processo	3	-	-	-
	ninguém explica Deus	2	Ação	2	-	-	-
	te levo comigo	2	Ação	2	-	-	-
[SUJ V_{TRAN} OBL]	*Foi por mim*	2	Processo	-	2	-	-
	permita-se	14	Ação	7	5	2	-

Fonte: elaborado pelo autor.

Alguns comentários merecem atenção: a categorização de “Seja forte e corajosa” e “seja luz”, embora instanciados com o verbo estativo, principalmente combinados com a construção imperativa, fazer referência ao comportamento do que a um atributo permanente ou temporário incontrolável pelo primeiro argumento da predicação, logo foi categorizado enquanto Posição. Outrossim, todas as ocorrências de Posição do padrão [([SUJ]) V_{REL} $[SN/SAdj/SP/SAdv]_{PRED}$], estão no imperativo e foram interpretadas como incentivos de comportamento em vez de encorajamentos. Dependendo, portanto, da construção específica que preenche o *slot* predicativo e sua combinação com a construção imperativa, sua categorização pode ser Estado, compreendida como um desejo do locutor a seu suposto interlocutor, como “Seja bem feliz”, ou posição, compreendida como uma instrução ou encorajamento, naquilo que tange ao comportamento.

A construção relacional impõe uma perspectiva naquilo que tange o “ser”, não em sentido existencial, mas no sentido de relacionar duas entidades, em que “é dito que algo ‘é’ outra coisa” (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 26), dividido em diversos tipos. Não entraremos em detalhe acerca de seus tipos, porém compreendemos que há uma tendência grande em

caracterizar entidades diferentes que abrangem desde o próprio indivíduo-suporte, a partir do dêitico "eu" até conceitos abstratos gerais, como "amor", "dor", "vida" ou "Deus".

Quanto às construções transitivas, embora tenhamos identificado diversos EsCo do tipo Ação, sua maioria ou é combinada com as construções no presente do indicativo (atemporal ou durativo, como em "escolhas conduzem a vida", aplicável a qualquer ponto no tempo, e "Te levo no coração, na lembrança e na saudade", em que o momento de referência é uma vida, respectivamente) ou no modo imperativo, como em "Espalhe amor" e "Recria tua vida".

No que diz respeito a suas posições no corpo, todas as construções, algumas em números elevados, outras no mesmo número que outras posições, possuem inscrição no braço e no antebraço. Parece-nos ser uma questão tanto de se lembrar de certos enunciados como de possibilitar seu compartilhamento com outros que o veem ou sinalizar seus valores, conselhos, encorajamentos e sabedoria para um destinatário virtual. Novamente, próximos ao peitoral, às coxas e outras partes frequentemente cobertas pelas roupas podem dizer respeito a valores não mais necessários de lembrança, mas constitutivos à personalidade (íntima) do indivíduo-suporte.

Das instanciações do padrão construcional esquemático triargumental, encontramos dois padrões construcionais: a construção transitiva-predicativa com verbo experiencial [SN_{SUJ} + V_{COG} + X_{OD} + Y_{PRED}] e a construção bitransitiva [SN_{SUJ} + V_{BITRAN} + SN_{OD} + SP_{OI}]. A primeira tem duas ocorrências e a segunda, seis. O quadro a seguir ilustra alguns constructos.

Quadro 10 – Exemplos de constructos do padrão triargumental

Padrão construcional	**Constructo**
[SN_{SUJ} V_{COG} X_{OD} Y_{PRED}]	*Bem ME quero*
	Consideramos justa toda forma de amor
[SN_{SUJ} V_{BITRAN} SN_{OD} SP_{OI}]	*em prova da minha devoção vos dou meu <3*
	Livrai-nos do mal Amém
	pra você guardei o amor
	prenda-se a sua liberdade
	Quem lhe deu tanto Axé?

Fonte: elaborado pelo autor.

O mesmo que foi realizado nos esquemas anteriores foi feito neste: categorizamos os tipos de EsCo de cada padrão construcional com sua frequência *token* e sua posição no corpo.

Tabela 12 – Frequência e posição no corpo do padrão construcional triargumental

Padrão construcional	Tipo de EsCo	Frequência *token*	Posição no corpo		
			Braço-antebraço	Ombros-coluna	Peitoral-abdômen
[SUJ V_{COG} OD PRED]	Posição	10	8	-	2
[SUJ V_{BITRAN} OD OI]	Ação	5	4	1	-
	Posição	1	1	-	-

Fonte: elaborado pelo autor.

Somente um constructo é repetido: “bem me quero”, possível subversão da flor bem-me-quer, usada em atividades lúdicas para, por meio da retirada de pétalas dessa flor, imaginar se a pessoa amada deseja a pessoa que realiza essa brincadeira. Entoa-se “bem me quer” retirando uma pétala e “mal me quer” retirando outra pétala, em sequência até seu final, que determinará supersticiosamente o desejo da pessoa amada. Neste caso, uma visão do cuidado de si é proposta ao modificar a conjugação do verbo querer para a primeira pessoa do singular: “bem me quero”, sem fazer parte da atividade lúdica e sem, evidentemente, expressar sua contraparte “mal me quero”.

Tabela 13 – Frequência token e posição no corpo de constructos do padrão triargumental

Padrão construcional	**Construto**	**Frequência *token***	**Tipo de EsCo**	**Posição no corpo**	
				Braço-antebraço	**Peitoral-abdômen**
[SUJ V_{COG} OD PRED]	*bem me quero*	9	Posição	7	2

Fonte: elaborado pelo autor.

Embora haja algumas instanciações do esquema triargumental que se refere a Ações, sua maioria, novamente, é combinada com verbos no presente do indicativo apontado atemporalidade e no presente performativo, indicando um ato significativo, na ocorrência verbo-icônica “em prova da minha devoção vos dou meu <3”, representando uma oração cristã ou uma música de consagração à Nossa Senhora. Os casos no pretérito perfeito, como em “pra você guardei o amor” e “Quem lhe deu tanto Axé?” referem-se a canções, o que funciona mais como um sinal de apreço pelo tipo de música apontado ou um alinhamento da personalidade a esse estilo, do que uma afirmação sentenciosa sobre os valores de uma comunidade.

De todos os casos triargumentais analisados, o único caso ambíguo é "*inspire*", que pode ser um EsCo do tipo Posição, em que o indivíduo suporte é colocado como fonte de inspiração, ou do tipo Ação em referência ao ato de utilizar os pulmões para inspirar o ar. Como não há sua contraparte, "expire", que é comum em enunciados como esse, optamos pela interpretação de "servir de fonte de inspiração".

3.1.2.2 Padrões construcionais complexos paratáticos

Categorizamos as ocorrências conforme a quantidade de orações em relação paratática. Pela quantidade de cada padrão, dividimos em duas categorias: padrões construcionais complexos paratáticos combinando duas orações e padrões construcionais complexos paratáticos combinando três ou mais orações, totalizando 60 construtos. Iniciamos com os padrões combinando duas orações.

A parataxe sindética consiste em 22 ocorrências, das quais 15 são aditivas, 6 são adversativas e uma é explicativa. Nos estudos linguísticos, não há consenso acerca do estatuto das orações coordenadas explicativas. Nos termos da gramática tradicional, Bechara (2019), por exemplo, as considera como orações justapostas com advérbios transfrásticos. Já de um ponto de vista funcionalista, Neves e Braga (2023, p. 139-141) afirmam que a distinção principal entre as hipotáticas causais e as coordenadas explicativas é o fato de somente esta aceitar, na oração principal, atos de fala e verbos flexionados no modo subjuntivo ou imperativo. Como a oração principal da única ocorrência explicativa que encontramos é flexionada no imperativo, classificamo-la como tal.

Tabela 14 – Frequência e exemplos do padrão paratático sindético

Parataxe sindética	**Frequência**	**Construtos**
Aditiva	15	*a força da alcateia é o lobo e a força do lobo é a alcateia* *amor dará e receberá* *metade de mim é amor e a outra metade também*
Adversativa	6	*ANO PASSADO EU MORRI MAS ESSE ANO EU NÃO MORRO*

		A META EU TENHO MAS EU VIVO DOBRANDO *Acompanhe o pássaro mas não atrapalhe o vôo*
Explicativa	1	*confia em mim que eu tenho um plano*

Fonte: elaborado pelo autor.

As sindéticas aditivas consistem em 7 ocorrências assimétricas, isto é, ocorrências de coordenação cuja mudança de ordem implica significados diferentes (Pezatti; Longhin, 2023) e que dispõem de realce paratático. Exemplos desse tipo são “Eu canto e a música me encanta”, “Amor dará e receberá” e “”E pela lei natural dos encontros eu deixo e recebo um tanto””, que implicam alguma relação sequencial temporal com sua ligação, como é o caso do par dar-receber e a anáfora associativa entre cantar e música e sua relação de contiguidade: cantar implica a produção de uma música e para a música encantar, precisa-se, antes, cantar. As outras cinco ocorrências são simétricas e configuram extensão paratática, como “a força da alcateia é o lobo e a força do lobo é a alcateia”.

As seis ocorrências adversativas, conforme Pezatti e Longhin (2023), são construções binárias em que o segundo membro da coordenação tem estatuto mais saliente e focal. Esse tipo de parataxe pode ser classificado semântico-pragmaticamente conforme sua incidência sobre o conteúdo, sobre o estatuto epistêmico e sobre o ato de fala na coordenação. Nas ocorrências selecionadas, a adversativa somente incide ou sobre o conteúdo, ou sobre o estatuto epistêmico: dois casos (“ANO PASSADO EU MORRI MAS ESTE ANO EU NÃO MORRO” e “Só não nasceu de mim, mas certamente nasceu para mim”) são adversativas de conteúdo, ou seja, representam um processo em que o falante coloca em oposição dois elementos não necessariamente opostos no mundo, tal como ele é representado pelo discurso; dos quatro casos que incidem sobre o estatuto epistêmico, três casos (“Decifra-me, mas não me concluas”, “Deus não escolhe os capacitados mas capacita os escolhidos” e “Acompanhe o pássaro mas não atrapalhe o vôo”) são o que as autoras chamam de “marcador de refutação”, em que o “falante desmente, nega ou contesta uma informação explícita ou implicitamente veiculada e então fornece a informação que julga correta” (Pezatti; Longhin, 2023, p. 59); o último caso (“A META EU TENHO MAS EU VIVO DOBRANDO”) diz respeito ao “marcador de contra-argumentação” (Pezatti; Longhin, 2023, p. 60-61), tipo argumentativamente comum pelo fato de ambas as orações apontarem para conclusões opostas. Como a segunda oração é mais saliente, sua conclusão é a orientada na relação coordenativa.

Para as paratáticas justapostas, definimos a justaposição e a ocorrência de dois períodos conforme a pontuação: seja ponto-final, seja letra inicial maiúscula. Há, também, ocorrências que aparentam não seguir o princípio pragmático (Hopper; Traugott, 2003) de mútua relevância. Cabe ao interpretante assumir que há mútua relevância e, como não temos acesso a todos os motivos particulares que levam o indivíduo a tatuar um enunciado em si, decidimos seguir os sinais de divisão de períodos expressos linguisticamente.

As orações paratáticas justapostas compreendem 15 ocorrências, dentre as quais duas merecem atenção: as orações com elementos conclusivos "*logo*" e "*então*". O estatuto das orações com esses elementos é instável nas gramáticas, já que podem ser categorizados como casos de coordenadas sindéticas ou justapostas. A decisão tomada neste trabalho se baseou no trabalho organizado por Neves (2023), *A construção das orações complexas*, em que, no capítulo de coordenação, não consta tanto orações coordenadas conclusivas, como explicativas. Em outros capítulos, trata-se das explicativas mediante sua relação com atos de fala, mas não há um tratamento direto para as conclusivas. Bechara (2019) considera essas orações justapostas com elementos transfrásticos. Separamos as conclusivas na seção de justaposição, porém, no tratamento sugerido por Halliday e Matthiessen (2013), tanto as orações conclusivas como a única explicativa estão sob a mesma classificação geral: a de realce paratático.

A tabela a seguir ilustra as relações lógico-semânticas entre as ocorrências justapostas:

Tabela 15 – Frequência de articulações de orações nas ocorrências justapostas bioracionais.

Modo de articulação	Frequência	Constructos
Realce	3	*18.09 Você nasceu eu renasci* *Corro, logo estou Plena Resiliente Livre Feliz* *Eu vejo você então eu existo*
Elaboração	9	*NUNCA FOI SORTE SEMPRE FOI DEUS* *O essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração* *Coffee é o carai aqui é CAFÉZIN*
Extensão	3	*TUDO passa-posso* *TUDO posso-passa*

Fonte: Elaborado pelo autor

A quantidade maior de elaboração nas ocorrências justapostas condiz com a descrição de Halliday e Matthiessen (2013) a respeito da frequência alta de casos de justaposição com a elaboração paratática na língua.

Poderíamos estabelecer algumas explicações pelo grande número de construções complexas paratáticas nas tatuagens em comparação aos outros padrões complexos. Um primeiro aspecto importante da relação forma-significado das construções paratáticas é que, no *continuum* de integração de eventos, elas representam a menor integração possível, o que implica uma concepção total do enunciado como duplamente composto, enquanto, nas construções subordinadas, por diversos aspectos, como a integração de uma oração abaixo do nível hierárquico de outra, sua correlação modo-temporal ou até mesmo, no caso das reduzidas, a queda da finitude do verbo sinalizam, dentro do pareamento forma-função, uma maior integração dos eventos, em uma percepção do enunciado como um evento complexo em vez de múltiplos (Lehmann, 1988). A partir desse ponto de vista, as ocorrências paratáticas tenderiam à elaboração, em detrimento da compressão das orações, o que, em termos de processamento do enunciado, sinaliza uma simplificação, já que, mesmo veiculando mais informações, cada EsCo em si é simples. Em casos de subordinação, por exemplo, os campos argumentais pressupostos por uma construção argumental são complexificados.

Ainda assim, nossas explicações possíveis contradizem-se: há uma quantidade grande tanto de construções paratáticas como de subordinadas. Ora, se tentássemos explicar a partir da baixa complexidade dos EsCo, cairíamos em contradição estatística. O argumento inicial de que, por limitações do suporte, como a dor das tatuagens e a dificuldade de posicioná-las no corpo adequadamente para fotografá-los, a produção de enunciados menores seria maior que a de enunciados mais elaborados também não se sustenta neste caso específico, já que as orações paratáticas são significativamente mais elaboradas do que as subordinadas e ambas têm ocorrências significativas. Outra explicação possível é de que, pela configuração enunciativa problemática, as tatuagens não implicam necessariamente o destinatário e, dessa forma, são menos elaboradas devido ao princípio icônico de quantidade: “Informações previsíveis — ou já ativadas — não serão expressas” (Givón, 2001, p. 35), já que a tatuagem em si já é compreensível pelo indivíduo-suporte, sem a necessidade de elaborar especificamente para o destinatário seu conteúdo. Essa explicação em si é parcialmente verdadeira pelo fato de que, conforme Bisiada (2013), quanto menor o grau de complexidade linguística, isto é, a “quantidade de regras aplicadas a cada constituinte”, menor o grau de transparência semântica, o que, para as orações complexas, significa “o grau em que relações de sentido entre as orações são expressos por signos e o grau de facilidade com que um leitor pode acessar esses sentidos”

(Bisiada, 2013). A pouca transparência semântica das construções paratáticas, comparadas com as hipotáticas, parece condizer com as implicações dos enunciados aderentes expressivos, mas sua maior elaboração, correspondente à quantidade de informações, não.

A explicação mais plausível encontra-se em um grau maior de especificidade: 23 das 37 ocorrências paratáticas com duas orações fazem algum tipo de referência intertextual implícita: "O essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração" faz referência à obra *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry; "SOU DOIDA TENHO ATESTADO" refere-se a uma fala da personagem Jinx no videojogo *League of Legends*; "ANO PASSADO EU MORRI, MAS ESSE ANO EU NÃO MORRO" é fragmento de uma canção de Belchior, *Sujeito de sorte*, dentre outras ocorrências com essa configuração. Para a análise do discurso, essas referências sem fontes configuram aquilo que Maingueneau (2008) chama de *particitação*, a qual será mais bem explicada na seção de análise discursiva e implica certa manutenção de seu significante. Essa, dentre as outras explicações, é a mais plausível para a grande ocorrência de padrões paratáticos.

O mesmo acontece com os padrões construcionais paratáticos com três orações ou mais. Como as ocorrências são menores, colocamo-las integralmente no quadro:

Quadro 11 – Constructos de padrões paratáticos com três ou mais orações

<table>
<tr><td rowspan="5">Padrões construcionais paratáticos com três orações</td><td rowspan="2">Coordenados</td><td>Justapostos</td></tr>
<tr><td>Eu quero/ Eu posso/ Eu consigo</td></tr>
<tr><td>Queira o bem faça o bem o resto vem</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Entrega teu caminho ao Senhor, confia nele e Ele tudo fará. Salmo 37.5</td><td>Tenha fé em Deus tenha fé na vida, tente outra vez</td></tr>
<tr><td>Você marcou na minha Vida viveu, morreu na minha História</td></tr>
<tr><td rowspan="5">Padrões construcionais paratáticos com quatro orações</td><td rowspan="2">entrego, confio, aceito, e agradeço</td><td>ame viva creia faça</td></tr>
<tr><td>Sinto muito, me perdoe, te amo, sou grata</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Sempre me rege, me guarde, me governe e ilumine. Amém</td><td>entrego confio aceito agradeço</td></tr>
<tr><td>Entrego confio DOU UMA SURTADA agradeço</td></tr>
<tr><td></td><td>entrego, confio, aceito, agradeço</td></tr>
</table>

	Sempre me rege, me guarde, me governe e ilumine...	*sempre me rege/ me guarde/ me governe/ me ilumine/ Amém*
		sinto muito me perdoe eu te amo sou grata

Fonte: elaborado pelo autor.

De todas as ocorrências, duas não possuem fonte localizável (“Eu quero/ Eu posso/ Eu consigo” e “ame viva creia faça”) e uma é uma subversão do mantra de *yoga* “Entrego, confio, aceito e agradeço”, em “Entrego confio DOU UMA SURTADA agradeço”.

3.1.2.3 Padrões construcionais complexos subordinados

Quanto aos padrões subordinados, de 37 ocorrências de duas e três orações, 29 são construções relativas, sob a notação [(PREP) REL V (X)], adaptada de Bispo (2018), cinco são construções subordinadas substantivas e três são mistas. Ilustramos as ocorrências na tabela que se segue.

Tabela 16 – Frequência e exemplos de construções relativas

Padrões construcionais	Frequência	Exemplos
[(PREP) REL V (X)]	29	*saudade é o amor que fica* *O que falta em você, sou eu* *torna-te quem tu és* *Floresça onde Deus te plantar*
[(SUJ) V + [*QUE* (SUJ) V (X)]$_{OD}$)] / [(SUJ) V + [PREP V_{INF} (X)] / [V X + [V_{INF} X]]	5	*E pela minha lei, a gente era obrigado a ser feliz* *Me recuso a afundar* *Verás que um filho teu não foge à luta* *É preciso estar atenta e forte* *Eu sinto que eu sei que sou um tanto bem maior*
Padrão construcional complexo subordinado misto	3	*Só sente saudade quem aprendeu a amar* *29/01/1995/ E nós sabemos que tudo o que Deus faz, durará Eternamente/ Eclesiastes 3:14* *É preciso ser quem se é*

Fonte: elaborado pelo autor.

Atenhamo-nos aos padrões relativos, com alguns comentários acerca de outros padrões.

Das 29 construções relativas, 19 são consideradas “relativas livres” ou relativas sem antecedente ([REL V (X)]$_{OD/OBL/SUJ/PRED/ADV}$), enquanto as outras 10 ocorrências são relativas restritivas ([(PREP) REL V (X)]$_{MOD}$). Souza (2011), ao tratar da diferença entre interrogativas encaixadas e relativas sem antecedente, afirma que, enquanto as interrogativas encaixadas mobilizam um pronome ou advérbio interrogativo, cujo núcleo ausente é o foco da indagação do falantes e, portanto, da ordem de seu desconhecimento, as relativas sem antecedente não se encontram nessa mesma configuração funcional: o seu núcleo ausente “não é expresso, não porque o falante o desconheça, mas por se tratar de entidade genérica, inespecífica, e, por isso, suficientemente representada por uma das formas de pronome *QU-* em português” (Souza, 2011, p. 131). Para a autora, a entidade que o pronome representa é o que constitui complemento da oração matriz da relativa sem antecedente. Na gramática tradicional, Bechara (2019) também afirma que a relativa sem antecedente sofre uma substantivação ou adverbialização e se torna complemento de uma oração ou de um termo de um sintagma, além de possivelmente “dar certo ar de generalização”. Givón (2001) já afirmava que as orações relativas podem modificar pronomes ou funcionar como pronomes. Lidamos, dessa maneira, com casos que funcionam como complementos substantivados e adverbializados. O quadro a seguir ilustra os exemplos de cada padrão relativo.

Quadro 12 – Exemplos de construções relativas livre e restritivas

Padrões construcionais	Exemplos
[REL V (X)]$_{OD}$	*A alma guarda o que a mente tenta esquecer*
[REL V (X)]$_{OBL}$	*TENHA ORGULHO DE QUEM VOCÊ É*
[REL V (X)]$_{SUJ}$	*Quem não ouve a melodia acha maluco quem dança*
[REL V (X)]$_{PRED}$	*O homem é o que pensa*
[REL V (X)]$_{ADV}$	*Espalhe AMOR por onde você for*
[(PREP) REL V (X)]$_{MOD}$	*a luz mais bonita é a que vem de dentro*

Fonte: elaborado pelo autor.

A frequência das construções relativas sem antecedente é um forte indicativo de que elas contribuem para a referencialidade dos constituintes que incorporam, equivalentes a uma

palavra genérica (Sousa, 2011, p. 129), o que é uma estratégia comum para aforizações (Maingueneau, 2014). As relativas restritivas, por sua vez, também fazem referência, desta vez não por causa de sua natureza, mas sim por causa do próprio SN que elas modificam, a entidades genéricas. A quantidade de padrões complexos subordinados parece, então, explicar-se pela presença de aforizações no córpus, dentre cujas estratégias estão os padrões relativos sem antecedente.

3.1.2.4 Algumas conclusões a respeito dos padrões oracionais

Em termos de regularidades de padrões oracionais, a construção relacional é a mais frequente em nosso córpus, seja por instanciações específicas diferentes, seja por instanciações repetidas. Parece-nos, portanto, que essa frequência diz respeito ao caráter atributivo da construção relacional. À exceção das ocorrências "Assim seja, Amém" e "que assim seja", que, como expressões fixas, mais dizem respeito à ocorrência e ao acontecimento do EsCo do que a uma atribuição, todas as outras ocorrências de construção relacional possuem caráter atributivo, como "O essencial é invisível aos olhos", "A vida é hoje" e até os casos de imperativo, como "Seja bem feliz", lidos como bons desejos em vez de ordens. A prevalência do caráter atributivo aparenta ser uma tradução dos imperativos hipermodernos em enunciados tatuados: procura-se aplicar certos rótulos e certos sentidos às coisas em vez de, em épocas modernas ou pré-modernas, esse sentido ser estabilizado por alguma fonte externa e socialmente construída. Com a hipermodernidade e a queda desses grandes discursos, coube ao indivíduo estabelecer suas coordenadas de ação e seu sentido próprio ao mundo, seja predicando do viver, como em "A vida é hoje" ou "A vida é um sopro", seja a respeito das adversidades "dor é aprendizado" ou de outros aspectos da vida cotidiana e da narrativa individual do sujeito.

Além disso, a construção relacional instancia EsCo não-dinâmicos, o que implica, dessa forma, uma estabilidade de sua realização, especialmente quando combinada com o presente atemporal. Essa última observação deve ser abordada levando em conta o suporte e o material dos enunciados: a permanência que a tatuagem implica parece levar os enunciados a possuírem características generalizantes, para que possam ser aplicados a qualquer momento no tempo de vida do tatuado ou, quando possuem marcas mais específicas, como o pretérito perfeito, nomes próprios e traços de outros acontecimentos irrepetíveis, esses enunciados devem servir como lembranças e dedicatórias eternizadas. No caso de construções imperativas e optativas, como "Seja forte e corajosa" ou "que assim seja", o tempo verbal pode aparentar ser inexistente, porém o modo imperativo aponta inevitavelmente para uma futuridade (Givón, 2001, p. 312),

o que pode indicar, nos modos optativos, uma eficácia simbólica de atrair certos estados para o indivíduo ou para sua narrativa individual ou simplesmente uma lembrança de agir ou ser de uma forma desejada.

3.2 MAPEAMENTO DE AFORIZAÇÕES

Para que possamos mapear as aforizações no córpus, selecionamos os padrões construcionais oracionais e os padrões construcionais de aspecto frasal: essa seleção compreende todos os padrões construcionais oracionais analisados, além dos padrões de frases nominais bimembres, as construções binárias e a categoria de "Outros" em padrões de aspecto frasal, o que equivale a 330 construtos, contando com suas respectivas repetições. Essa seleção foi feita com base nas afirmações de Maingueneau (2014) acerca da natureza linguística da aforização: ela não constitui necessariamente uma oração, mas deve se portar como autônoma e enunciável por um locutor. Esse critério nos levou a considerar algumas frases nominais como possíveis aforizações e buscamos embasar nossa escolha a partir das definições de frase nominal bimembre, feitas por Carone (1988).

Antes de iniciar a análise propriamente, cabe esclarecer que, dentre as 330 aforizações em potencial, somente duas contêm referência ao (con)texto-fonte de seu destacamento ("Entrega teu caminho ao Senhor, confia nele e Ele tudo fará. Salmo 37.5" e "29/01/1995/ E nós sabemos que tudo o que Deus faz, durará Eternamente/ Eclesiastes 3:14"), enquanto todas as outras, mesmo aquelas cujo texto-fonte é facilmente reconhecível pela *doxa*, não possuem qualquer explicitação verbal de sua fonte, o que pode gerar algumas dúvidas a respeito do estatuto primário ou secundário dessas aforizações. Conforme Maingueneau (2014), a distinção entre essas duas categorias não usufrui de critérios históricos: um provérbio, por exemplo, pode muito bem ter sido uma aforização secundária em algum momento na história, mas, a depender do contexto, a aforização será categorizada como primária ou secundária. Maingueneau cita o caso do provérbio "sempre precisamos de alguém menor que nós" (Maingueneau, 2014, p. 28), que era a moral de uma fábula de La Fontaine, mas que é usada como um ditado, sem referência ao texto-fonte.

Deparamo-nos com a falta de referência nestes casos, o que configuraria aforização primária, porém, dado o caráter comunicacional problemático da tatuagem, os motivos podem ser variados: a falta de referência pode ser sintomática da não necessidade de um destinatário/coenunciador nessa prática, o que faria a sinalização de um texto-fonte funcionalmente redundante; é possível, igualmente, que a falta de referência configure uma

particitação (Maingueneau, 2014, p. 69), o que aproximaria essas ocorrências à aforização primária. Por fim, evidentemente, essas ocorrências podem ser puramente aforizações primárias. Dadas essas ambiguidades, optamos por manter a decisão por uma tendência à aforização primária e à particitação, porém, as circunstâncias dos enunciados aderentes podem oferecer algumas pistas a respeito dessa questão da necessidade de um coenunciador, a partir da parte do corpo em que a tatuagem está inscrita e a facilidade de visibilidade por outros. Mesmo que em um número muito pequeno, todas as tatuagens com referências explícitas estão localizadas ou no braço ou no antebraço, partes com acesso fácil ao olhar. Nos outros casos, cerca de metade do total das tatuagens está em algum local na área do braço e do antebraço, o que torna esse dado pouco eficiente em termos de descrição nas diferenças entre as funções da tatuagem. Entretanto, decidimos mantê-lo para descrever diferenças sutis a partir de cada função.

Para definirmos uma aforização prototípica, elencamos os seguintes traços linguísticos, sem pretensão à exaustão: a referência genérica (Neves, 2020, p. 128) de pelo menos um argumento (preferencialmente o da posição argumental de sujeito) e o emprego do presente do indicativo gnômico ou atemporal (Fiorin, 1996). A referenciação diz respeito a um ato interacional em que, no seu contexto de uso, as entidades envolvidas em uma predicação são construídas ou identificadas (Neves, 2020, p. 75). Na construção de referentes, existem formas diferente de referenciar: uma delas diz respeito a um indivíduo particular de uma classe, como em "O carro parou de funcionar", num contexto em que um motorista avisa seus passageiros a respeito das condições do carro particular: esse carro é um indivíduo particular, e o locutor pressupõe sua existência ao enunciá-lo. Outra forma possível de construção de referentes é a referência genérica, isto é, a referência a uma classe [*type*] que engloba diversos indivíduos, como em "O transporte coletivo é a melhor decisão para um futuro sustentável", em que não se predica sobre um indivíduo particular, mas sobre a classe desses indivíduos. Conforme Neves (2020), a expressão da referência genérica no português brasileiro pode ser feita pelos seguintes recursos: pelo sintagma definido (*O transporte público...*) ou indefinido (*Um ônibus é um veículo que comporta muitas pessoas*), pelo plural (*Maçãs são frutas deliciosas*), que pode, também, ser definido (*As maçãs...*) e pelo sintagma indefinido singular sem determinante (*Maçã é uma fruta boa para o fígado*). Embora o aspecto interativo da referência seja problemático numa tatuagem, utilizaremos esses critérios para as ocorrências de referência genérica. Quanto ao presente gnômico ou atemporal, Fiorin (1996) o define como o presente dos provérbios, das definições e das descrições de estados tidos como imutáveis. Esse presente, sem entrar em detalhes sobre o dispositivo teórico utilizado pelo autor, descreve um acontecimento cuja

extensão temporal é ilimitada, significando que, em qualquer momento no tempo, esse estado de coisas descrito será realizado ou ocorrerá.

Esses traços dizem respeito aos índices aspectuais de diagnóstico de uma aforização forte ou fraca, para o qual Maingueneau (2014) estabelece cinco índices. São eles:

textuais: separação da aforização com relação a outras frases, principalmente por um inciso ou a justaposição de aforizações como quebra da textualidade;

lexicais: o significado do verbo introdutor da frase pode sinalizar seu caráter aforizante;

aspectuais: o caráter genérico do enunciado o orienta para a aforização pelo seu efeito de dessingularização;

sintáticos e prosódicos: construções simétricas, em quiasmo etc.;

semânticos: tropos que desencadeiam uma posição hermenêutica e uma condensação cognitiva, como a metáfora, o paradoxo etc.

Pelo caráter breve de uma tatuagem e de sua configuração pouco textualizante (a partir da frequência maior de padrões construcionais suboracionais e oracionais simples) os índices textuais e lexicais não possuem aplicabilidade à nossa pesquisa: enfatizamos os índices aspectuais pelo caráter generalizante, em que a referência genérica permite que se predique sobre classes de entidades, e o presente gnômico permite a aplicabilidade desse enunciado a pontos ilimitados do tempo. Há, evidentemente, índices sintáticos, prosódicos e semânticos nas ocorrências, porém eles são menos frequentes e são acompanhados dos índices aspectuais. Quando não há referencialidade genérica ou presente gnômico em algum enunciado, ainda é possível caracterizá-lo como aforização mediante o reconhecimento de sua fonte: uma particitação com algum traço aspectual também será caracterizada, portanto, como aforização. Por fim, selecionamos enunciados que possuem caráter formulaico, como mantras, *slogans* e orações. Alguns possuem caráter mais aforizante, por expressarem índices aspectuais, outros não possuem força sentenciosa, mas, pelo seu caráter formulaico e repetível, podem ser categorizados como aforizações ou candidatos prováveis a esse estatuto.

Tanto em enunciados com fonte recuperável como em enunciados sem fonte, a classificação por nós proposta considera os seguintes traços linguísticos: um elemento dêitico em primeira pessoa do singular, seja pelo pronome pessoal, oblíquo e possessivo, seja por desinência verbal; um elemento dêitico em segunda pessoa do discurso, como o pronome pessoal “você” ou o pronome oblíquo “te”, os quais podem ser acompanhados de um elemento dêitico em primeira pessoa do singular. Classificamos os enunciados com os primeiros traços linguísticos pelo rótulo “Dizer de si” e os com os segundos traços linguísticos pelo rótulo “Homenagens”. Tanto o primeiro rótulo e o segundo são atravessados por particitações ou

enunciados com fonte recuperável, que serão tratados separadamente. Por fim, mobilizamos um grupo de enunciados com os traços linguísticos de flexão verbal no imperativo ou no presente do subjuntivo tanto no modo imperativo como no modo optativo, denominados "Votos e conselhos".

Além da categoria de enunciados aforizantes, selecionamos outra, denominada "Fórmulas", que contém enunciados aforizantes, porém com traços distintos daqueles propostos do índice aspectual. Esses enunciados são comentados nas próximas seções.

Essa tipologia é um recorte que, inevitavelmente devido ao córpus altamente heterogêneo, coloca à margem alguns enunciados, quantificados em 29 ocorrências.

Vale ressaltar que os critérios utilizados para o reconhecimento da fonte dos enunciados são os de fácil rastreamento de um enunciador específico apontado como fonte de um enunciado por meio de pesquisa na ferramenta de busca do *Google*. Os enunciados marcados com "Não" para a recuperação da fonte não necessariamente se colocam como desprovidos desta. Sua rastreabilidade pode ser difusa, sem o reconhecimento de um enunciador específico, ou anônimo, mesmo que o enunciado seja reconhecido pelos falantes da língua.

O quadro a seguir ilustra os tipos de enunciados, suas frequências e seus exemplos.

Quadro 13 – Tipos de enunciados tatuados.

Tipo de enunciado	**Fonte recuperável**	**Frequência**	**Exemplos**
Aforizante	Sim	36	*guerreiro de fé nunca gela*
			O essencial da vida é invisível aos olhos
			viver é um rasgar-se e remendar-se
	Não	31	*A vida é hoje*
			escolhas conduzem a vida
			dor é aprendizado
Votos e conselhos	Sim	41	*Amor dará e receberá*
			torna-te quem tu és
			Haja amor a começar em mim
	Não	83	*Apenas ame*
			Continue
			tem que ter fé
Dizer de si	Sim	28	*de sal e sol eu sou*
			Sem amor eu nada seria
			tenho em mim todos os sonhos do mundo
	Não	9	*eu estou onde deveria estar*
			eu sou uma longa história
			Eu quero/ Eu posso/ Eu consigo

Homenagens	Sim	9	*no meu coração você vai sempre estar*
	Não	8	*Lembre de mim*
Homenagens específicas	Sim	3	*saudade é o amor que fica 18.06.1980*
	Não	9	*Amo Você. Sua mãe e amiga/ Janete*
Fórmulas	Sim	30	*A cruz sagrada seja minha luz*
			Consideramos justa toda forma de amor
			entrego, confio, aceito, e agradeço
	Não	14	*Toda glória a Ele*
			ninguém solta a mão de ninguém
			rogai por nós

Fonte: elaborado pelo autor.

Alguns comentários, dessa forma, serão feitos a respeito de cada categoria.

3.2.1 Enunciados aforizantes

No *continuum* mais aforizante e menos aforizante, os enunciados aforizantes, evidentemente, encontram-se no extremo maior grau de aforização, de forma que pouquíssimos são os casos, nessa categoria, de recursos usados que afetem seu estatuto de aforização. É possível listar os casos a seguir: “TUDO passa-posso” e “TUDO posso-passa”, os quais possuem uma marca dêitica em primeira pessoa do singular na forma de desinência verbal (posso) e não sinaliza o locutor como um indivíduo passível de tornar-se aforizador. Ainda assim, faz-se referência, pela inversão do objeto direto de “poder”, “TUDO”, à passagem bíblica Filipenses 4:13: “Tudo posso naquele que me fortalece”. Outra ocorrência, “O suor foi o preço da conquista”, remetendo à canção *Primavera*, do grupo *PrimeiraMente*, encontra-se conjugada no pretérito perfeito, o que não equivale ao presente gnômico, mas, ainda assim, possui fonte recuperável e possui referência genérica.

Os temas comuns a essa categoria são a religião cristã, a Sabedoria das Nações, a transitoriedade e a moral sobre o viver, assuntos que dizem respeito, em sua maioria, a uma comunidade ampla, capaz de afetar, senão todos, muitos dos usuários de uma língua. Aproxima-se, aqui, à amplitude dos provérbios.

Quanto às posições no corpo, o quadro a seguir quantifica-as conforme a fonte ser recuperável ou não.

Quadro 14 – Posição no corpo de enunciados aforizantes

Fonte recuperável	**Posição no corpo**	
Sim	Braço-antebraço	19
	Perna	7
	Coxa-quadril	5
	Peitoral-abdômen	3
	Ombros-costas	4
Não	Braço-antebraço	24
	Perna	2
	Coxa-quadril	1
	Peitoral-abdômen	1
	Ombros-costas	1

Fonte: elaborado pelo autor.

A maioria na região braço-antebraço parece fazer relação com o caráter deôntico das aforizações e a tatuagem como um enunciado aderente ligado à lembrança e à permanência de certos valores. Como esta região é visível tanto para o indivíduo-suporte quanto para possíveis destinatários, parece-nos que sua função principal é, além de lembrança, sinalização de valores a outros.

3.2.2 Votos e conselhos

Os enunciados em questão compreendem ocorrências cujo verbo se encontra conjugado no presente do subjuntivo ou no imperativo. Eles compreendem padrões construcionais de flexão de verbo no presente do subjuntivo e no imperativo e exprimem pedidos, conselhos e, até mesmo, desejos, votos. Os últimos casos costumam estar combinados com predicados estativos. Os predicados estativos não costumam ser compatíveis com o traço [+controle], exemplos disso são "*Seja inteligente*" e "*Adormeça*", porém, é possível, segundo Dik (1997) adaptar a interpretação desses enunciados se supusermos que existe algum grau de controle por parte do alocutário, como pode ser o caso de "fingir que é inteligente/está dormindo" (Dik, 1997, p. 113). Para Neves (2022), os verbos de matriz estativa no imperativo expressam uma "modalidade optativa desiderativa, possivelmente cruzada com um apelo" (Neves, 2022, p. 53). Podemos supor que é este o caso para ocorrências como "Seja bem feliz", "Seja forte e corajosa" e "Seja seu próprio caminho".

É possível assimilar uma interpretação de EsCo [-din; +cont] no caso de “Seja forte e corajosa”, sob a reformulação “Aja com força e com coragem”, situando-o como uma Posição, em vez de um Estado. O mesmo não pode ser dito a respeito de “Seja bem feliz” sem impor uma interpretação com dados a que não temos acesso.

Quanto à potencialidade de ser aforizante, o modo imperativo, nos casos sem fonte recuperável, em comparação com os dois únicos casos de auxiliares modais que implicam uma leitura impessoal (“É preciso ser quem se é” e “tem que ter fé”), ainda marca uma leitura que impõe uma perspectiva de dois locutores em situação interativa, isto é, pressupõe uma relação ainda mais dialogal que àquela com os auxiliares modais impessoais. Em termos de estrutura, as ocorrências monoargumentais no modo imperativo parecem menos aforizantes que as ocorrências biargumentais e as de padrão oracional complexo, já que, por motivos de quantidade de recursos linguísticos, possuem menos recursos para serem memorizáveis e para se colocarem como pregnantes em relação aos padrões mais elaborados. “Respire”, por exemplo, é facilmente enunciável por qualquer falante da língua em situações diversas, já “Seja seu próprio oceano”, além de se encontrar mais elaborada, um de seus argumentos é uma metáfora. Dadas as condições, esses enunciados encontram-se em um estatuto incerto em termos de traços aforizante. Ainda assim, eles parecem servir a função de eficácia simbólica como talismãs contra as adversidades (“Seja bem feliz”, “seja forte” etc.) ou como lembretes de se manter em um estado desejado ou de agir conforme os valores do indivíduo suporte (“seja luz” e “Espalhe amor”).

Os casos com fonte recuperável, diferentemente dos casos anteriores, no imperativo, parecem estabelecer que a instância do ato de fala diretivo pode ascender ao estatuto de aforizador e são, portanto, mais aforizantes. “Torna-te quem tu és”, além de oferecer uma linguagem mais arcaica, é uma frase atribuída ao filósofo Friedrich Nietzsche; “Tenha coragem e seja gentil” é atribuída ao filme de 2015, *Cinderela*, e foi enunciada pela mãe da protagonista; “Onde não puderes amar, não te demores” é atribuída à pintora mexicana Frida Kahlo; entre outros enunciados. Quase todos os enunciados são, em termos argumentais e interoracionais, no mesmo nível ou mais elaborados que os padrões oracionais biargumentais. Um único caso, por fim, apresenta um elemento dêitico na primeira pessoa, instanciado em um pronome oblíquo “mim”: “Haja amor a começar em mim”, o qual expressa, pelo subjuntivo, uma modalidade optativa relacionada a desejos e singulariza parcialmente o enunciado. Por ter uma fonte recuperável e fazer parte do refrão de uma canção denominada *A começar em mim*, do grupo *Vocal Livre*, esse enunciado também pode ser considerado mais aforizante que os outros enunciados sem fonte recuperável.

Quanto a sua posição no corpo, os casos de votos e conselhos seguem ilustrados.

Quadro 15 – Posição no corpo de enunciados da categoria Votos e Conselhos

Fonte recuperável	**Posição no corpo**	
Sim	Braço-antebraço	24
	Perna	3
	Coxa-quadril	5
	Peitoral-abdômen	8
	Ombros-costas	3
Não	Braço-antebraço	41
	Perna	4
	Coxa-quadril	2
	Peitoral-abdômen	26
	Ombros-costas	6
	Nuca	1
	Indeterminado	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Em termos quantitativos, as ocorrências maiores são as de votos e conselhos sem fonte recuperável, o que pode fazer alusão às reflexões de Le Breton (2004) acerca da tentativa da tatuagem enquanto uma ancoragem de identidade do sujeito e de busca de sentido. Sem fontes externas que estabilizem a atribuição de sentido à narrativa de suas vidas, os indivíduos tatuados parecem simular em si mesmos essa estabilidade, principalmente por meio de construções imperativas e optativas: ao desejar o bem e aconselhar a si mesmos a respeito de seus valores, o sujeito, cujo corpo é a parte mais permanente de sua narrativa, instaura um registro no real e no sólido a respeito de seus objetivos, sonhos e condutas morais. Muitos enunciados aderentes nessas configurações dizem respeito, desta vez sem a distância aforizante dos enunciados impessoais e absolutos, como é o caso dos enunciados aforizantes, à autoaceitação (“ame-se” e “Seja você para você por você”), à independência (“Seja seu próprio caminho” e “Seja seu próprio oceano”), à persistência (“Continue” e “Respire fundo”), às maneiras hedonistas ou libertárias das formas de viver (“Liberte-se” e “permita-se”) e a condutas axiologicamente valorizadas (“Ame o tanto que puder”, “Floresça onde Deus te plantar”, “Espalhe amor” e “Floresça ideias”). Diferentemente do maior detalhamento da autoridade que expressa esses conselhos na forma imperativa ou optativa, como é o caso dos enunciados com fonte

recuperável, esses enunciados podem ser incorporados como uma lembrança de si para si, permitindo uma leitura de fieldade a seus "valores próprios", os quais são, invariavelmente, na nossa posição, moldados pelas condições sócio-históricas de uma época. Essa possibilidade de assimilação do enunciado por si mesmo pode ser um dos motivos pelos quais há, em comparação aos outros tipos de enunciados, uma escolha grande por áreas do corpo menos visíveis (peitoral-abdômen), como se indicasse a privacidade e a relação desse enunciado a uma esfera mais íntima, com menos necessidade de exposição para sinalizar seus valores ou seu alinhamento ao aforizador implícito das fontes recuperáveis.

3.2.3 Dizer de si

Os enunciados sob a categoria "Dizer de si", além de serem categorizados como aqueles que possuem um elemento dêitico em primeira pessoa do singular, diferenciam-se das orações religiosas e dos mantras (que se encontram em "Fórmulas") por não possuírem dois traços linguísticos específicos: conjugação verbal no presente do subjuntivo na modalidade optativa ou no imperativo ("A cruz sagrada seja minha luz" "Livrai-me de todo mal, Amém") e conjugação verbal no presente do indicativo com sentido "performativo" ("entrego, confio, aceito, e agradeço", neste caso, a perfomatividade é realizada mentalmente com a repetição do enunciado), como são os casos de orações religiosas e dos mantras, respectivamente. Esses enunciados, com essas configurações, dizem respeito ao indivíduo-suporte e/ou sinalizam seu alinhamento a uma ideologia ou a um apreço estético específico, como a um artista ou a uma produção digital (como um videojogo), que é o caso dos enunciados com fontes recuperáveis.

Quadro 16 – Posição no corpo de enunciados da categoria Dizer de si

Fonte recuperável	Posição no corpo	
Sim	Braço-antebraço	16
	Perna	3
	Coxa-quadril	1
	Peitoral-abdômen	4
	Ombros-costas	3
	Indeterminado	1
Não	Braço-antebraço	5
	Coxa-quadril	1

	Peitoral-abdômen	1
	Ombros-costas	2

Fonte: elaborado pelo autor.

Muitos enunciados desse tipo sem fonte recuperável aproximam-se dos mantras. No entanto, eles aparentam, pelo seu conteúdo de empoderamento de si ("Nada Pode Me Parar", "Eu sou meu próprio lar" ou "Eu quero/ Eu posso/ Eu consigo"), ser uma afirmação que o indivíduo-suporte gostaria de dizer a si mesmo, com efeitos de eficácia simbólica para atrair esse estado psicológico para si. No cotidiano, esses tipos de enunciados são chamados "afirmações positivas", termo que remete ao livro *O poder das afirmações positivas*, de Louise Hay (2005). O que parece diferenciar os mantras em nosso córpus das afirmações positivas é que o mantra aparenta ser um "ato performativo" mental para alcançar algum estado psicológico desejado, enquanto as afirmações positivas aparentam descrever a si mesmo de forma empoderadora. Essa divisão, no entanto, é provisória e instável: o que merece relevância é que esses enunciados se aproximam pelo recurso à eficácia simbólica.

Outros enunciados aparentam ser uma simples descrição do indivíduo-suporte: "eu sou uma longa história" e "tô com fome" são ocorrências em que pode haver uma leitura de descrição de si, enquanto "Coffee é o carai aqui é CAFÉZIN", caso sem elementos dêiticos em primeira pessoa do singular, exceto pelo dêitico espacial *aqui*, entretanto, parece mostrar, pelo seu dizer, o estilo, os valores e os posicionamentos do indivíduo-suporte, próximo a um *ethos* mostrado (Maingueneau, 2022).

Já quanto às ocorrências de "Dizer de si" com fonte recuperável, elas aparentam ter uma dupla função: a de descrever a si mesmo tanto como afirmações positivas, como em pura descrição de si, mas, pela sua referência a um artista, uma canção, um poema etc., parece também sinalizar seu alinhamento com as implicações que a fonte proporciona: "Tenho em mim todos os sonhos do mundo.", ao mesmo tempo que implica uma descrição de si, uma forma de expressar partes da sua personalidade, situa o indivíduo-suporte numa comunidade de leitores de Fernando Pessoa, ou, mais amplamente, parte de uma comunidade inscrita no campo da literatura. Por fim, outros enunciados interessantes são aqueles que fazem uma subversão, ou seja, uma imitação de um enunciado original de forma que o sentido do enunciado criado contradiga o sentido do original (Maingueneau, 2010, p. 175). Vejamos: "Entrego confio DOU UMA SURTADA agradeço", subversão do mantra, também presente em nosso córpus, *Entrego, confio, aceito e agradeço*, e "A META EU TENHO MAS EU VIVO DOBRANDO", subversão de trecho do discurso de Dilma Rousseff, quando exercia o cargo de presidente, em 2015, a

respeito das metas do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego: “Nós não vamos colocar uma meta. Nós vamos deixar uma meta aberta. Quando a gente atingir a meta, nós dobramos a meta [...]”.[16] Esses enunciados criados têm um efeito lúdico, porém, ao mesmo tempo, dizem respeito aos indivíduos-suporte.

Alguns enunciados com fonte recuperável são mais aforizantes que outros, a depender dos recursos linguísticos, como o uso da segunda pessoa gramatical e a construção paratática adversativa, em que o coordenador é um marcador de refutação (Pezatti; Longhin, 2023, p. 59): “Decifra-me, mas não me concluas”, que implica uma quebra de expectativa a respeito de relações humanas, fator também aforizante.

Quanto a sua posição no corpo, esses enunciados, enquanto afirmações positivas, estão em uma posição do corpo facilmente perceptível pelo indivíduo-sujeito, ao mesmo tempo que, no caso dos enunciados com fonte reconhecível, podem estar ao olhar de um destinatário possível, o que pode gerar uma conivência e até mesmo uma interação entre essas duas instâncias.

3.2.4 Homenagens

As “Homenagens” desempenham função parecida com o “Dizer de si”, porém são direcionadas a um outro que participa ou participou da narrativa de vida do indivíduo-suporte. Sua divisão por meio da recuperação da fonte enunciativa implica questões diferentes das do Dizer de si: ao mesmo tempo que o enunciado pode ser lido como uma homenagem a um ente querido do indivíduo-suporte, ele pode impor uma leitura que exclui a anterior: a de ser simplesmente um sinal de que o indivíduo-suporte aprecia o autor particitado e a comunidade que sua enunciação implica. Vejamos o caso de “Aonde quer que eu vá, levo você no olhar”: enquanto canção do grupo *Paralamas do Sucesso*, pode indicar uma inclusão do indivíduo-suporte como fã destes cantores, mas também pode combinar essa sinalização a uma dedicatória ou uma homenagem a uma pessoa específica, à qual não temos acesso.

Nos casos sem fonte recuperável, é mais possível a interpretação como uma homenagem, mesmo que seja a partir de conhecimentos enciclopédicos: um enunciado em específico não contém marcas dêiticas em segunda pessoa do discurso, mas, pela sua circulação, é possível interpretá-lo como uma homenagem: “Nunca em meus braços, sempre em meu coração”, frase nominal que faz referência a pessoas vítimas de aborto espontâneo. A não-expressão ao bebê

[16] Cf. https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/bad-bad-server/mandioca-e-dobra-a-meta-os-13-discursos-de-dilma-que-mais-viralizaram/. Acesso em 05/11/2025.

pode indicar, possivelmente, a gravidade do aspecto traumático do ocorrido ou a posição enunciativa de ser falante nunca alcançada pela criança devido à sua morte precoce.

Quadro 17 – Posição no corpo dos enunciados da categoria de Homenagens

Fonte recuperável	Posição no corpo	
Sim	Braço-antebraço	5
	Peitoral-abdômen	1
	Ombros-costas	3
Não	Braço-antebraço	7
	Perna	1

Fonte: elaborado pelo autor.

A ocorrência desses enunciados no braço e no antebraço pode propor traços de particitação, no caso dos enunciados com fonte recuperável; já com relação aos sem fonte recuperável, a presença nas áreas do braço e antebraço parecem mais servir a função de manter as pessoas homenageadas sempre próximas à consciência do indivíduo-suporte.

3.2.5 Homenagens específicas

As Homenagens específicas possuem um traço único, evocação de um substantivo próprio ou relacional ou uma data específica, normalmente em forma de vocativo ou simples sinalização de que o enunciado faz referência a uma pessoa específica. Esse critério se aplica a qualquer tipo de enunciado: ele pode ser uma aforização, porém, com a referência a uma pessoa específica ou a uma data, perde seu caráter aforizante por ser singularizado. Vejamos alguns exemplos: “você nasceu e eu renasci 15.06.2017”, “Meu coração fora do peito/ João”, “Sou parte da sua vida E você é toda minha história Mãe” e “saudade é o amor que fica 18.06.1980”. O primeiro faz referência a um possível filho do indivíduo-suporte e é localizado entre o peitoral e o ombro, não muito próximo à visão do suporte. Sua estrutura é pouco aforizante: há elementos dêiticos que ancoram o enunciado às condições da enunciação, e o tempo verbal é o pretérito perfeito, o que, neste caso, aponta para um acontecimento irrepetível. “Meu coração fora do peito/ João” é uma frase nominal bimembre que afirma uma predicação entre os dois sintagmas sem o recurso à forma verbal finita, estratégia possivelmente aforizante, se um dos argumentos não fosse um substantivo próprio e o outro não exercesse uma ancoragem dêitica. O terceiro exemplo possui recursos parecidos, porém explícitos e utiliza um substantivo

relacional como vocativo. Neste caso, não se faz uma referência à figura Mãe, como uma classe, mas, sim, a um indivíduo específico. O último exemplo expressa um enunciado aforizante, mas ele é singularizado, novamente, pela referência a uma data específica.

Quadro 18 – Posição no corpo dos enunciados da categoria de Homenagens específicas

Fonte recuperável	Posição no corpo	
Sim	Braço-antebraço	3
Não	Braço-antebraço	8
	Peitoral-abdômen	1

Fonte: elaborado pelo autor.

A posição na área do braço e do antebraço é previsível neste caso: manter essas pessoas próximas à visão é uma forma de, metaforicamente, mantê-las próximas à consciência. No entanto, não podemos formular teorias generalizantes a respeito desse dado tão instável como a posição no corpo, principalmente pelo fato de essa posição ser encontrada em todos os tipos de enunciados em uma quantidade maior que as outras.

3.2.6 Fórmulas

A categoria de Fórmula é diversa: não utilizamos nenhuma definição rígida como critério, apenas seu pertencimento a gêneros e fontes legítimas ou sua estrutura próxima a um *slogan* ou uma palavra de ordem (Reboul, 1975): estruturas suboracionais de frases nominais ou enunciados oracionais no optativo em tom de demanda para uma coletividade. Identificamos alguns tipos nessa categoria de fórmula: orações religiosas, *slogans* ou palavras de ordem e mantras. Vejamos alguns exemplos:

Quadro 19 – Exemplos e posição no corpo de enunciados da categoria de Fórmulas

Tipos de fórmulas	Exemplos	Posição no corpo
Orações religiosas	*rogai por nós*	Braço
	em prova da minha devoção vos dou meu <3	Antebraço
	A cruz sagrada seja minha luz	1 em costelas; 1 em perna
	Livrai-nos do mal Amém	Antebraço

Slogans ou palavras de ordem	*ninguém solta a mão de ninguém*	Antebraço
	Toda glória a Ele	Indeterminado
	[mais] amor	Antebraço
	1 passo após outro sempre no jogo da vida	Perna
Mantras	*entrego, confio, aceito, e agradeço*	Antebraço
	sinto muito me perdoe eu te amo sou grata	2 em antebraço; 1 em panturrilha

Fonte: elaborado pelo autor.

As orações religiosas aproximam-se das afirmações positivas em Dizer de si e dos votos e conselhos: sua diferença é de destinatário, que, neste caso, é o deus cristão. Os *slogans*, pela sua frequente anonimidade, costumam ser enunciados sem fonte recuperável. Além disso, eles instauram uma perspectiva de comunicação com as massas, a uma coletividade que ainda não realizou aquilo que o *slogan* enuncia: o modo optativo ou imperativo implícito a frases nominais bimembres (Carone, 1988) as tornam boas candidatas a *slogans*. Algumas frases nominais bimembres aparentam, pelo seu conteúdo, dizer respeito ao viver e às adversidades, em vez de possuírem um aspecto de demanda, como é o dos slogans. Esse é o caso de "1 passo após outro sempre no jogo da vida", situado na perna, o que nos aparenta ser direcionado ao próprio indivíduo-suporte, e não encenado enunciativamente como um *slogan* militante, como é o caso de "ninguém solta a mão de ninguém", reconhecido em 2019 após a vitória eleitoral do presidente de extrema-direita, Jair Bolsonaro.

Os mantras também se situam na área do braço e do antebraço, numa posição de fácil lembrança para o indivíduo-suporte em momentos de adversidades, em que a leitura desses mantras terá sua função de eficácia simbólica.

3.2.7 O continuum aforizante-pouco aforizante

Os enunciados aderentes, como já foi dito, demandam que se repense o quadro comum de comunicação e enunciação. As tatuagens não deixam de fazer parte desse questionamento. Sua configuração enunciativa é problemática, e o destinatário não se torna necessário para a existência desses tipos de enunciados. A aforização implica um aforizador ou hiperenunciador, instância cuja enunciação é direcionada a uma coletividade indistintamente. Mesmo quando o aforizador é uma pessoa de carne e osso, como é o caso das aforizações secundárias, ele ascende a um estatuto distinto do de mero locutor (Maingueneau, 2014) e se torna uma instância de

consciência una, a qual afirma seu pensamento, sua tese, simulando não ser atravessado por fatores que relativizem seu dizer.

Para que possamos estabelecer um *continuum* entre frases mais aforizantes e menos aforizantes, devemos levar em conta que sua configuração enunciativa é diferente da *standard* e, dessa forma, procurar marcadores linguísticos (ou sua ausência) para diagnosticarmos com eficácia seu estatuto aforizante. O quadro figurativo da enunciação, já em Benveniste (1989), comporta duas figuras igualmente necessárias: o locutor, origem da enunciação, e o interlocutor, fim da enunciação, além dos parâmetros espaço-temporais. É a composição binária e a universalização dessa ancoragem comunicacional dialógica (Paveau, 2010) que é questionada pelos enunciados aderentes e pela enunciação aforizante. Dessa forma, para selecionarmos os enunciados que tendem a essa configuração, foi necessário não a pressupor em todas as ocorrências, mas localizar marcas que façam referência a essa situação de enunciação: os elementos dêiticos, portanto.

Essas marcas já foram localizadas em nossa divisão das tatuagens. Basta, somente, colocá-las em relação. Se a cena enunciativa prototípica da aforização é a de uma instância, quando determinada, colocada "ao alto" em contato com o Absoluto e, quando indeterminada, engloba toda a comunidade cujos valores são seus fatores coesivos, que enuncia teses, pensamentos e afirmações pregnantes e generalizantes a um auditório indistinto, as marcas de dêixis são fatores que enfraquecem os índices de aforização, pois podem singularizar o enunciado e impedir que ele atinja o estatuto de aforização. A instância que enuncia, marcada por "eu" e suas variações formais, é ainda aceitável como aforizante, especialmente se este "eu" for uma figura significativa para uma comunidade. A instância a que se destina a enunciação é indistinta e, portanto, qualquer marca linguística de sua presença deve ser lida como endereçada a uma coletividade em formatos diferentes. A referência a um "tu" de forma específica somente pode ser lida como aforizante se representar, por exemplo, um acontecimento marcante na história, de forma a ser usado como um acontecimento exemplar, aplicável a condições diversas. Um exemplo emblemático é "Até tu, Brutus?", que alude à fala do imperador Júlio César, no momento de seu assassinato, ao ser traído, por dentre outros membros, por seu filho e hoje é usado ludicamente em casos em que um amigo — um aliado — contraria outro amigo em uma situação em que muitos já o contrariaram, por exemplo. Dessa forma, o ato histórico se tornou aplicável a situações comuns: ele é, ao mesmo tempo, singular, porque, além de apresentar traços que o ancoram na situação de enunciação, foi narrado na História, e dessingularizado, porque é aplicável a situações diversas de traição de um amigo.

Todas essas variações mostram-se extremamente complexas no caso dos enunciados com fonte recuperável, de forma que estabelecer uma relação entre mais aforizante e menos aforizante entre estes é pouco produtivo. Utilizamos, portanto, os enunciados sem fonte recuperável, a partir dos quais avaliamos seus traços aforizantes mediante o índice aspectual, já explicado, e as marcas de ancoragem em uma situação de enunciação: o uso dêitico de formas relativas à pessoa *eu* e *tu* e seus graus de especificidade. A partir disso, propomos o seguinte *continuum*:

Quadro 20 – *Continuum* de aforização dos tipos de enunciado de tatuagens sem fonte recuperável

Enunciados aforizantes/ Fórmulas	Votos e conselhos	Orações religiosas	Dizer de si	Homenagens	Homenagens Específicas
[+aforizante]----------[-aforizante]					

Fonte: elaborado pelo autor.

Mais à esquerda, encontramos ocorrências mais aforizantes, que são, evidentemente, as fórmulas e os enunciados aforizantes: eles instauram enunciados impessoais, com referências genéricas e se encontram no presente atemporal. Os votos e conselhos não possuem marcação de tempo explícita, mas implicam uma relação interativa e uma futuridade, que pode ser abstraída pela sua semelhança com a cena enunciativa aforizante: a instância em construções imperativas exprime conteúdos de ordem deôntica para um destinatário ainda não muito especificado. As orações religiosas possuem uma marcação dêitica da pessoa *eu*, mas são realizadas simulando uma cena muito consagrada: o pedido de bênçãos a Deus, situação de relação com o Absoluto. Após as orações religiosas, estão os enunciados com marcação dêitica da pessoa *eu*, instaurando uma cena comum: o falar de si. Em Homenagens, outra instância entra em cena: aquela instanciada pelos marcadores da pessoa *tu*, porém sem muita especificidade. Por fim, em Homenagens específicas, a instância *tu* é especificada e singularizada, ferindo tanto os indícios aspectuais como a cena enunciativa aforizante, que não implica uma correlação de papéis enunciativos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa sobre enunciados tatuados, deparamo-nos com diversas construções e estruturas variadas, de maneira que o aprofundamento nestas comporia somente uma parcela não muito significativa do córpus. O aspecto mais trabalhoso nesta pesquisa foi procurar certo nível de abstração o suficiente para que nossas contribuições fossem suficientemente representativas. Dito isso, há diversos caminhos para pesquisa com esse objeto de estudo, especialmente no que tange à relação de aderência entre enunciados inscritos em tatuagens e suas ligações com diversas partes do sujeito, não somente o corpo.

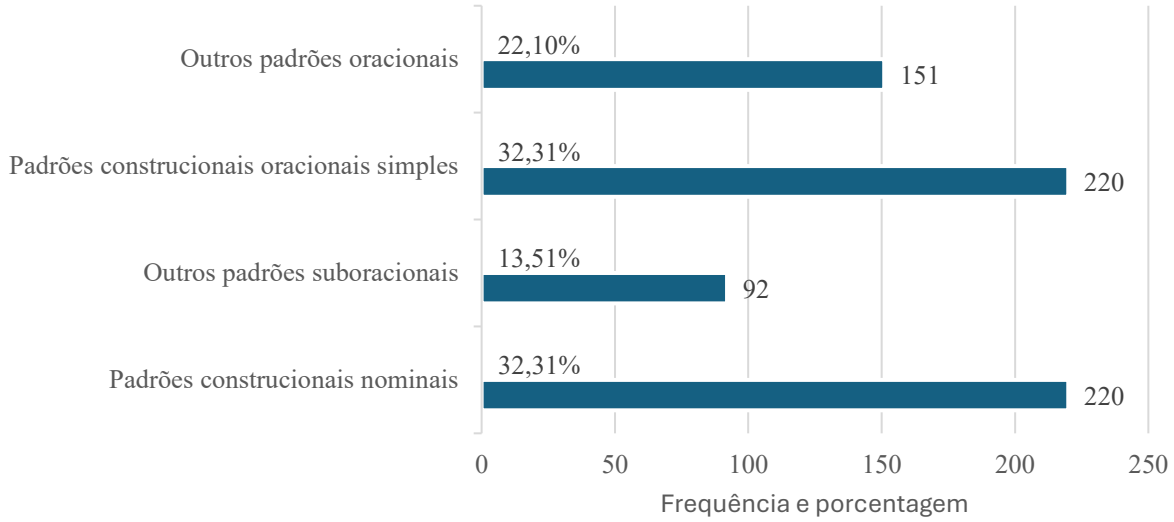
De todas as categorias elencadas, pudemos somente defini-las de forma geral, sem mencionar com mais profundidade casos em que claramente há lógicas diferentes em jogo, como as tatuagens que representam perguntas retóricas (“se orgulharia do adulto que você se tornou?”) ou tatuagens sem fonte recuperável que se mostram como diálogos ou falas abertamente retiradas de um diálogo (“- O GABI AMA O PAPAI MAIS QUE O QUÊ? -mais que o sol e o mar” e “confia em mim que eu tenho um plano”, por exemplo), dentre outras tatuagens com aspectos formais diferentes, porém menos frequentes.

Quanto aos resultados deste trabalho, pudemos obter algumas conclusões gerais: os enunciados aderentes, quando contíguos a um suporte como o humano, podem estabelecer relações diferentes conforme sua forma linguística e pelo simples fato de um sujeito ser composto não somente por seu corpo, mas pela sua história, ou seja, sua forma de agir, sua narrativa individual e seus valores. Parece-nos que alguns enunciados aderentes criam uma relação de aderência diferente com esses aspectos: os padrões construcionais nominais, especialmente aqueles que evocam uma Propriedade (f), aparentam aderir aos valores e aos caminhos do tornar-se do sujeito; os adjetivais rotulam a personalidade, a ascendência, as origens, ao destino etc. de um sujeito, enquanto os padrões adverbiais aderem à forma de ser de seu suporte.

Os padrões oracionais já estão no nível da enunciação, então podem dizer respeito a essas funções gerais da tatuagem, ao mesmo tempo que podem ser apropriados pelo sujeito como locutor. Ainda assim, elas dizem respeito às funções gerais da tatuagem, funções estas adaptadas do capítulo de significados subjetivos da tatuagem, escrito por Le Breton (2004).

Alguns padrões construcionais são mais frequentes em nosso córpus: o padrão construcional suboracional nominal, o padrão construcional oracional simples e, situado na categoria de padrão simples, os padrões biargumentais e, mais especificamente, a construção relacional. O gráfico a seguir proporciona uma visão geral de seu impacto quantitativo.

Gráfico 6 – Relação quantitativa entre os padrões construcionais simples e os padrões construcionais nominais com outros padrões



Fonte: elaborado pelo autor

Os padrões construcionais nominais, em sua relação de aderência com o sujeito, podem sinalizar valores e estados psicológicos buscados pelo indivíduo-suporte, diferentemente dos padrões construcionais adjetivais, que rotulam e caracterizam algo que o indivíduo suporte já é. Parece-nos, aqui, de maneira bem geral, que esses padrões representam essa tentativa do sujeito hipermoderno de estabelecer referências para si mesmo de forma mais duradoura, ou seja, eternizadas na pele. Diferentemente da tentativa de caracterizar-se como algo, a autonomia conceptual inerente aos substantivos, ou seja, sua independência em termos de possuir o estatuto de *coisa*, em oposição ao estatuto de *relação*, dependente de outras entidades, pode estabelecer uma relação de busca, de ainda não ter alcançado esse estado, ou de tê-lo esquecido, de forma a relembrá-lo eternamente na pele justamente pelo fato de sua aderência ser mais uma evocação dessas entidades do que uma forma de estabelecer uma relação entre uma característica e o suporte. Parece-nos, portanto, que essa tentativa condiz com a conjuntura hipermoderna: a queda de referentes axiológicos impõe ao sujeito que busque seus referentes individualmente e se atenha a eles perante as condições de desorganização social que a condição hipermoderna propicia, de forma que, não mais caracterizando-se como tal, o sujeito busque sempre se aproximar dessa propriedade ou desse estado.

O padrão construcional oracional simples de construções relacionais, rotulado como [([SUJ]) V_{REL} [SN/SAdj/SP/SAdv]$_{PRED}$], expressa outro efeito de sentido: o de relacionar duas entidades, sem necessariamente relacioná-las diretamente ao indivíduo-suporte, de forma a

caracterizá-las como outra coisa, fórmula utilizada por Halliday e Matthiessen (2014), em que "é dito que algo 'é' outra coisa" (p. 26). A preferência pelo uso desse tipo de predicação pode indicar que ainda haja uma necessidade de caracterizar certas entidades no mundo por uma perspectiva diferente, ou de assentar a visão que o indivíduo sujeito busca ter a respeito de suas circunstâncias. Os exemplos são vários: "dor é aprendizado", "a vida é hoje", "fé é perder o controle" etc. Além disso, a combinação desses padrões com a construção imperativa nos fez retornar à noção evocada pelos padrões construcionais nominais: a de busca para se atribuir uma propriedade ou se colocar em um estado específico, axiologicamente valorizado: "Seja forte e corajosa", "Seja luz" etc.

Todas essas ocorrências parecem traduzir uma busca incessante por sentido em uma sociedade hipermoderna, seja por meio de imposições de certas perspectivas com relação a outras entidades do mundo, como a dor, a vida e a fé, seja por estabelecer a si mesmo os parâmetros de como viver: sendo leve, sendo forte e corajoso, sendo "luz". Essas frequências elevadas indicam não só uma preferência por certas construções em detrimento de outras, mas, principalmente, pelas condições gerais sócio-históricas nas quais o sujeito se encontra inscrito.

Outra observação importante é referente às ocorrências paratáticas e subordinadas, o que, parece-nos, que construções complexas na tatuagem são, em sua maioria, possíveis particitações (Maingueneau, 2008), ou seja, enunciados que necessitam de uma certa manutenção do significante, já que a única forma de sinalizar a citação e a fonte é por meio da conservação deste. As construções oracionais complexas subordinadas possuem, em sua maioria, relativas livres, que são um recurso linguístico de generalização da referência.

Há, além disso, muitos recursos de generalização, como o presente atemporal e as referências genéricas. Nos padrões suboracionais, a quantidade de ocorrências sem especificação pode levantar questões de relações de aderência. O que nos parece, dessa forma, é que, como são enunciados aderentes, a natureza do suporte e dos materiais intervém nesses padrões linguísticos, de forma a permitir, quando os enunciados não são dedicatórias ou quando não são particitações, o uso de padrões mais generalizantes justamente para serem aplicáveis a diversos momentos da vida do indivíduo-suporte.

Dessa maneira, diferentemente dos enunciados na embalagem de um produto em relação mercantil, aderir a um sujeito requer muito mais cuidado, devido à sua irredutível multiplicidade, em forma de angústias, valores, desejos, relações, lembranças, autoimposições etc. A relação de aderência no conceito de enunciados aderentes implica exatamente essa visão: mediante a mudança de estatuto de seu suporte, os enunciados que aderem a ele também se modificam.

Os resultados desta pesquisa contribuem para um melhor detalhamento da noção de enunciados aderentes, especialmente quando o suporte é um indivíduo que expressa sua personalidade. A noção de enunciados aderentes, além disso, é munida de explicações para comportar os resultados: enquanto um enunciado em uma embalagem numa relação mercantil possui uma função determinada, o indivíduo-corpo pode comportar diversos enunciados que dizem respeito a diversas facetas de sua experiência, porém, conforme seu estatuto na sociedade e na conjuntura sócio-histórica varia, seus enunciados aderentes também o fazem. Esses aspectos, já previstos pelo conceito de enunciado aderentes, nos permitiram não somente relacionar o linguístico ao histórico-social, como explicar tendências nas tatuagens escritas. A legitimação dos enunciados por uma *doxa*, a entidade que apropria desse suporte e a modificação dos enunciados mediante o estatuto de seu suporte implicam certas coerções linguísticas e de interpretação, as quais foram exploradas nos capítulos anteriores.

Para futuras pesquisas, será necessário, primeiramente, buscar mais informações acerca do sentido dos enunciados aderentes tatuados, provavelmente por meio de entrevistas com o sujeito que tatuou certo enunciado, de forma a esclarecer, confirmar ou infirmar certas hipóteses estabelecidas. Outros encaminhamentos possíveis são análises mais específicas de cada padrão construcional e sua relação de aderência ao corpo, além de possíveis traços de ironia e ludicidade. Há ainda muito a ser feito nesses objetos pouco estudados pela análise do discurso: esperamos que, por meio desta pesquisa, mais passos sejam dados em direção a esse terreno desconhecido.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ALPER, H. *Understanding mantras*. Nova York: State University of New York Press, 2008.

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

ANZIEU, D. *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

ASSOUN, P.-L. *Metapsicologia freudiana*: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

BARONAS, R. L.; MENDES, M. das D. N.; MATOS, J. W. V. Da captação e subversão de provérbios aos enunciados aderentes: uma breve genealogia do estudo discursivo dos enunciados sem texto. *RÉTOR*, v. 15, n.1, p. 37-54, jan.-jun., 2025.

BARROS, L. M. M. de. *Construção correlata comparativa apositiva na perspectiva centrada no uso*. 2022. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral*. v. 2. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BRAGA, S. A tatuagem como gênero: uma visão discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão-SC, v. 9, n. 1, p. 131-135, jan./abr. 2009.

BISIADA, M. From hypotaxis to parataxis: an investigation of English-German syntactic convergence in translation. Tese (Doutorado na Faculdade de Humanidades) – Universidade de Manchester, Manchester, 2013.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição.* São Paulo: Cortez, 2016.

CAMACHO, R. G.; DALL'AGLIO-HATTNHER, M. M.; GONÇALVES, S. C. L. O substantivo. In: ILARI, R. *Gramática do Português culto falado no Brasil*: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014.

CARONE, F. de B. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1988.

CARVALHO, G. C. Relações de herança das construções de posse: extensões de sentido entre construções com verbos plenos e construções de sentimento com verbos leves. *Revista de Estudos da Linguagem*, [S.L.], v. 25, n. 4, p. 1905-1933, 2014.

CASTILHO, A. T. de; ILARI, R.; NEVES, M. H. de M.; BASSO, R. M. O advérbio. In: ILARI, R. *Gramática do português culto falado no brasil*: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso.* São Paulo: Contexto, 2020.

CHARLES, S. O individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. In: CHARLES, S.; LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

COSTA, L. A. *A construção existencial no português*. 2022. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

COURTINE, J.-J. (Org.). *História do corpo*: as mutações do olhar – o século XX. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DANGELO, J. G.; FATTINI, C. A. *Anatomia humana básica*. São Paulo: Editora Atheneu, 2001.

DETER-WOLF, A. et al. The world's oldest tattoos. *Journal of Archaeological Science*: Reports, v. 5, p. 19-24, 2016.

DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DUARTE, Leticia Rocha. *A ioga do professor Hermógenes*: mediações culturais. 2009. 95 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2009.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

FERREIRA, B. G. P. *Construção relacional: estado, mudança e resultado*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, v. 64, n. 3, p. 501-538, set. 1988.

FIORIN, J. L. *Figuras de Retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 2008.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14.

FREUD, S. O eu e o id. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 16.

FRIED, M.; NIKIFORIDOU, K. *The Cambridge handbook of Construction Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2025.

GIVÓN, T. *Syntax*: An Introduction. Amsterdam: John Benjamins, 2001. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

GOLDBERG, A. E. *Constructions*: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructions: a new theoretical approach to language. *TRENDS in Cognitive Sciences*, v. 7, n. 5, p. 219-224, maio, 2003.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work*: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Explain me this*: creativity, competition, and the partial productivity of constructions. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GONÇALVES, S. C. L.; FARIA, M. H. V. de. Mudança cosntrucional pós-construcionalização de “a gente” e “você” no português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 207-226, 2021.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. Oxfordshire: Routledge, 2014.

HARRIS, Z. S. Discourse analysis. *Language*, v. 28, n. 1, p. 1-30, 1952.

HAY, L. L. *O poder das afirmações positivas*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2005.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar*: A Typologically-Based Theory of Language Structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HJELMSLEV, L. *Ensaios linguísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

IASBECK, L. C. A. *O Slogan Publicitário*: Uma Análise Semiótica. São Paulo: Annablume, 2002.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2003.

KEIZER, E. Referring in Functional Grammar: how to define reference and referring expressions. *Working papers in Functional Grammar*, n. 43, set. 1991.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAHIRE, B. Campo. In: CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M. A.; HEY, A. P.; MEDEIROS, C. C. C. de. (Orgs.) *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago, 1987.

LANGACKER, R. W. Syntactic reanalysis. In: CHARLES, N. L. *Mechanisms of syntactic change.* Austin, TX: University of Texas Press, 1977, p. 57–139.

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar*: a basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo*: antropologia e sociedade. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE BRETON, D. *Sinais de identidade*: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Via Editora, 2004.

LE GOFF, J. *A nova história*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LEHMANN, C. Towards a Typology of Clause Linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Eds.). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LIPOVETSKY, G. *A Sociedade da Moda.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. *A estetização do mundo*: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2015.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, D. A noção de hiperenunciador. In: MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, D. Citação e destacabilidade. In: MAINGUENEAU, D. A noção de hiperenunciador. In: MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Doze Conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Enunciados aderentes*. São Paulo: Parábola, 2022.

MAINGUENEAU, D. *Frases sem texto*. São Paulo: Parábola, 2014.

MAINGUENEAU, D. *Variações sobre o ethos*. São Paulo: Parábola, 2020.

MARTINS, N. S. *Introdução à Estilística*: a expressividade na língua portuguesa. São Paulo: Edusp, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MÓDOLO, M. Orações correlatas. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *A Construção das orações complexas*. São Paulo: Contexto, 2023.

NEVES, M. H. M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NEVES, M. H. M. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2022.

PAVEAU, M.-A. *Análise do discurso digital*: dicionário das formas e práticas. Campinas: Pontes, 2021.

PAVEAU, M.-A. Uma enunciação sem comunicação: as tatuagens escriturais. *Revista Rua*, Campinas, v. 1, n. 16, Junho 2010.

PAVEAU, M.-A.; SARFATI, G.-E. *As grandes teorias da linguística*: da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.

PÉREZ, A. L. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *MANA*, v. 12, n. 1, p. 179-206, 2006.

PEZATTI, E. G. Clivagem e construções similares sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 112-126, jan-abr 2013.

PEZATTI, E. G.; LONGHIN, S. R. As orações coordenadas. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *A construção das orações complexas*. São Paulo: Contexto, 2023.

PITTS-TAYLOR, V. Social brains, embodiment and Neuro-Interactionism. In: TURNER, B. *Routledge handbook of Body Studies*. Milton Park: Routledge, 2012.

POSSENTI, S. Alguns conceitos propostos por Dominique Maingueneau. *RÉTOR*, v. 15, n. 1, p. 123-134, jan.-jun, 2025.

REBOUL, O. *O Slogan*. São Paulo: Cultrix, 1975.

RIBEIRO, R. M. P. As construções resultativas nas línguas românicas: um estudo com base na Gramática Cognitiva das Construções. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 95-113, 2015.

RODRIGUEZ, L. da S.; CARRETEIRO, T. C. O. C. Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v.26, n.3, p.746-55, dez. 2014.

SHILLING, C. *The body and social theory*. Londres: SAGE Publications, 2003.

SILVA, J. R.; OLIVEIRA, A. C. F. C. O adjetivo no português brasileiro contemporâneo. *Ver. Estud. Ling*., Belo Horizonte, v. 30, n. 2, p. 1056-1102, 2022.

SOUZA, F. L. G. de. *História da tatuagem no Brasil*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2020.

SWEETMAN, P. Modified bodies: texts, projects and process. In: TURNER, B. *Routledge handbook of Body Studies*. Milton Park: Routledge, 2012.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TURNER, B. *Regulating bodies:* essays in Medical Sociology. Londres: Routledge, 1992.

TURNER, B. *Routledge handbook of Body Studies*. Milton Park: Routledge, 2012.

WEINBERG, D. Social Constructionism and the body. In: TURNER, B. *Routledge handbook of Body Studies.* Milton Park: Routledge, 2012.

XATARA, C. M. Provérbio: forma e conteúdo. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 41, 1993, Ribeirão Preto. *Anais de Seminários do GEL*, São Paulo, 1994, v.2, n.23, p.1457-1463.

XAVIER, F. C. *Bezerra, Chico e você*. Rio de Janeiro: S/C Editora, 1973.

DADOS CURRICULARES

IDENTIFICAÇÃO	
Nome completo	Ubiratã Arruda de Aquino Tubis Martins
Data de Nascimento	01/05/1999
Nacionalidade	Brasileiro
Nome em citações bibliográficas	MARTINS, Ubiratã Arruda de Aquino Tubis MARTINS, U. A. de A. T.
Currículo Lattes	https://lattes.cnpq.br/7298569108580392
ORCID	https://orcid.org/0000-0001-9222-3946
ResearcherID	OUJ-3433-2025